



Claudionor de Andrade



A RAÇA HUMANA

Origem, Queda e Redenção

A RAÇA HUMANA

Origem, Queda e Redenção

Claudionor de Andrade

1ª edição



CPAD
Rio de Janeiro
2019

Todos os direitos reservados. Copyright © 2019 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Cristiane Alves

Revisão: Daniele Pereira / Miquéias Nascimento

Capa, projeto gráfico e editoração: Elisangela Santos

Conversão para ePub: Cumbuca Studio

CDD: 240 - Moral cristã e teologia devocional

ISBN: 978-85-263-1973-8

ISBN digital: 978-85-263-1982-0

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 2009, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <http://www.cpad.com.br>

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ

CEP 21.852-002

1ª edição: 2019

Sumário

Introdução

Capítulo 1 - Adão, o Primeiro Homem

Capítulo 2 - A Criação de Eva, a Primeira Mulher

Capítulo 3 - A Natureza do Ser Humano

Capítulo 4 - Os Atributos do Ser Humano

Capítulo 5 - A Unidade da Raça Humana

Capítulo 6 - A Sexualidade Humana

Capítulo 7 - A Queda do Ser Humano

Capítulo 8 - O Início da Civilização Humana

Capítulo 9 - O Primeiro Projeto de Globalismo

Capítulo 10 - Só o Evangelho Muda a Cultura Humana

Capítulo 11 - O Homem do Pecado

Capítulo 12 - Jesus, o Homem Perfeito

Capítulo 13 - O Novo Homem em Jesus Cristo

Introdução

Por que a Doutrina do Homem?

Ao iniciar o comentário das *Lições Bíblicas de Adultos* da Escola Dominical, cuja temática este livro toma emprestada, defrontei-me com um desafio e, mais adiante, com um prêmio. Um desafio, porque não é fácil dispensar um tratamento adequado à doutrina do homem, conforme a encontramos na Bíblia Sagrada. Todavia, não deixa de ser um prêmio, pois a antropologia bíblica é apaixonante, instigadora, confiável e verdadeira; descreve fidedignamente a trajetória humana do Éden à Jerusalém Celeste. No escopo desse ensino, há uma nota de inefável consolo: o que perdemos no Gênesis, o Senhor Jesus no-lo restitui no Apocalipse. No Cordeiro Imaculado, não há perdas, mas ganhos eternos.

Logo nas primeiras linhas deste trabalho, lembrei-me de que o diretor-executivo da Casa Publicadora das Assembleias de Deus, Ronaldo Rodrigues de Souza, nutre um carinho especial por essa doutrina da Sagrada Escritura. E, nesse quesito, também comungo com o irmão Ronaldo, que, aliás, é um dos leitores mais zelosos e persistentes da Palavra de Deus que conheço. Ele não se limita a lê-la; vive-a em seu dia a dia. Além disso, é professor de teologia e sabe escrever com admirável propriedade.

Já imbuído de minha responsabilidade, orei, entreguei-me à meditação, debrucei-me sobre o esboço da revista e comecei a escrevê-la. Passados cinco meses, ei-la pronta. Faltava, agora, o livro que a acompanharia. Apesar de carregar o mesmo tema, este não poderia limitar-se a ser uma mera e descuidada extensão daquela. Como recurso didático, teria de oferecer ao professor um subsídio bíblico, teológico, exegético, pastoral e histórico, que o ajudasse a lecionar com excelência a matéria proposta.

Como faço em todas as minhas obras, roguei ao Senhor Jesus que me ajudasse a iniciá-la, sequenciá-la e a concluí-la com o amor e a distinção que o povo de Deus requer e merece. Aprendi logo cedo que, na feitura de um livro, não podemos ser remissos nem relapsos; constrange-nos o Senhor a darmos o melhor de nós, a fim de que sua Igreja seja solidamente alicerçada.

Voltemos à questão inicial.

Por que a doutrina do homem constitui um desafio? Antes de tudo, tenhamos em mente uma premissa áurea: a antropologia tem de ser bíblica e genuinamente teológica; há de repousar em Deus, o Criador de tudo que existe. Logo, ela jamais poderá usurpar o posto da teologia propriamente dita, por uma razão bastante simples: o centro de todas as coisas é Deus, e não o homem. Se invertermos tais valores, acabaremos por divinizar o homem e humanizar a Deus; criaremos, enfim, um “deus” que em nada difere de nós.

Na Grécia de Homero, não havia distinção alguma entre teologia e antropologia, pois homens e deuses confundiam-se. As divindades do Olimpo eram meras extensões de seus adoradores. Como, pois, haveria Zeus de requerer santidade e pureza de seus adoradores? O “pai de todos” não passava de um bufão afamado por seus adultérios, intrigas e excessos.

Em Homero, não sabemos onde começa a teologia e onde termina a antropologia. Nele, homens são divinizados, e deuses, humanizados. Concupiscentes e rancorosos, os divinos eram piores do que os humanos. Por que, então, poetas como Homero e Hesíodo ainda são enaltecidos como teólogos? Tal honraria é-lhes imprópria, pois não passavam de meros santeiros. No amanho da pena, iam rimando soberbas, prostituições, incestos, infanticídios, roubos e assassinatos cometidos diariamente no Olimpo e, diariamente, replicados na Terra por seus tolos e ignorantes devotos.

Depois de Homero, outros poetas foram surgindo no Ocidente. Vergílio, em Roma, e Camões, em Portugal. Cada um, a seu tempo, continuou a divinizar o homem e a humanar a Deus.

Nos *Lusíadas*, os descobridores portugueses são apresentados como deuses homéricos, e não como seres humanos. Se o vate maior de nossa língua tivesse mostrado os navegantes de Portugal tais quais eram – homens, e não deuses –, seus feitos nem por isso seriam diminuídos. O que nossos ancestrais fizeram, a partir do diminuto território português, bastaria para imortalizar-lhes as façanhas. Mas, como a mente poética é mais mito do que história, ficamos sem saber o que realmente fizeram aqueles varões tão “valerosos e assinalados”.

Não foram apenas os poetas que se deram ao ofício de divinizar homens e mulheres. Alguns teólogos cristãos também se entregaram a esse *myster*. Fizeram-se tão santeiros como os esculpidores de imagens que existem nos interiores do Brasil. Este um pouco mais sofisticado; aquele mais tosco; aqueloutro, nem renascentista nem barroco: um misto de tudo. E, assim, da pena desses teólogos e do barro daqueles escultores vão surgindo “santos” e “santas” com a mesma profusão que os poetas antigos plasmavam deuses, semideuses e heróis.

No trabalho dessa gente, até o Menino Jesus foi submetido a uma longa e tediosa santimônia. Em minha viagem ao Egito, ouvi dizer que o Sagrado Bebê, ao entrar nas terras dos faraós, operou alguns sinais para agradar aos seus anfitriões. Aliás, quem já não ouviu alguma estorinha bonita e piedosa do Jesus Criança? O Filho do Altíssimo, todavia, dispensa mitologizações; suas palavras e obras, registradas nos quatro evangelhos canônicos, são mais do que suficientes para provar que Ele, de fato, é o Unigênito de Deus. Na verdade, Ele só veio a realizar sinais e maravilhas após ter sido ungido pelo Espírito Santo, no batismo de João (Jo 1.31-34; 2.11).

A mitografia católica, insaciável como o verso de Homero e a métrica de Vergílio, cobriu de lenda a Maria, mãe de Jesus, colocando-a no nicho de Afrodite. E, hoje, tem a humilde judia de Nazaré um altar em cada recanto católico. Milagres e portentos são-lhe atribuídos. Por que esse folclore todo? Ela dispensa ladainhas e narrativas apócrifas. O fato mais notável de Maria foi o de ela ter aceitado o plano divino para a sua vida. Será que a encarnação do Filho de Deus, em seu ventre, já não basta para honrá-la como o primeiro ser humano a receber a Jesus Cristo como Messias e Redentor? A concepção virginal de Jesus foi o maior milagre já registrado na História Sagrada.

Cabe indagar, aqui, como está a nossa antropologia. Embora tenhamos a Bíblia Sagrada como a inspirada, inerrante e completa Palavra de Deus, nem sempre praticamos a autêntica antropologia do Antigo e do Novo Testamentos. Não pense você, querido leitor, que a antropologia dos santos profetas e apóstolos serve apenas para guarnecer-nos a mente e ilustrar-nos o espírito. Devemos tê-la presente em nosso dia a dia. Aliás, temos de colocá-la em prática assim como fazemos com os demais ensinos e doutrinas dos profetas e apóstolos.

Às vezes, esquecemo-nos de praticar a verdadeira antropologia. Segundo o ensino bíblico, sabemos que o homem foi criado à imagem e à semelhança de Deus. Mas, no âmbito eclesiástico, colocamo-nos acima do próprio Deus. Portamo-nos como o rei de Babilônia descrito por Isaías. Queremos refestelarmo-nos acima do trono de Deus. Eis por que, de quando em quando, experimentamos quedas espetaculares e públicas. Já espatifados na presença de homens e anjos, constrangemo-nos a recolher os cacos de nossa carreira ministerial.

Para que isso jamais venha a acontecer foi que resolvi escrever este livro. Nestas páginas, quero mostrar o homem como no-lo apresenta a Bíblia Sagrada. Não quero apresentar o homem como o lobo do homem, nem como o bom selvagem. Desde o primeiro capítulo, farei questão de

apresentá-lo como imagem e semelhança de Deus. E que, apesar da Queda, no Éden, pode ser redimido, no Calvário, pelo sacrifício de Jesus Cristo, o Homem Perfeito. Que Deus nos ajude nesta obra, pois o nosso intuito é o mesmo de Paulo: “até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4.13, ARA).

Que tenhamos sempre, em mente, a imagem de Jesus Cristo, Verdadeiro Homem e Verdadeiro Deus.

Pr. Claudionor de Andrade

Rio de Janeiro, outono de 2019.

Capítulo 1

Adão, o Primeiro Homem

Em minha peregrinação às terras bíblicas, que teve início em 12 de maio de 2019, não vi fronteira alguma entre o Ocidente e o Oriente. Apesar dos muitos idiomas que ressoavam aqui e ali, não observei diferenças significativas entre o gargalhar de um americano e o choro de um russo. Vi risos; ouvi soluços. Mas como saber se este riso era brasileiro e se aquele soluço era alemão ou árabe?

Em Jerusalém, deparei-me com um judeuzinho de apenas três anos a choramingar ao pé de uma escada. Todos queriam ajudá-lo, pois todos viam, naquele garoto frágil e desamparado, o filho que não estava ali, o neto que ficara em casa ou o sobrinho querido que, nalgum momento, lhe pedira uma lembrancinha da Cidade Santa. Numa babel de solicitudes, buscávamos ajudar aquele filhinho de Abraão. Uns acudiam em inglês; outros, em espanhol; ainda outros, em búlgaro. Os membros de minha equipe condoíam-se num português, que lembrava todas as línguas. De repente, aproxima-se uma senhora israelense, num hebraico maternal e decidido, toma o menino nos braços e põe-se a socorrê-lo.

Ali, não muito distante do Muro das Lamentações, constatei não haver diferenças substanciais entre os seres humanos. O Ocidente e o Oriente são meras demarcações geográficas; não são limites psicológicos nem emocionais. Naquele cadinho de culturas, pude comprovar que judeus e árabes são tão irmãos quanto o índio ainda escondido na Amazônia ou o tribal oculto no Congo.

Enfim, para desespero de muitos, somos todos filhos de Adão e Eva. No primeiro Adão, pecamos; no segundo Adão — Jesus Cristo —, somos plenamente redimidos. A salvação veio de Israel, mas não se deteve

naquelas fronteiras de arcanos e profecias; incluiu todo o mundo, porquanto o mundo todo sempre foi objeto do amor de Deus.

Dessa reflexão, o que podemos concluir? A doutrina do homem que, a partir de agora, passaremos a estudar, serve para todos os seres humanos. Nesse ensino maravilhoso e único da Bíblia Sagrada, as indagações espirituais, morais e teológicas da raça são plenamente respondidas. Que Deus nos ajude a compreender os mistérios e a obedecer às demandas de sua Palavra.

I. A Doutrina Bíblica do Homem

Quando comecei a estudar teologia sistemática, não imaginava que essa ciência pudesse ser tão prática e devocional. Em meus 17 anos, considerava-a uma disciplina, cuja finalidade era apenas periférica: ornar-me o intelecto e a oratória. Decorridos todos esses anos, passei a vê-la não como um lustre, mas como um exercício espiritual. Quando bíblicamente alicerçada, leva-nos a magnificar o nome de Deus e a exaltá-lo como o Criador e Mantenedor de todas as coisas.

Neste tópico, veremos por que a doutrina do homem constrange-nos a amar a Deus e ao próximo. A fim de a conhecermos com mais propriedade, teremos de defini-la, estabelecer-lhe o lugar no escorço da teologia sistemática, observar-lhe os fundamentos e delinear-lhe os principais objetivos.

1. Definição. A doutrina bíblica do homem é o ensino sistemático das verdades referentes ao ser humano encontradas nas Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos. Essa disciplina tem como objetivo estabelecer o lugar do homem na criação terrena e no Reino dos Céus.

No âmbito da Teologia Sistemática, a doutrina bíblica do homem é conhecida como antropologia — uma palavra técnica formada por dois vocábulos gregos: *antropos*, homem e *logia*, estudo ou discurso racional.

2. O lugar da antropologia na teologia sistemática. O verdadeiro teólogo jamais colocará o homem acima de Deus, pois conhece experimental e pessoalmente o Criador, e não ignora os limites da criatura. Logo, a genuína antropologia bíblica virá sempre depois da teologia em si: a reflexão acerca do Ser de Deus.

Na seara do labor teológico, a antropologia tem de ser bíblica e teológica, porquanto o homem foi criado por Deus e pertence a Deus (Ez 18.4). Todavia, a teologia propriamente dita jamais será antropológica. Os que assim a lavram incorrem na blasfêmia tão comum aos poetas gregos e romanos, que, em seus versos, exaltavam a criatura em detrimento do Criador (Rm 1.25).

Se a teologia sistemática tiver, como capítulo inicial, a antropologia e fizer da antropologia o fundamento de suas reflexões, na verdade, não será teologia, apesar de seu escopo e aparência. Teremos aí uma mera e blasfema antropologia filosófica, posto que o seu autor, ao elaborá-la, não tinha como foco o Ser de Deus — a Teontologia. Quando isso ocorre, não surge apenas uma antropologia filosófica, mas uma teologia liberalizante e antibíblica, que, canonizando o homem como a medida de todas as coisas, profana o nome do Deus Único e Verdadeiro.

Atualmente, alguns esquerdistas católicos, a fim de tornar a Teologia da Libertação mais palatável às Américas Central e do Sul, já começam a dar-lhe um nome que não lembra Marx ou Lênin, mas nem por isso deixa de ser marxista e leninista. Refiro-me à Teologia Ecológica. Condoendo-se das matas e dos bichos, esse arremedo teológico ignora, na prática, os órfãos, as viúvas e os desamparados.

A verdadeira teologia bíblica não é apenas sistemática; é imperativamente orgânica: tem de começar com Deus, o Ser Supremo por excelência, e há de encerrar-se com a manifestação do Reino, que o Pai Celeste vem preparando-nos desde a mais remota eternidade. Em seu

escorço, o homem é apenas um servo; a primazia é toda de Deus em Jesus Cristo.

3. Fundamentos. O principal fundamento da doutrina bíblica do homem encontra-se, obviamente, na Bíblia Sagrada. Inspirados pelo Espírito Santo, os profetas e apóstolos apresentam, com autoridade e clareza, a real hierarquia dos seres. Em primeiro lugar, Deus, o Criador e Mantenedor de todas as coisas. Logo em seguida, aparecem os santos anjos e o ser humano — as criaturas racionais, cuja missão é amar e servir ao Senhor com todo o entendimento.

Além da Bíblia Sagrada, temos como fontes auxiliares o nosso *Credo*, a *Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil* e os livros-texto referendados por nossas autoridades eclesiásticas.

Não nos esqueçamos de que a teologia, para ser válida, tem de ser trabalhada no âmbito da Igreja de Cristo. Quando urdida nas academias, sem a supervisão do Santo Ministério, corre o risco de fazer-se herege e apóstata. A experiência eclesiástica mostra que os apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres, constituídos pelo Espírito Santo, são a garantia da biblicidade e pureza de nossa doutrina (Ef 4.11-14).

4. Objetivos. A teologia sistemática não é um fim em si mesma; não pode limitar-se ao gabinete pastoral, nem deve ser encerrada nos limites estreitos e ditatoriais da academia. A verdadeira teologia bíblica, quer sistematizada, quer por sistematizar-se, há de gerar almas e serviços ao Reino de Deus. Se não o fizer, assemelhar-se-á às múmias que vi no Museu do Cairo. Apesar de encerradas em preciosos sarcófagos, não têm vida; podem ser até admiráveis, como de fato o são, mas nunca lograrão conduzir o pecador, já arrependido, ao Céu.

A antropologia bíblica mostra a sua real utilidade, ao responder às perguntas que boa parte dos seres humanos ainda faz, por ignorar a Palavra de Deus. Daqui a pouco, trataremos dessas indagações. Você e eu, querido leitor, mui provavelmente já as fizemos nalgum período de nossa

vida. Hoje, na condição de ministros do Senhor, não podemos agir como a Esfinge descrita por Sófocles (497-405 a.C.). Temos de responder, sempre com base na Bíblia Sagrada, as indagações que nos são encaminhadas todos os dias.

Com sua cabeça de mulher e corpo de leão, a Esfinge afligia os moradores de Tebas, propondo-lhes um enigma complicado e mortífero: “Que animal anda pela manhã sobre quatro patas, a tarde sobre duas e a noite sobre três?”. Segundo a lenda, muita gente foi devorada pelo monstro. O quebra-cabeça só viria a ser elucidado por Édipo, filho de Laio, rei de Tebas, que, desafiado pela esfinge, respondeu-lhe que o ser humano era o animal em questão. Afinal, o homem, quando bebê, engatinha; no ápice da força, caminha ereto; mas, ao envelhecer, apoia-se numa bengala para ir e vir. Ao invés de ser devorado, Édipo forçou o monstro a precipitar-se num abismo.

Em minha estada no Egito, já nas bordas de Gizé, deparei-me com uma colossal estátua semelhante à de Sófocles. Esta não tinha cabeça de mulher; trazia a carranca do faraó que lhe custeara o fabrico. Suas feições, conquanto mudas, eram cheias de ruindades e indiferenças; o nariz quebrado aumentava-lhe a ferocidade da catadura. Pelo jeito com que os turistas olhavam-na, tive a impressão de que ela repetia a mesma pergunta de sua congênere de Tebas.

A esfinge de Sófocles, ao propor o enigma aos habitantes de Tebas, era teológica ou antropológica? A questão era, sem dúvida alguma, antropológica: descrevia admiravelmente a peregrinação do ser humano na terra dos viventes. Mas, ao formulá-la, não era nem teológica nem antropológica, mas zoológica, pois não via, na criatura humana, a imagem e a semelhança de Deus. Aos seus olhos, o Criador e o homem não passavam de meros animais — o segundo cópia do primeiro; ambos descartáveis e prontos a ser devorados pela incredulidade. Não foi o que Paulo escreveu aos romanos (Rm 1.20-23)?

A esfinge de Sófocles é o fiel retrato de alguns teólogos que andejam por nossos arraiais. Em seus livros, apostilas e sermões, ao invés de proclamar a mensagem da cruz, arvoram-se como a Esfinge de Tebas. São altivos e soberbos, e propõem os mais loucos enigmas ao povo de Deus. Exibindo um hebraico que não possuem e ostentando um grego que não conhecem, assombram a congregação, alegando que só podem entrar nos arcanos divinos os que conhecem os profetas e os apóstolos no original. Assemelham-se eles aos gnósticos, que, mentindo, ensinavam estar o conhecimento divino limitado a uma elite privilegiada. E, dessa forma, desconstruindo a Palavra de Deus, afastam os santos dos Céus e lançam, no Lago de Fogo, os que anseiam pela salvação em Jesus Cristo. O Filho de Deus, porém, no auge de seu ministério terreno, enalteceu o Pai por revelar os mistérios da salvação aos simples e pequeninos: “Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos” (Mt 11.25).

O objetivo da antropologia, genuinamente bíblica, não é propor enigmas, mas responder às perguntas que o ser humano, desde a sua expulsão do Éden, não cessa de formular: Quem sou eu? De onde vim? O que represento? Qual a minha missão? E para onde vou? Existe realmente um Ser Supremo a quem devo prestar contas de meus atos?

Além disso, a antropologia bíblica mostra a dependência do homem em relação a Deus, o Criador e Mantenedor de todas as coisas. Sempre com base nos profetas e apóstolos, ela testifica que o ser humano jamais foi um fim em si mesmo. Fomos criados por Deus e postos neste mundo, para administrá-lo de conformidade com as leis e diretrizes que o Senhor nos deixou em sua Palavra — a Bíblia Sagrada. Fomos criados por Deus e para Deus.

Quando nos aprofundamos na antropologia Bíblica, conscientizamo-nos de que ela é amorosamente redentora. Seu principal objetivo é

conduzir-nos à plena comunhão com o Pai Celeste por intermédio de Jesus Cristo, o Homem Perfeito.

Finalmente, a verdadeira antropologia bíblica apresenta-se como um instrumento didático, por meio do qual o Espírito Santo consola-nos quanto ao nosso destino eterno. Somos redimidos pelo sangue de Jesus Cristo. E, hoje, já na condição de filhos de Deus, temos acesso ao trono da graça. Agora, querido irmão, somos coerdeiros dos santos do Antigo e do Novo Testamentos. Nessa condição, somos vistos por Deus como santos e justos; apesar de sermos ainda imperfeitos, somos recebidos, por Ele, como seus filhos amados.

II. A Criação dos Céus e da Terra

Em 2014, encontrava-me internado num hospital do Rio de Janeiro, quando, numa tarde monótona e já prestes a receber alta, recebi a visita de um enfermeiro. Ele adentrou-me o quarto não para medir-me a pressão ou ver-me o nível glicêmico, mas para relatar-me o seu drama.

Além da enfermagem, ele amava os estudos teológicos. E, para aperfeiçoar-se na ciência divina, aquele meu consultante passou a cursar um tradicional seminário no Rio de Janeiro. Mas, no primeiro dia de aula, um professor cheio de si, mas vazio de Deus, declarou aos alunos: “Os senhores estão aqui, não para estudar a Bíblia, nem para orar. Os senhores estão aqui para estudar teologia. Então esqueçam, por exemplo, a história da criação como o Gênesis no-la relata. Isso é mito e lenda”.

Depois de ouvir aquele pobre e perturbado enfermeiro, aconselhei-o: “Deixe esse seminário imediatamente, para você não ter o mesmo destino de seu professor: o Lago de Fogo. Espero que o gentil profissional de saúde haja acatado o meu conselho.

Entre Moisés e aquele professor incrédulo e blasfemo, ficarei com o santo profeta. Divinamente inspirado, o profeta hebreu relata-nos como vieram a existir os Céus e o Universo. Trata-se uma narrativa histórica e literal; não é um conto fantástico nem uma parábola mitológica. Quanto

àquele professor, o que posso dizer? Infelizmente, tais elementos apoderam-se de nossos púlpitos e cátedras, semeando mentiras, heresias e calúnias contra a Palavra de Deus. A seguir, mostrarei por que acredito na literalidade dos 11 primeiros capítulos de Gênesis. Este livro, para mim, é mais lógico do que a ciência.

1. *A criação da eternidade e do tempo.* A fim de tornar possíveis os Céus e a Terra, criou Deus a eternidade; em seguida, chamou o tempo à existência. Não podemos explicar como tudo isso aconteceu, porquanto sempre tivemos a eternidade como uma extensão temporal sem início e sem fim; tal ciência é alta demais para nós (Sl 139.17,18). Afinal, como descrever a criação de algo sem início nem fim?

Neste ponto, devemos ter em mente esta gloriosa premissa: a eternidade só é infinita para nós, seres finitos; para Deus, ela tem limites e fronteiras, pois somente Ele é absolutamente eterno: não teve um dia para existir, nem terá uma noite para inexistir. Deus é absoluta e infinitamente eterno. Eis porque Moisés salmodia esse atributo do Senhor: “Antes que os montes nascessem e se formassem a terra e o mundo, de eternidade a eternidade, tu és Deus” (Sl 90.2).

Não podemos considerar a eternidade suficiente em si mesma; ela seria impossível sem Deus. A eternidade depende do Eterno. Aliás, até um genitor ela tem. Inspirado pelo Espírito Santo profetizou Isaías que um dos nomes do Filho de Deus seria Pai da Eternidade (Is 9.6).

Após criar a eternidade, o Eterno tornou possível aquilo que chamamos de “tempo”. Mas o que vem a ser essa coisa que tanto nos estressa? Podemos defini-lo como a duração relativa das coisas. E, a partir daí, conceber a ideia de presente, passado e futuro. Enfim, é um período contínuo, no qual se sucedem os eventos da História.

2. *A criação dos Céus.* A criação dos Céus precedeu a da Terra, pois, na ordem da criação, esta é citada depois daqueles (Gn 1.1). Levemos em conta que, em Gênesis, temos uma descrição pormenorizada sobre a

formação de nosso planeta, mas quanto a dos Céus, o texto sagrado cala-se mui sabiamente. Há coisas que não precisamos saber (Dt 29.29).

O amado salmista de Israel deixa-nos entrever como veio a existir a morada divina: “Os céus por sua palavra se fizeram, e, pelo sopro de sua boca, o exército deles” (Sl 33.6). Davi, à semelhança de Moisés, nenhum detalhe dá a respeito da formação das mansões celestes. Logo, não podemos assegurar se a dimensão celestial foi criada em um ou três dias. O que sabemos é que os Céus, também, foram criados a partir da Palavra de Deus; não foi necessária qualquer matéria-prima original e eterna, pois tal coisa não existe. Somente Deus é eterno.

Tendo já criado os Céus, o Senhor chama os anjos à vida. À semelhança do homem, eles também foram criados pelo sopro divino. Mais adiante voltaremos a esse assunto. Como os seres celestiais não se reproduzem sexualmente, seus exércitos mantêm o seu contingente inalterável.

3. A criação do Universo. Deus criou a Terra em seis dias literais de 24 horas cada um (Gn 1). Não sei por que é tão difícil, para alguns teólogos, acreditar na literalidade do primeiro capítulo da Bíblia. Quanto a mim, sempre aceitei a historicidade do relato da criação dos Céus e da Terra com simplicidade e candura de espírito, pois sempre o tive na conta de uma narrativa plausível e lógica. Então, por que iria eu forçar a harmonização do criacionismo bíblico com o evolucionismo das academias seculares, para entender a realidade do Universo?

Já li, nalgum lugar, que o *Big Bang*, que teria ocorrido há quase 14 bilhões de anos, durou cerca de dois minutos. Sim, apenas dois minutinhos de 60 segundos cada um. Todavia, foi o suficiente para a grande expansão resultar nas galáxias mais longínquas, no Sol e na Lua de nosso sistema solar e, finalmente, na Terra. Ora, se é fácil para essa gente crer nessa teoria, por que não aceitar, de vez, a narrativa bíblica? Em Gênesis, temos seis dias literais, e não dois minutinhos fantásticos. O que

mais me entristece é que semelhante teoria é ensinada às nossas crianças como ciência, e não como mera hipótese.

A criação dos Céus e da Terra, para nós cristãos, é mais do que um relato; é uma declaração de fé. Eis porque, no *Credo dos Apóstolos*, professamos: “Creio em Deus Todo-Poderoso, criador dos Céus e da Terra”. Em minhas orações, quer no recesso de meus aposentos, quer junto à minha congregação, louvo a Deus pela criação de tudo quanto existe.

III. A Criação de Adão, o Primeiro Ser Humano

Depois de haver criado os Céus e a Terra, delibera Deus, no âmbito da Santíssima Trindade, a criação do ser humano. Do pó da Terra, Ele forma Adão; e, de Adão, Eva: a primeira mulher e mãe da espécie humana.

1. A Santíssima Trindade delibera sobre a criação do ser humano. A Bíblia não diz ter havido qualquer deliberação, no âmbito da Santíssima Trindade, a respeito da criação dos Céus e da Terra. Nem houve concílio algum entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo quanto à formação dos anjos — criaturas racionais bem superiores ao ser humano. É o que inferimos do texto sagrado, pois nenhum profeta ou apóstolo refere-se a uma reunião das Sagradas Pessoas, a fim de ultimar a criação dos seres celestiais.

No que tange, porém, à criação do homem, a Santíssima Trindade deliberou e solenemente decreta: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra” (Gn 1.26).

As Três Pessoas Divinas assim deliberam, porque viam, na encarnação do primeiro Adão, a encarnação redentora do Último Adão — Jesus Cristo, o Filho do Altíssimo. Esse mistério foi muito bem compreendido pelo apóstolo Paulo: “E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da

piedade: Deus se manifestou em carne, foi justificado no Espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, recebido acima na glória” (1 Tm 3.16, ACF).

O apóstolo Paulo ainda traça um belíssimo paralelo entre Adão e o Senhor Jesus Cristo: “O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente. O último Adão, porém, é espírito vivificante” (1 Co 15.45).

Observemos que, nas Escrituras, tanto Adão quanto Jesus são citados como filhos de Deus (Lc 1.35; 3.38). O primeiro foi criado a partir do pó da Terra, pelas mãos do Pai: primeira encarnação. Já o segundo, veio a encarnar-se, no ventre da virgem de Nazaré, por obra e graça do Espírito Santo; segunda encarnação. O primeiro foi alma vivente; o segundo, posto que eterno, será alma vivificante para todo o sempre.

2. *A criação do homem.* No livro de Gênesis, o registro da criação do ser humano ocupa um espaço bem maior do que a narrativa da criação dos Céus e da Terra. No primeiro capítulo, Moisés, inspirado pelo Espírito Santo, descreve como Deus criou, a partir de sua Palavra, os universos invisível e visível. Já no segundo capítulo desse maravilhoso e imprescindível livro, o autor sagrado particulariza como o Pai Celeste formou, a partir do pó da Terra, o homem e a mulher.

É importante destacar que Deus, ao deliberar a criação do homem, tinha em mente não apenas um indivíduo, mas a humanidade em sua plenitude: Adão e Eva, os filhos advindos deste casal, a família, a sociedade e o Estado. A Igreja de Cristo, também, achava-se nesse maravilhoso contexto. Eis por que a criação do ser humano revestiu-se de tanta solenidade, glória e beleza.

Inspirado vividamente pelo Espírito Santo, o profeta Moisés assim descreve a criação do primeiro ser humano: “Então, formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente” (Gn 2.7). Concluímos, pois, dessa passagem sagrada, que o aparecimento do homem, no Universo, não se

deve a um moroso e ridículo processo evolutivo, mas a um ato criativo e imediato de Deus.

Sim, querido leitor, nós saímos diretamente das mãos de Deus; não procedemos de criaturas inferiores e irracionais como o querem os adversários da Bíblia Sagrada. Também não viemos de uma “sopa” gosmenta e execrável, como ensinam os cientistas pós-modernos; fomos trazidos à vida pelas mãos do Pai Celeste. Logo, a nossa primeira referência é o próprio Deus, porquanto Ele fez-nos e dEle somos. O salmista enaltece o Eterno de Israel, reconhecendo-o como Criador e Pastor: “Sabei que o Senhor é Deus; foi ele quem nos fez, e dele somos; somos o seu povo e rebanho do seu pastoreio” (Sl 100.3).

Quão maravilhosa foi a criação do primeiro homem. Ao formá-lo do pó da Terra, contemplava Deus, naquele indivíduo único e singular, não apenas Adão, mas o seu próprio Filho que, como já vimos, é descrito pelo apóstolo como o Último Adão. E, ao assoprar-lhe o fôlego de vida, nas narinas, o Senhor via não apenas o primeiro ser humano, mas os santos de todas as eras da História Sagrada.

Detenhamo-nos nesta cena que o Gênesis permite-nos entrever: o Pai Celeste, após formar o homem do pó da Terra, reclina sobre este e, terna e amorosamente, assopra-lhe, nas narinas, o fôlego da vida. Criador e criatura, face a face; entre ambos, plena comunhão. Ao sentir a vida, provinda do Pai Celeste, o homem estremece, enche os pulmões do mais puro oxigênio e, finalmente, abre os olhos. Ali, diante de si, estava o Autor e Mantenedor da vida (Nm 27.16).

O sopro de Deus trouxe à existência não somente o homem, mas de igual forma a Bíblia Sagrada. Ele assoprou a sua Palavra, inspirada e inerrantemente, e seus queridos servos — profetas e apóstolos — inspiraram-na, trazendo-a para dentro de si com a mesma inerrância e inspiração (2 Tm 3.16; Sl 12.6). Por esse motivo, declaramos ser a Bíblia

Sagrada a inspirada, inerrante, infalível, absoluta e completa Palavra de Deus.

Já prestes a encerrar o seu ministério na Terra, o Senhor Jesus assoprou sobre os discípulos, e disse-lhes: “Recebei o Espírito Santo” (Jo 20.22). E, quando da fundação da Igreja, no Dia de Pentecostes, narra o evangelista Lucas que a chegada do Consolador foi precedida por “um som, como de um vento impetuoso” (At 2.2). Era o sopro de Deus sobre os apóstolos e discípulos, que, reunidos no cenáculo, aguardavam a chegada da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade.

Não fosse o sopro divino sobre o homem, teria este permanecido como uma bela estátua de terracota; existiria, mas nenhuma vida teria. Assemelhar-se-ia ao Davi de Michelangelo. Embora talhado no mais fino dos mármore, jamais deixará de ser um monumento; não poderá barrar a soberba de Golias nem derrotar os filisteus, como o fez o real pastorzinho de Belém.

Que o homem veio da Terra, não resta dúvida. Decompondo-o quimicamente, encontraremos, em seu corpo, os seguintes elementos: oxigênio, carbono, cálcio, fósforo, potássio, enxofre, sódio, magnésio, ferro, cloro, etc. Trata-se, pois, de uma composição tão perfeita, que basta faltar um desses itens, em nosso organismo, para desequilibrar-nos física e psicologicamente. Somente o Deus da Bíblia Sagrada, para criar um ser tão perfeito quanto você e eu, querido leitor.

3. A criação da mulher. Ao ler os dois primeiros capítulos de Gênesis, temos a impressão de que Deus esquecera-se de criar a mulher. E que só veio a atentar a esse pequeno, mas encantador e romântico “detalhe”, depois de observar a solidão e a inquietude de Adão. Mas não foi o que ocorreu. Deus não é um ser reativo, mas excelentemente proativo; nada o surpreende. Por intermédio de Isaías, discorre Ele sobre a sua onisciência: “Que anuncio o fim desde o princípio, e desde a antiguidade, as coisas

que ainda não sucederam; que digo: O meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade” (Is 46.10).

A essas alturas, constrangemo-nos a perguntar: “Por que então, o Senhor, não criou a mulher de imediato?”. Podemos apontar, pelo menos, três razões: uma física, outra psicológica e ainda outra social.

Não resta dúvida de que Deus, ao criar Adão, fê-lo já com o corpo de um homem adulto, na plenitude de sua força. Todavia, foi necessário que o nosso protogenitor dispusesse de um tempo de adaptação, para alcançar a maturidade física e clínica. Doutra forma, como poderia submeter-se ele àquela cirurgia, por meio da qual Deus extraiu-lhe uma das costelas, para que desta formasse a mulher? Sendo Deus o criador do corpo humano, conhece-nos perfeitamente a estrutura física, psicológica e emocional (Sl 103.14).

Além do aspecto físico, temos de considerar também as implicações psicológicas e emocionais do primeiro homem. Se por um lado, tinha ele como referência o Criador, por outro, ignorava totalmente como seria alguém semelhante a si. Mas, com o amadurecimento de sua constituição psicológica e emocional, começou a sentir falta de um ser, de sua própria espécie, para compartilhar suas horas e dias. Teologicamente sabia como manter a mais estreita comunhão com o Senhor. Doravante, contudo, teria de aprender a relacionar-se, também. Com um ser semelhante a si. Esse foi o momento que Deus escolheu para criar a mulher (Gn 2.21-23).

Em seguida, o Senhor Deus, tendo a criação toda por testemunha, celebra o casamento de Adão e Eva: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” (Gn 2.24, ARA).

Tomando essa passagem como norma, e não apenas como narrativa e descrição, afirmamos que o casamento, genuinamente bíblico, é heterossexual, monogâmico e indissolúvel. O matrimônio, assentado nessas bases, é uma benção para os cônjuges, para a sociedade e para o

Estado. Mas, acima de tudo, é uma bênção para a Igreja de Cristo. Não podemos conceber uma congregação formada por lares desfeitos, mistos e fora dos parâmetros da Palavra de Deus. Logo, é indispensável lutarmos pela família cristã em todas as instâncias; sem uma família edificada sobre a Bíblia Sagrada, a humanidade jamais alcançará os objetivos que nos propôs o Criador de todas as coisas.

No capítulo seguinte, trataremos com mais vagar a criação da mulher. Constataremos que o Senhor lhe dispensou uma atenção toda especial. Jamais a teve como um ser inferior ou desprovido de alma; é a nossa coerdeira na vida presente e na eterna.

IV. A Missão e a Tarefa do Homem na Terra

Deus criou Adão, para que o homem desempenhasse as seguintes tarefas: glorificar o Criador de todas as coisas, propagar a espécie e administrar o planeta.

1. *Glorificar a Deus.* Paulo afirmou que Deus criou o homem, para que este viesse a refletir-lhe a glória (1 Co 11.7). Ao contrário dos animais, o ser humano é o único ser vivo criado à imagem e à semelhança de Deus. Por essa razão, toda vez que alguém, seduzido pelo Diabo, adora a criatura em lugar do Criador, atenta contra a santidade e a glória divina (Rm 1.22,23).

Quando cumprimos a vontade de Deus, tornamo-nos instrumentos de sua glória: “E serás uma coroa de glória na mão do Senhor e um diadema real na mão do teu Deus” (Is 62.3). Querido leitor, viva a vontade e o querer do Pai Celeste intensamente; não se desvie de seus caminhos.

2. *Propagar a espécie.* Deus ordenou também ao homem a deixar a casa dos pais e a unir-se à sua esposa, a fim de multiplicar e preservar a espécie humana (Gn 1.28; 2.24). Propagar a raça adâmica é uma obrigação de todo homem e de toda mulher; a povoação do planeta glorifica o nome de

Deus e cumpre o seu propósito quanto à plenitude de seu Reino em todos os âmbitos da criação.

O Senhor tem um forte compromisso com a genuína família bíblica: heterossexual, monogâmica e indissolúvel. Leia, juntamente com a sua esposa e filhos, o Salmo 128. Uma família bem constituída é uma bênção à Igreja e segurança para toda a nação.

3. Governar e administrar o planeta. Deus, em primeiro lugar, criou a Terra e tudo o que nela há (Gn 2.1). Em seguida, criou o homem que, instalado no Jardim do Éden, tinha como missão inicial nomear a todos os animais e guardar o paraíso (Gn 2.15, 19).

A partir dessas tarefas iniciais, Adão haveria de adquirir a experiência necessária para governar e administrar toda a Terra (Gn 1.26). Do solo, extrairia tudo quanto viesse a necessitar, porquanto desse mesmo solo fora tomado. Do planeta que o Senhor nos deu, tiramos o pão que nos mantém vivos e os elementos necessários, a fim de produzirmos as tecnologias mais avançadas e inimagináveis. Que tudo, pois, seja para a glória e honra do nome de Deus.

Conclusão

Neste capítulo, conscientizamo-nos de que tudo quanto existe foi criado por Deus e para Deus. A Ele toda a glória, todo o louvor e todas as ações de graças. Sem o Deus da Bíblia Sagrada, nada do que existe seria real e palpável. Por essa razão, louvemo-lo pela criação de todas as coisas e por nossa própria existência.

Somente Deus torna possível o impossível. Sem Deus, não existiríamos. Desde Adão, o primeiro homem, passou-se aproximadamente, de acordo com algumas cronologias, seis mil anos. E, desde então, vem Deus preservando-nos a vida, segundo declarou o apóstolo Paulo (At 14.15-17).

Capítulo 2

A Criação de Eva, a Primeira Mulher

No capítulo anterior, vimos mui rapidamente como Deus veio a criar Eva a partir da costela de Adão. Agora, deter-nos-emos na teologia que cercou esse tão importante evento da criação. Em primeiro lugar, destacaremos que a mulher sempre esteve nos planos divinos. Aliás, quando a Santíssima Trindade deliberou criar Adão, achava-se Eva também inclusa nessa decisão áurea, pois o substantivo *Adam*, em hebraico, significa não somente homem, mas igualmente ser humano; engloba ambos os sexos.

Ao tratar a criação de Eva com mais atenção, constataremos que a mulher jamais deixou de ter um posto de relevância no Reino de Deus. Isso não significa que ela tem de ocupar, obrigatoriamente, todos os postos que o homem ocupa, mesmo porque não foi criada para concorrer com este; sua tarefa é complementar-lhe a missão. Infelizmente, o feminismo, desconsiderando a Bíblia Sagrada, fez da mulher uma inimiga mortal e irreconciliável do homem, como se um não precisasse do outro. Mas, agindo dessa forma, essa ideologia logrou apenas uma coisa: inferiorizar a mulher numa sociedade cada vez mais brutal e desumana para ambos os sexos.

Que o Espírito Santo nos ajude a estudar este tão belo e imprescindível capítulo da História Sagrada.

I. A Mulher nos Planos Eternos de Deus

Neste tópico, é imperioso mostrarmos o lugar que a mulher sempre ocupou na História Sagrada. Por essa razão, destacaremos esta proposição: tanto o homem quanto a mulher jamais estiveram ausentes nos planos

divinos. Finalmente, realçaremos a presença feminina na tipologia soteriológica da Bíblia Sagrada.

1. *A criação da mulher sempre esteve nos planos de Deus.* Não podemos ver a criação dos Céus, da Terra e do ser humano como um arranjo improvisado de Deus, pois o nosso Criador não é um ente reativo nem débil. Ele é um ser proativo; nada escapa ao seu controle. Em Isaías 46.9,10, o Todo-Poderoso descreve seus atributos naturais e absolutos.

Nenhum processo embaraça ou intimida o nosso Deus. Todas as coisas, quer celestes, quer terrenas, estão sob o seu controle. Nada acontece sem o seu consentimento. Sempre que necessário, Ele intervém na biografia de cada ser humano, nas crônicas das nações e na história do Universo. Ele é Deus!

A criação da humanidade, portanto, já se achava no coração do Pai Celeste, desde a mais remota eternidade. Em sua presciência, já existíamos redimidos e salvos (1 Pe 1.2). Ao deliberar a criação do ser humano, tinha Ele em mente o homem e a mulher, pois a espécie humana requer ambos os sexos para existir.

2. *A mulher e o Cordeiro morto desde a fundação do mundo.* Eis, aqui, uma das passagens mais profundas e reveladoras das Escrituras Sagradas: “E adoraram-na todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (Ap 13.8). Não obstante esse versículo pertencer ao último livro da Bíblia remete-nos não somente ao Gênesis, mas a um período que precedeu a criação dos Céus, da Terra e da humanidade. Quando nada ainda existia, o Pai Celeste via, em sua amorosíssima presciência, o seu Unigênito morto, a fim de resgatar-nos do pecado.

Aqui, somos obrigados a perguntar: “O que essa passagem tem a ver com a criação da mulher?”. Usando a lógica, esse maravilhoso instrumento com que Deus nos dotou o intelecto, raciocinemos: o Cordeiro só poderia ser morto após a sua concepção virginal e encarnação

por obra, e graça do Espírito Santo. Por conseguinte, a Santíssima Trindade contemplava, naquele período eternal insondável, a semente de Eva no ventre de Maria, a virgem de Nazaré. Infere-se, pois, que a criação da mulher, e não apenas a do homem, já estava nos planos eternos de Deus.

3. *A tipologia soteriológica da mulher na Bíblia Sagrada.* Nas Escrituras Sagradas, a mulher não é divinizada, nem vituperada; é apresentada como fiel serva de Deus e auxiliar idônea do homem (Lc 1.38; Gn 2.18). Além disso, é destacada como coerdeira do esposo em relação à vida eterna (1 Pe 3.7). Dessa forma, a mulher é colocada em seu verdadeiro lugar no plano divino; um lugar, aliás, de singular honra; foi o que escreveu o apóstolo Pedro na referência acima citada.

Tendo em vista a importância da mulher no Reino de Deus, veio ela a tipificar, em ambos os Testamentos, o povo do Senhor. Por intermédio de seus profetas, Jeová tratava os hebreus como a Virgem de Israel (Jr 31.4). Se nos voltarmos aos escritos de Jeremias, deparar-nos-emos com uma belíssima descrição da nação israelita, desde o seu cativeiro, no Egito, até ao seu ápice, na terra que manava leite e mel (Jr 2.1-8).

Alguns capítulos mais adiante, o profeta Jeremias mostra a redenção da Virgem de Israel. Embora cativa e andarilha pelas mais distantes nações, o Senhor estende-lhe as mãos; redime-a. E, com singular amor, torna a alojá-la na Terra das Promissões (Jr 31.1-6).

Nos escritos do Novo Testamento, o Espírito Santo mostra o povo de Deus tipificado como a Esposa do Cordeiro: a doce e imaculada Igreja de Cristo. Essa maravilhosa e apropriada tipologia emerge da pena de Paulo e plenifica-se no pergaminho de João (Ef 5.21-33; Ap 21.9).

É claro que, em diversas passagens da Bíblia, várias mulheres, reais ou fictícias, são apresentadas como símbolos de maldade. Aolá e Aolibá, por exemplo, são destacadas como símbolos da prostituição espiritual do povo de Deus; a primeira representa o reino de Israel, as dez tribos do Norte; a

segunda, as duas tribos do Sul, o reino de Judá (Ez 23.4). E o que dizer de Jezabel? Já li, nalgum lugar, que “Jezabel” significa “casta”. Mas nenhuma castidade e pureza encontramos nas duas personagens que aparecem na Bíblia. Tanto a Jezabel do 1º livro de Reis quanto a do Apocalipse eram notórias servas de Baal e de Satanás (1 Rs 16.31-33; Ap 2.20).

Nos livros de Salomão, somos apresentados a duas mulheres que, devido não somente à sua beleza e ventura, mas notadamente às suas virtudes, glorificam em tudo o nome do Senhor. Tratam-se da senhora virtuosa do capítulo 31 de Provérbios e da esposa do livro de Cantares. Entretanto, não discorreremos sobre elas, mas acerca de três outras ilustres mulheres, cujos nomes encontram-se não apenas na História Sagrada, mas principalmente no Livro da Vida. Refiro-me a Eva, a mãe de todos os viventes; a Sara, a mãe dos hebreus e das mulheres fiéis; e, finalmente, a Maria, a mãe de Nosso Senhor.

II. Eva, a Mãe de Todos os Viventes

Não foram muitos os teólogos que souberam avaliar o papel de Eva na História Sagrada. Vemo-la, às vezes, como aquela mulher que, descuidada e curiosa, deixou-se vencer pela velha e matreira serpente. Todavia, a primeira mulher haveria de revelar-se, depois da Queda, como uma sábia e arguta teóloga; ela não teria dificuldades para entender os planos de Deus. Neste tópico, portanto, consideraremos a sua criação, a sua transgressão e sua queda e, por último, o seu trabalho como auxiliar de Deus.

1. A criação de Eva, a primeira mulher. Conforme vimos no capítulo anterior, Deus suscitou a primeira mulher dos costados do primeiro homem. Daquela costela, na qual se achavam as mais perfeitas células-tronco, o Pai Celeste criou Eva, um ser bem semelhante a Adão; uma

ajudadora idônea, sábia e graciosa. Um milagre que ia além da genética; uma perfeição espiritual, psicológica e física.

Cabe, aqui, uma indagação: “Por que teve o Senhor de extrair a mulher do homem? Não lhe seria mais fácil e prático moldá-la a partir do mesmo pó com que Ele, sábio Criador, plasmara Adão, o primeiro ser humano?”. Ora, a resposta não exige muito exercício intelectual. Justamente por ser um Deus não apenas sapientíssimo, mas a própria sabedoria, foi que tirou a primeira varoa do flanco do primeiro varão.

Suponhamos que Eva fosse, à semelhança de Adão, tomada do pó da Terra, e não da costela deste. Nessa hipótese, ainda teríamos dois seres humanos. A humanidade, porém, seria impossível, porque não haveria um tronco genético comum. Além do mais, olhar-se-iam ambos como estranhos, e não como pertencentes à mesma espécie.

Entretanto, como Eva foi tomada de Adão, fizeram-se uma só carne, tornando possível o casamento, a sociedade, o Estado e a própria espécie humana. A doutrina do monogenismo é uma das mais importantes da Bíblia Sagrada, porquanto leva-nos a ver toda a raça humana como una e complementar, e não como um quebra-cabeça irremontável e absurdo. No Areópago, em Atenas, o apóstolo Paulo deixou essa proposição bastante clara aos filósofos epicureus e estoicos (At 17.24-28).

Concluindo, Deus, ao suscitar a mulher do homem, tornou possível a espécie humana. Temos, no Gênesis, pois, não uma parábola mitológica, mas uma narrativa coerente, histórica e, em termos científicos, plenamente aceitável.

2. O abandono de Eva e a sua transgressão. Se não lermos o capítulo três de Gênesis com atenção e discernimento, seremos induzidos a imaginar uma Eva simplória, tola e facilmente ludibriável. Mas essa imagem não corresponde à personalidade de nossa protogenitora. Nos poucos versículos que a descrevem, deparamo-nos com uma mulher sábia, educadíssima e com uma capacidade verbal impressionante. Neste

ponto de nossa exposição, aparecerá alguém com uma pergunta que, embora pareça sábia, não revela sabedoria alguma: “Se a nossa primeira mãe possuía todos esses atributos, e outros que não foram declinados, como pôde deixar-se enganar pela serpente?”.

Não nos esqueçamos de que Eva não foi atraída a discutir com um ser irracional, asqueroso e rastejante como a serpente. Conquanto falasse com o réptil, na verdade, estava ela a dialogar com Satanás, que, ao encantar aquele animal e abrir-lhe a boca, fê-lo verbalizante e palrador. Antes que você me encaminhe outra pergunta, anteciparei a minha resposta: Sim, acredito piamente que a serpente falou, porque, nessa passagem, não há parábola ou apólogo, mas uma narrativa real, verídica e histórica. Se não aceitarmos a veracidade desse relato, teremos de ver como mentira o episódio no qual a jumenta de Balaão falou, repreendendo finamente o profeta grosseiro e louco (Nm 22.21-30).

Tenhamos em mente, pois, de que Eva foi enredada pelo mais arguto dos teólogos: o próprio Satanás que, ao longo da História Sagrada, ganharia outros nomes, apelidos, apodos e alcunhas. Ali, porém, em nada parecia com o Diabo que haveria de tentar Jesus, nem com o Dragão que sairá a seduzir as nações no Apocalipse. Sim, ali, querido leitor, estava um arguto e finório teólogo, com uma experiência de séculos e milênios, a tentar uma solitária mulher que, emocionalmente, ainda não acabara de sair de sua adolescência emocional.

Ao escrever a Timóteo, o apóstolo Paulo esclarece-nos de que Eva foi, de fato, enganada e iludida pela teologia serpenteante de Satanás (1 Tm 2.14). Isso significa que a mulher não se rebelou conscientemente contra Deus, nem caiu na apostasia. Não estou inocentando-a; atenho-me tão somente ao texto bíblico. O próprio doutor dos gentios reconheceu a capacidade teológica de Satanás: “Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também seja corrompida a vossa

mente e se aparte da simplicidade e pureza devidas a Cristo” (2 Co 11.3, ARA).

Querido leitor, antes que você me encarreire outra pergunta, antecipar-lhe-ei mais uma resposta. Eu, particularmente, não considero Satanás um verdadeiro teólogo. Se ele é o pai da mentira, como pode ser verdadeiro? E se não é verdadeiro, como pode ser teólogo? Afinal, a matéria-prima do teólogo genuinamente bíblico é a verdade — Jesus Cristo, Nosso Senhor.

Houve uma época, porém, em que o Diabo, conhecido então como o querubim ungido, era um celebrado teólogo nos Céus; era perfeito em seus conhecimentos divinos. Mas, desde o dia em que se deixou levar pela soberba, passou de teólogo a um perigoso e letal operador da teologia. É bem possível que você já tenha se deparado com gente dessa espécie; alegam conhecer a Deus, mas nunca tiveram um encontro pessoal e experimental com o Senhor.

Infelizmente, Eva deixou-se engodar pela cantilena gnóstica: a busca de um conhecimento além do conhecimento divino. No Apocalipse, tal saber é classificado como as profundezas de Satanás (Ap 2.24). Tendo Eva já comido do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, ofereceu ao marido que, sem relutar e bem consciente do que fazia, também o come. E, comendo-o, transgride e peca contra o Senhor.

Naquele exato instante, abrem-se-lhes os olhos; o homem e a mulher assustam-se com a própria nudez; vergonha e culpa. Vê-se, pois, que o pecado adentrou o mundo por meio de Adão, e não de Eva. É o que o apóstolo Paulo escreve aos romanos: “Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Rm 5.12, ARA). Pobre Eva, como encararia, agora, o juízo divino?

3. *Eva, a auxiliar de Deus.* Calada e indefesa, Eva ouve a acusação do esposo. Alega este que, se não fosse ela, estaria tudo bem; jamais haveria ele de comer ou sequer provar daquele fruto. Aliás, nem para a frondosa

árvore, olharia. O que a mulher poderia apresentar em sua defesa? Limita-se a falar a verdade; não encobre qualquer fato: “A serpente me enganou, e eu comi” (Gn 3.13).

Naquele julgamento, o depoimento de Eva foi o mais sincero e verdadeiro. Sim, a serpente, encantada por Satanás, iludiu-a com uma dialética irresistível; teologia e filosofia fundiram-se malignamente na boca do réptil. Entre as meias verdades e as meias mentiras do Inimigo que, a essas alturas, já era também Diabo, ela quebranta o mandamento divino.

Daquele momento em diante, além dos prejuízos espirituais, morais e emocionais, nossa primeira mãe teria de arcar, igualmente, com incômodos e dores em suas gravidezes e partos. E, finalmente, haveria de enfrentar um momento terminal: a morte física. Qual, pois, a sua perspectiva?

Encerrado o juízo no Éden, ela e o esposo são despejados do jardim. O autor sagrado, para sublimar a elegância e o cavalheirismo de Deus, sutilmente observa: “O Senhor Deus, por isso, o lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado” (Gn 3.23, ARA). Naquele momento, o Supremo Juiz, levando em conta a fragilidade da mulher, tratou-a como um vaso mais fraco, prestes a quebrar-se. Por essa razão, bane-a indiretamente do paraíso, por intermédio de seu esposo, que, de fato, era o grande responsável pela introdução do pecado no mundo, conforme acentua o doutor dos gentios (Rm 5.12).

Por essa razão, Pedro aconselha os maridos a cuidarem da esposa com brandura e lhanza (1 Pe 1.7).

As palavras do apóstolo devem ser devidamente consideradas, porque ele, sendo casado, estava muito bem afeiçoado às lides conjugais.

Ao dialogar com a mulher, por meio da serpente, visava Satanás não apenas levá-la ao pecado, mas aliançar-se espiritualmente com ela, objetivando três coisas: privar o homem de uma companhia idônea e

sábia; frustrar os planos de Deus quanto à humanidade; e, finalmente, extinguir a espécie humana ainda em seu nascedouro. Tais itens, aliás, constituem o fundamento do movimento feminista.

Já imaginou se todas as mulheres fossem inimigas do esposo? Este ficaria privado tanto da companhia feminina quanto de uma descendência, a fim de perpetuar-lhe o nome. Isso fatalmente haveria de acontecer, porquanto ela, ao dar ouvidos à voz do Maligno, rejeitaria ambas as missões para as quais fora criada: a conjugal e a maternal. Consequentemente, a espécie humana não demoraria a ser extinta, pois a mulher, como a nossa matriz genética por excelência, também acabaria por desaparecer. E, dessa forma, os planos de Deus, com respeito à criação da Terra, e também dos Céus, ver-se-iam frustrados.

Ao entabular aquela conversação com Eva, por meio de uma dialética irresistível, Satanás tinha em mente esvaziá-la de toda a sua feminilidade, para entulhá-la de um feminismo perverso e destruidor. Aliás, que feminismo não é destruidor e perverso? Esse é o objetivo do Maligno, presente em todas as agendas globalistas e esquerdistas, será amplamente implementada pelo Anticristo que, declaradamente, é um cruel inimigo do sexo feminino, conforme antecipa-nos o profeta Daniel: “Não terá respeito aos deuses de seus pais, nem ao desejo de mulheres, nem a qualquer deus, porque sobre tudo se engrandecerá” (Dn 11.37).

Para destruir as bases da aliança entre a serpente e a mulher, a essas alturas já bem sedimentadas, o Senhor decreta a inimizade entre ambas (Gn 3.14,15).

Quebrada a fatídica aliança, torna-se Eva auxiliar do Criador. Já fora do Éden, coabita com Adão, concebe e dá à luz o seu primogênito. E, ao embalá-lo carinhosamente, faz-se teóloga, e glorifica a Deus: “Adquiri um varão com o auxílio do Senhor” (Gn 4.1, ARA). Mais adiante, após haver perdido Abel, seu filho caçula, sua teologia chega ao ápice. Conquanto tomada pela dor, enaltece a Deus pela chegada de Sete:

“Deus me concedeu outro descendente em lugar de Abel, que Caim matou” (Gn 4.25, ARA).

Em sua missão de mãe e esposa, Eva alcança, pela fé nos méritos retroativos de Jesus, a salvação de sua alma. Cumpre-se plenamente, em sua vida, o que Paulo escreveria a Timóteo (1 Tm 2.14).

Entre as filhas de Eva, destacaremos, neste capítulo, duas heroínas na fé — Sara, mãe dos hebreus, e Maria, a mãe do Senhor Jesus.

III. Sara, Mãe dos Hebreus e Modelo das Mulheres Fiéis

Acredito que, em toda a História Sagrada, não há mulher tão celebrada por sua beleza quanto Sara. Esposa de Abraão e mãe dos hebreus, seus encantos perduraram além da quarta idade. Embora infértil e já na menopausa, ainda chamava a atenção dos varões daquela região notória por seus haréns e extravagâncias.

Neste tópico, todavia, queremos destacar, além de sua rara beleza, sua esterilidade, riso e virtudes. Mais adiante constataremos que, apesar de todos os seus atributos físicos, o que mais sobressai, nessa admirável mulher, é o seu modelo de piedade e submissão à vontade divina.

1. A beleza de Sara. No universo grego, a beleza de uma mulher, como Sara, seria imediatamente mitologizada por um Homero sempre ávido por modelos que iam além da perfeição. Todavia, os encantos de Sara transcendiam os versos do grego. Era uma estética que, ao invés de provocar guerras, como a de Troia, veio a abençoar todas as nações da Terra.

Segundo a Ilíada, bastou Helena ser raptada uma única vez, para levantar todos os povos gregos contra os troianos. Sara, porém, arrancada do marido duas vezes, não precisou de um Aquiles ou de um Ulisses para defendê-la, pois o próprio Deus levantou-se em seu socorro.

Nesse ponto, cabe uma pergunta que, além de pertinente, pode ser muito esclarecedora: “O que tem a ver a beleza de Sara com a criação da

mulher?”. Antes de tudo, mostra que, não obstante os efeitos da Queda, a mulher continua a ser indispensável ao Reino de Deus. Se, por um lado, há muitas súditas de Satanás que usam seus dotes corporais, a fim de seduzir os incautos, como aquela perversa de Provérbios 7; por outro, há não poucas servas do Senhor que, a exemplo da própria Sara e da rainha Ester, consagram os seus dons e atributos, para glorificar o nome de Deus. Nisso, mostram que o seu corpo, longe de ser instrumento do pecado, é templo do Espírito Santo.

Como veremos mais adiante, a vida de Sara não era marcada apenas pela beleza; carregava ela, naquela estética perfeita, o opróbrio e o peso da infertilidade.

2. A esterilidade de Sara. Nos dias dos patriarcas, a esterilidade feminina era vista como o opróbrio dos opróbrios. Afinal, todo chefe de família gostava de ser reconhecido não apenas por suas riquezas, mas pelo número de seus filhos e netos.

No caso do patriarca Abraão sobrava-lhe prata e ouro, mas faltava-lhe descendentes. Durante 25 anos, desde que saíra de Ur dos Caldeus, em obediência à voz do Senhor, acalentava ele a promessa de que, por intermédio de sua posteridade, seriam abençoadas todas as famílias da Terra; promessa messiânica que haveria de cumprir-se em Nosso Senhor Jesus Cristo.

A esterilidade de sua esposa era, mui provavelmente, causada pela endogamia que, naquele tempo, era muito comum no Oriente Médio. Informa o autor sagrado que Sara era meia-irmã de Abraão. Eram ambos filhos do mesmo pai, mas de mães diferentes. Apesar de o texto bíblico não deixar claro esse assunto, podemos concluir que sim.

Entre os gentios, a esterilidade de uma esposa não constituía qualquer problema, pois o chefe da tribo, uma espécie de régulo, apropriava-se logo de uma concubina ou de uma escrava qualquer, e resolvia a pendência genética. Todavia, como o amigo de Deus deveria agir em tal

circunstância? Ele não era um déspota tribal nem um reizinho qualquer; era o cabeça da nação messiânica por excelência, da qual haveria de nascer o Messias de Israel e Salvador do Mundo.

Mas, acossado pelas circunstâncias, acabou por agir como se fora um dos xeques daquela região. Imitando os poderosos, esqueceu-se do Todo-Poderoso. Nisso, não estava só; entre ele e a esposa, havia um acerto para o erro. Dobrando-se, pois, à sugestão da bela e terna Sara, deitou-se com Agar, a serva egípcia. E, desse infeliz intercuro, nasce o menino Ismael. Devido a esse incidente, Deus o chama à atenção: “Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda na minha presença e sê perfeito” (Gn 17.1).

Enciumada pela gravidez da serva, a bela senhora deixa-se escravizar pelos mais baixos sentimentos: inveja, ódio, intolerância e injustiça. Volve-se contra o esposo, como se este fosse o culpado de tudo. E, em parte, o era. Como sacerdote e profeta do lar, poderia ele tê-la demovido daquele intento. Mas, naquele instante, toda a sua teologia perdera a lógica; a urgência tiranizara-lhe a importância das coisas.

Agora, resolvidos a esperar somente em Deus, já começam a sorrir. De Agar e Ismael, cuidaria aquele que tudo vê e nada ignora.

3. O riso de Sara. A bela e encantadora Sara já era nonagenária, quando lhe nasceu Isaque, o filho da promessa. Não devemos vê-la, porém, como as mulheres que, hoje, logram chegar à casa dos 90 anos. Naquele tempo, as pessoas ainda viviam o vigor dos pré-diluvianos; eram admiravelmente longevas. Abraão, por exemplo, só viria a morrer aos 175 anos de idade.

Nessa avançada idade, Sara conservava ainda a beleza que, outrora, tantos medos e transtornos haviam trazido ao patriarca. Ainda era bela, mas não jovem. Suas rugas e cãs já estavam à mostra; adornavam-lhe o outono da vida. Mas, a essas alturas, o que lhe importava a chegada da velhice? Sobre a nossa heroína já não pesava o opróbrio dos opróbrios. Era mãe de Isaque, cujo nome em hebraico significa *riso*, porque a notícia de

seu nascimento levaria todos a gargalharem. Afinal, como era possível àquelas alturas, uma senhora, aos noventa anos, dar à luz um filho.

4. *As virtudes de Sara.* Sara adentra a História Sagrada como uma das mulheres mais piedosas de todos os tempos. O apóstolo Pedro, ao exortar as esposas e mães de sua igreja, realça a esposa de Abraão como um modelo consumado de virtude (1 Pe 3.3-6).

Acredito que esse texto apostólico desagrade profundamente as feministas. Como, pois, aceitariam em seu círculo, neurótico e confuso, uma mulher que trata o esposo com tamanha reverência e brandura: “Meu senhor”? (Gn 18.12). No entanto, todas as esposas que assim procedem são cognominadas “filhas de Sara” pelo apóstolo que, conforme já ressaltamos, era bem afeito às lides domésticas.

Se Pedro o quisesse, poderia ter usado um exemplo bem mais próximo de suas paroquianas, pois nenhuma delas ignorava o valor, a bem-aventurança e as virtudes de Maria, a doce mãe do Salvador. Todavia, providencial e sabiamente, o apóstolo resolve usar o exemplo de Sara. Doutra forma, poderia ele ter fortalecido aquilo que, séculos depois, viria a ser conhecido como mariolatria. Sobre a mãe de Jesus, trataremos no próximo tópico. Mas, ao retratarmos a esposa de Abraão, provamos que a criação da mulher, ao invés de ser um fracasso, constituiu-se numa grande bênção para o Reino de Deus.

IV. Maria, a Mãe de nosso Senhor

Não é tarefa nada fácil escrever sobre Maria, a dulcíssima mãe de Jesus. Se, por um lado, não podemos idolatrá-la; por outro, não devemos apequenar-lhe o lugar na História da Salvação. De fato, ela não é deusa, nem tem de ser inserida na pericorese da Santíssima Trindade. Logo, a virgem de Nazaré há de ser vista exatamente como a Bíblia Sagrada a apresenta: a mais bem-aventurada das mulheres, por ter concebido o Filho de Deus, por obra e graça do Espírito Santo.

Neste tópico, veremos o elo teológico entre Maria, a mãe do Salvador, e Eva, a mãe de todos os que pecaram à semelhança de Adão. Em seguida, buscaremos um esboço biográfico da virgem de Nazaré. Depois, estudaremos a sua redenção, teologia e maternidade. E, finalmente, mostraremos por que devemos tê-la como irmã, e não como mãe.

Que o Espírito Santo nos ajude a compreender as belezas e mistérios da Palavra de Deus.

1. *A Virgem de Nazaré.* Sempre exato e metódico, narra o evangelista Lucas como Maria, que viria a ser a mãe do Salvador, foi inserida na História Sagrada: “No sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado, da parte de Deus, a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com certo homem da casa de Davi, cujo nome era José; a virgem chamava-se Maria” (Lc 1.26,27).

Inspirado pelo Espírito Santo, o escritor sagrado logra, em poucas linhas, descrever o perfil da mais bem-aventurada das mulheres. Antes de tudo, realça ele o fato de a virgem habitar em Nazaré, e não em Jerusalém. Acredito que, sem o episódio da anunciação, a primeira cidade jazeria sem história ou crônicas, pois a sua importância, naqueles idos, era nenhuma. Não passava de um lugarejo de gente trabalhadora e pobre sem qualquer relevância política.

Mas por que Deus escolheu Maria, uma aldeã de Nazaré, e não uma donzela nobre e distinta de Jerusalém, a capital religiosa de Israel? Não é muito difícil buscar os motivos do Senhor. Não resta dúvida de que, em Israel, não eram poucas as jovens que sonhavam com a maternidade do Messias. Afinal, mesmo sem profetas canônicos, as profecias do Antigo Testamento iam sendo rigorosamente cumpridas naquele período. O tempo era de plenitude. Todos sabiam que a chegada do Salvador estava próxima. Teologicamente, porém, nem todos os judeus achavam-se preparados a fim de recepcionar o evento dos eventos.

Tanto em Jerusalém quanto noutras cidades hebreias, havia milhares de virgens, que amavam sincera e retamente o Deus de Abraão. Mas somente Maria encontrava-se, de fato, preparada a acolher, como mãe, o Filho do Pai Celeste. As outras, já contaminadas pela teologia dos anciãos, aguardavam um messias guerreiro que, tão logo chegasse à maturidade, arvorar-se-ia contra o dominador romano. A virgem nazarena, contudo, ansiava pelo Servo de Jeová que, por meio de sua morte, estenderia a vida eterna a toda a humanidade; na obra redentora, nem Roma seria excluída.

Quanto à árvore genealógica de Maria, não dispomos de nenhuma informação. A Bíblia, sabiamente, cala-se a respeito. Segundo a tradição, seus genitores chamavam-se Joaquim e Ana. Mas, dos textos sagrados, podemos inferir que a sua família provinha ou da tribo sacerdotal de Levi, ou do clã real de Judá. Essa lacuna não compromete a história dessa piedosa serva do Senhor.

2. *A redenção de Maria.* Segundo o dogma da imaculada concepção, Maria foi concebida sem pecado e, sem pecado, permaneceu durante toda a sua vida. Ela achava-se preservada tanto do pecado original como do pecado experimental; ambos, comuns a todos os seres humanos. A verdade, todavia, é que a mãe do Salvador do mundo também necessitou dos méritos do Filho de Deus, para redimir-se da culpa de Adão e de suas próprias culpas e ofensas.

O dogma da imaculada concepção pressupõe uma cadeia de concepções isentas de qualquer mácula. Mas, retroagindo de útero em útero, desde a mãe de Maria, aonde chegaríamos? Ao ventre de Eva, cuja ofensa ao santo Deus encontra-se bem patente no primeiro livro da Escritura (Gn 3.16).

A mãe de Jesus nascera, como todos nós, sob a culpa do pecado de Adão. E, como todos nós, estava igualmente sujeita ao pecado original. Tais limitações, contudo, jamais lhe mancharam a bem-aventurada

maternidade, pois o sangue de seu Filho também foi suficiente para limpá-la das faltas tão comuns aos seres humanos (1 Jo 1.7).

Houve apenas uma imaculada concepção — a de Jesus Cristo —, o único Filho de Adão que jamais cometeu qualquer pecado ou deslize, porquanto era e continua a ser Verdadeiro Homem e Verdadeiro Deus.

A redenção de Maria, assim sendo, deu-se no exato instante em que ela, ao ouvir as Boas Novas do anjo Gabriel, aceitou-as e, nelas, piamente acreditou. Eis como a virgem de Nazaré aceita Jesus não somente como filho, mas também como seu Salvador pessoal: “Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a tua palavra” (Lc 1.38, ARA).

Sem dúvida, Maria foi a primeira pessoa a receber Jesus como Redentor. A fim de cumprir a sua missão como mãe do Filho do Pai Celeste, não lhe foi necessário um dogma que, apesar de sua aparente piedade, deita por terra as bases do Calvário; ela necessitou tão somente acreditar na redenção que nos trouxe Jesus Cristo.

3. *A teologia de Maria.* Não seria muito prudente chamar a virgem de Nazaré de teóloga, por causa da mariolatria que, desde o século V, vem enfraquecendo as bases da soteriologia bíblica. Mas, de uma coisa, não duvido: sua teologia era bem melhor do que a dos sacerdotes e doutores de Jerusalém. A depender daqueles anciãos, o Messias jamais seria recepcionado em Israel, pois estavam eles mais preocupados com o Império de Roma do que com o Reino de Deus.

Conquanto jovem, teve Maria a necessária acuidade profética e teológica para interpretar aqueles dias e recepcionar, em seu ventre, como filho, o Verbo de Deus. Sua hermenêutica ia além da História e da Gramática; era uma exegese canônica, fundamentada na Lei, nos Profetas e nos Escritos. Enquanto os doutores e escribas agarravam-se às tradições dos anciãos, apegava-se ela ao mesmo princípio que levaram os sábios do Antigo Testamento a anteverem a chegada do Messias.

Já com a Palavra de Deus fazendo-se carne, em seu bem-aventurado útero, a juvenzinha de Nazaré salmodia o Deus de Israel (Lc 1.46-55).

Bastaria este cântico para canonizá-la como autora sagrada. A sua teologia, porém, ia além dos arcanos; materializava-se na Palavra de Deus que, dia a dia, ganhava formas em seu ventre: Jesus Cristo Senhor Nosso. A sua maternidade já era, de per si, uma peça teológica de altíssima excelência.

4. *A maternidade de Maria.* Enquanto Maria gestava o Filho de Deus, não tivera ela qualquer relacionamento conjugal com o justo e nobre José, um dos mais ilustres descendentes de Davi. Todavia, após o nascimento de Jesus, narra o autor sagrado que o casal teve diversos filhos e filhas. Certa vez, alguém fez um comentário um tanto jocoso acerca de Jesus, mas que veio a revelar o tamanho de sua família: “Não é este o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos, Tiago, José, Simão e Judas? Não vivem entre nós todas as suas irmãs? Onde lhe vem, pois, tudo isto?” (Mt 13.55,56, ARA). Maria soube como educar, magistralmente, o seu primogênito. Admirável mestra! Pacientemente, ensinou o Verbo Divino a balbuciar frases e orações. A Palavra de Deus encarnada, que estava a engatinhar em sua cozinha, deu uma gramática completa. E, mesmo sabendo que o filho estivera com o Pai e com o Espírito Santo a confundir a língua humana, em Babel, ensina-lhe, em Nazaré, o hebraico, o aramaico e, possivelmente, o grego. À própria sabedoria, transmitiu um saber cotidiano, mas muito útil naquele dia a dia tão difícil. Maria amparou, em sua ciência limitada, a onisciência divina. À luz do mundo, emprestou o bruxuleio de sua candeia.

Sua autoridade materna era reverenciada por todos os seus filhos. Jesus era o mais reverente deles. Amparada sempre pelo esposo, sabia como manter a filharada toda sob disciplina. E, nesta, nem o Unigênito de Deus achava-se isento, conforme sublinha o evangelista (Lc 2.51).

Do colo de Maria, não saiu apenas o Messias de Israel e Salvador do mundo. Saíram também dois apóstolos canônicos — Tiago e Judas. E, no Dia de Pentecostes, todos os seus filhos, presentes no cenáculo, foram batizados no Espírito Santo (At 1.14).

5. Nossa amada irmã Maria. Ao idolatrar Maria, alguns segmentos da cristandade tiraram-lhe parte de seus muitos e elevados méritos. Seus méritos, aliás, residem justamente em sua humanidade que, desde o momento em que recebeu o anúncio de Gabriel, foi prontamente redimida pelos efeitos retroativos da morte de Jesus que, naquele momento, nem havia sido ainda concebido.

A doce mãe de Jesus não carece de dogmas como a imaculada concepção e a assunção aos Céus. Maria já tem o seu galardão assegurado; é a mais bem-aventurada das mulheres.

Maria não é a nossa mãe, nem intercessora; é tão somente a nossa irmã em Cristo. A primeira vez que tentou interceder por uma causa, junto a Jesus, foi amorosamente repreendida pelo Senhor (Jo 2.4). Aliás, ela mesma veio a necessitar da intercessão de Jesus, após o Senhor ter sido assunto aos Céus. Jesus é o único medianeiro entre Deus e os homens (1 Tm 2.5).

Nossa querida irmã Maria morreu e foi sepultada. Uns dizem que a sua sepultura fica em Israel; outros alegam que seu corpo jaz em Éfeso, atual Turquia. O certo é que, quando do soar da última trombeta, ela ressuscitará e, juntamente com os santos de todas as épocas, será trasladada às regiões celestes, onde estaremos para sempre com o Senhor.

Conclusão

De Eva, a mãe de todos os viventes, a Maria, a dulcíssima mãe do Salvador, podemos constatar que a criação da mulher, apesar da Queda, foi um dos maiores êxitos divinos. Hoje, em nossas igrejas, contamos com o apoio das santas mulheres, que, mantendo-se de joelhos, ajudam-nos a permanecer de pé nas lides do Reino de Deus.

Auxiliemo-las em suas tarefas quer no lar, como educadora dos filhos e conselheira de seus esposos, quer na Igreja, como fiéis intercessoras e exercendo as funções que lhe são próprias, de acordo com a Bíblia Sagrada.

Que Deus as abençoe.

Capítulo 3

A Natureza do Ser Humano

Quando ainda jovem, li uma obra sobre o corpo humano, que me deixou assustado. O seu autor, citando alguns dados científicos, afirmou que nós começamos a morrer, não na terceira ou na quarta faixa etária, mas aos 25 anos de idade. Nessa época, eu tinha 18 ou 19 anos. Então, de acordo com aquele livro, faltavam seis ou sete anos, para eu iniciar a curva descendente de minha vida, e ir ao encontro da morte. Mais tarde, vim a ouvir de um velho e sábio obreiro de Cristo, que todos nós, ao nascer, já trazemos, nalgum lugar de nosso organismo, uma bomba genética. Esta, não importando nossos cuidados e zelos, acabará por explodir, empurrando-nos à terminalidade.

No entanto, a certeza da morte jamais destruirá a beleza e a complexidade de nosso corpo. Nalgumas passagens bíblicas, somos vistos como pó e cinza, porquanto Deus nos criou do pó da Terra. Noutras, ressurgimos, já salvos e redimidos, como o templo do Espírito Santo. O salmista afirma que, inexplicável e assombrosamente, Deus entreteceu-nos os ossos, as carnes, os nervos e os tecidos mais sensíveis no ventre de nossas mães.

Contudo, como veremos, mais adiante, o ser humano não é apenas corpo. Além da parte física, dois outros elementos imateriais nos compõem — a alma e o espírito —, ambos intangíveis e indivisíveis. Mas, antes de considerarmos a constituição do homem, veremos o que a Bíblia ensina concernente ao ser de Deus e ao dos anjos. Que o Espírito Santo nos conduza nesse maravilhoso e imprescindível estudo da Bíblia Sagrada.

I. A Incompreensível Simplicidade do Ser Divino

Adolescente curioso e ledor, estava eu num culto fervorosamente pentecostal, quando o pastor fez uma pausa e, gravemente, perguntou à congregação: “Quem é Deus?”. Como ninguém se achesse a uma resposta, arrisquei-me: “Deus é o Ser Supremo por excelência”. Não me lembro se o bondoso homem ficou satisfeito com a minha intervenção. A oportuna e claríssima definição, confesso desde já, não era minha; achei-a, porém, mui adequada naquele momento. Desde então, 50 anos já são passados. E se você, querido leitor, fizer-me a mesma pergunta, hoje, terei de dar-lhe a mesma resposta de ontem com um leve, mas precioso adendo: “Deus é o Ser Supremo e Perfeito por excelência”.

1. A definição de Deus. Já ouvi dizer que é impossível definir Deus. Nessa proposição, contudo, já temos uma definição pertinente do Ser Supremo: Deus é indefinível. Abandonemos, por enquanto, os caprichos da lógica e busquemos uma definição bíblica, e essencial do Todo-Poderoso.

Jesus, sendo Ele mesmo inexplicável, assim definiu o Pai: “Deus é Espírito” (Jo 4.24). Relendo os escritos de João, veremos que o teólogo das afeições cristãs define o Pai Celeste de uma forma a transcender a poesia. Ele simplesmente escreve: “Deus é amor” (1 Jo 4.8).

Se é possível encontrar uma definição de Deus, como explicar-lhe a natureza? Querido leitor, nem anjos, nem homens podem explicar a natureza do ser Divino; acha-se essa além de nossos conhecimentos mais avançados. No Salmo 139, o autor sagrado maravilha-se ante a onisciência e a onipresença divinas. As grandezas e bondades do Senhor, todavia, vão além desses atributos naturais; são infindáveis.

Quando estivermos na Jerusalém Celeste, constataremos que os predicos divinos são, além de infinitos, inexplicáveis. Por esse motivo, limitemo-nos a trabalhar com as revelações que o Eterno nos deixou de si mesmo na Bíblia Sagrada. Afinal, somente Deus é capaz de explicar a si próprio. Perante o ser Divino, restrinjo-me a confessar dogmaticamente:

A única coisa que sei de Deus é: Ele é maravilhoso (Jz 13.8). Conforme as palavras do Senhor Jesus, somente a Divindade é capaz de explicar a Divindade: “Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho senão o Pai; e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11.27, ARA).

2. A simplicidade do Ser Divino. Ao contrário do homem, Deus é um ser maravilhosamente simples; possui uma única natureza. Por essa razão, Ele foi definido, pelo próprio Filho, como sendo espírito (Jo 4.24). Isso significa que, para existir, o Senhor não necessita, como nós, de uma natureza composta de corpo, alma e espírito. O Todo-Poderoso define a si mesmo como aquele que simplesmente é: “EU SOU O QUE SOU” (Êx 3.14). Ele existe por si mesmo (Jo 5.26). A sua asseidade é algo que não pode ser explicado: somente a Santíssima Trindade tem vida em si mesma; nossa vida provém de Deus e, por Ele, é mantida.

A simplicidade de Deus, em termos bíblicos e teológicos, não pode ser vista como deficiência ou falta, mas como perfeição e completude. Somente o homem requer uma constituição interligada e complexa para existir. Se o nosso ser não fosse composto de corpo, alma e espírito, não teríamos condições de existir nem neste mundo, nem no vindouro, pois quando do arrebatamento da Igreja, todo o nosso ser há de ser transformado e glorificado; nenhuma parte de nossa constituição ficará para trás (1 Co 15.50-58). Doutra forma, jamais viríamos a ser como Ele é (1 Jo 3.2).

Volto a enfatizar que Deus é um ser perfeitamente simples. Sendo espírito puro, não necessita Ele de complexidade alguma para existir. Deus é o que é — o Eterno Eu Sou. Mas não devemos imaginá-lo como um ser disforme, abstrato e aberrativo; Ele é perfeitíssimo e belo (Sl 27.4). Nenhuma imagem, ícone ou escultura é capaz de retratá-lo. Em seu Unigênito, contudo, podemos contemplar-lhe o ser, conforme escreve o autor da Epístola aos Hebreus: “Ele, que é o resplendor da glória e a

expressão exata do seu Ser, sustentando todas as cousas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas” (Hb 1.3, ARA).

II. Os Anjos, Superiores ao Ser Humano, mas Limitados

Conquanto gloriosos, os anjos não são deuses; são conservos nossos e súditos do Reino de Deus. Neste capítulo, estudaremos a natureza dos anjos e o seu lugar na hierarquia da criação divina. Ao compará-los a nós, teremos mais condições de entender a nossa própria constituição.

1. O que são os anjos. Criados por Deus, os anjos são os servos mais diretos de quem dispõe o Todo-Poderoso, na administração das coisas celestes e terrenas (Sl 103.20; Ap 5.11). Na era da Nova Aliança, foram eles designados a trabalhar em favor daqueles que hão de herdar a vida eterna (Hb 1.14).

Os anjos são um exemplo de serviço e presteza ao Senhor, segundo podemos depreender desta cláusula da Oração Dominical: “Venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6.10, ARA). Alguém declarou, certa vez, que os anjos, apesar de seu poder e grandeza, são humildes e prestativos. Para eles, tanto faz governar uma cidade como varrê-la; o seu prazer está em servir ao Senhor.

2. A natureza dos anjos. Segundo revela o autor sagrado, os anjos foram criados pelo sopro divino: “Os céus por sua palavra se fizeram, e, pelo sopro de sua boca, o exército deles” (Sl 33.6, ARA). À semelhança dos seres angélicos, nós também só viemos a existir, quando Deus, no sexto dia, assoprou nas narinas de Adão (Gn 2.7). Mas, diferentemente de nós, os anjos não foram tomados a partir de alguma matéria pré-existente. Sendo eles espíritos, do espírito divino foram chamados a existir.

Após concluir os Céus, o Senhor assopra e, amorosamente, cria os seus exércitos. Cada anjo sai do íntimo do ser divino; gerados pelo Pai Celeste. Eles também são filhos de Deus (Jó 1.6; 38.7).

Apesar de o Senhor os ter formado de uma única vez, dispensou a cada um deles um tratamento personalizado; não os criou em séries, nem os fez robóticos ou cibernéticos. O saber de um anjo é proverbial (2 Sm 14.20). E, apesar de apenas Miguel e Gabriel serem apresentados por seus nomes, na Bíblia Sagrada, os demais anjos não foram condenados ao anonimato; todos eles são ministros de Deus; cada um tem um nome e uma função (Sl 103.20,21).

Não obstante a sua finitude, os anjos são dotados também de uma única natureza. Eles são espíritos (Hb 1.14). Por isso, não se reproduzem sexualmente. Desde que foram criados, o seu contingente permanece inalterado (Lc 20.34-36). Todavia, não são incorpóreos, pois o corpo angélico é espiritual, conforme explica muito bem o apóstolo Paulo: “Se há corpo natural, há também corpo espiritual” (1 Co 15.44, ARA).

3. *Seu lugar na hierarquia divina.* Na hierarquia da criação divina, os anjos são apresentados como superiores aos homens (Sl 8.5). Mas, no que tange à salvação usufruímos de favores e graças, para os quais eles anelam perscrutar (1 Pe 1.12). Apesar de sua óbvia superioridade em relação a nós, seres humanos, apresentam-se eles como nossos conservos (Ap 19.10).

Neste ponto, cabe uma pergunta: Por que os anjos são superiores a nós? Entre outras coisas, em virtude de sua natureza, que, por hora, é bem mais elevada do que a nossa. A partir do arrebatamento, a natureza dos redimidos será igual à angélica.

III. A Maravilhosa Complexidade do Ser Humano

Os seres humanos possuem uma natureza complexa e duplamente composta: uma física (o corpo) e outra espiritual (a alma e o espírito). Leia atentamente, mais uma vez, 1 Tessalonicenses 5.23. Para vivermos neste mundo, necessitamos da plenitude de nossa constituição. Se uma apartar-se da outra, morremos (1 Rs 17.21,22). Neste tópico, deter-nos-emos em nossa maravilhosa complexidade.

1. O homem é um ser complexo. Nos tópicos já estudados, mostramos que Deus é um ser perfeitamente simples; não necessita de qualquer composição para existir. Deus é espírito; nada o prende nem o limita. Observamos, ainda, que os anjos, embora possuam uma única natureza — a espiritual — dependem de Deus para subsistir. Logo a asseidade, a virtude de existir por si próprio, é um atributo exclusivo divino.

Já a natureza humana, devido à sua composição, é diferente da divina e da angélica. Tal diferença, porém, não as torna antagônicas. Na verdade, elas são interativas e harmônicas. A História Sagrada mostra que podemos interagir tanto com Deus quanto com os anjos. Os contatos com os seres angélicos, todavia, nos são facultados apenas em ocasiões especiais; não precisam ser rotineiros. Se viermos a invocá-los ou a adorá-los, cairemos numa perigosa idolatria (Cl 2.18).

Nossa complexa natureza, apesar de limitada, faculta-nos o acesso tanto ao mundo físico quanto ao espiritual. Por meio dos órgãos sensoriais do corpo, nossa alma (e com ela, o espírito) interage com o universo material. E, por intermédio dos sentidos do espírito, entramos nos domínios divinos. Portanto, o corpo, a alma e o espírito são imprescindíveis à nossa permanência neste mundo.

2. O homem é um ser duplamente composto. A tricotomia humana é, como já vimos observando, duplamente composta. Possuímos um elemento material — o corpo físico — e dois elementos imateriais — a alma e o espírito. Acham-se esses três componentes de tal forma entretecidos em nosso ser, que não sabemos onde começa um e termina o outro. Só vamos perceber a separação entre a substância física e as imateriais, quando a alma, juntamente com o espírito, deixar-nos o corpo. Quando isso ocorre, dá-se o fim temporário de nossa constituição material, que só voltará à vida na ressurreição dos mortos.

Se a união entre as partes material e imateriais é perfeita, o que diremos da junção entre a alma e o espírito? Acham-se esses tão unidos e apegados

um ao outro, que, conforme podemos sentir em nós mesmos, são absolutamente inseparáveis. Não há fronteiras nem limites entre ambos; são mais do que siameses. Somente a Palavra de Deus, com a sua singular agudeza, pode vir a separá-los (Hb 4.12). Nessa operação, a espada do Espírito Santo, bigume e penetrante, é infalível e cirúrgica.

3. *A transitoriedade da complexidade humana.* A tricotomia humana não é permanente; é temporária adequada apenas à nossa existência terrena. Após a ressurreição, teremos um novo corpo — indestrutível e espiritual; não mais a tricotomia, mas a simplicidade. Enfim, seremos iguais aos anjos (Lc 20.34-36).

Quando isso acontecer, corpo, alma e espírito fundir-se-ão numa única composição. E, nessa realidade, os justos passarão a desfrutar das bem-aventuranças eternas ao lado do Pai Celeste. Os injustos e maus serão lançados no Lago de Fogo, onde já estarão a Besta, o Falso Profeta, o Diabo e os seus anjos; o tormento será eterno.

IV. O Corpo Humano, Material e Transitório

Neste tópico, estudaremos as seguintes características do corpo humano: materialidade, visibilidade e mortalidade. Antes, porém, busquemos uma definição de corpo.

1. *Definição de corpo.* Corpo é a estrutura física de um organismo, capaz de sustentar-lhe a vida e possibilitar-lhe a interação com o ambiente que o cerca. Essa definição pode ser aplicada tanto ao corpo dos animais como ao nosso.

O corpo humano, biblicamente considerado, transcende os limites fisiológicos e clínicos, pois a sua função não termina com a morte física. Na ressurreição, retornará à vida, já numa outra composição — espiritual e indestrutível —, a fim de receber as recompensas eternas.

Nas Escrituras Sagradas, o nosso corpo é descrito como o templo do Espírito Santo (Sl 51.11; 1 Co 6.19). Conclui-se, pois, que o corpo

humano não é irremediavelmente mau. Em Jesus Cristo, pode ser salvo, redimido, santificado e glorificado. Quando nos santificamos, Deus é glorificado em nossa carne (Jó 19.26). Quando aceitamos Jesus, opera Ele em nosso ser uma redenção completa: salva-nos o espírito, a alma e o corpo, pois esse é o templo de seu Espírito.

2. Materialidade. Ao contrário dos anjos — seres espirituais —, criados de uma só vez pela palavra divina (Sl 33.6), o homem — ser material e físico — veio à vida a partir de uma matéria já existente: a terra. Deus, pois, formou Adão, o primeiro genitor da humanidade, do pó de nosso planeta (Gn 2.7). O mesmo pode-se dizer de Eva, que, provinda do homem, possui a mesma substância desse (Gn 2.21,22). Desde a sua criação, o ser humano vem reproduzindo-se e enchendo a Terra por meio da união matrimonial (Gn 1.28; At 17.26).

3. Visibilidade e tangibilidade. Envolto num corpo material, o ser humano pode ser visto e tocado. Aliás, a visibilidade e a tangibilidade foram as provas que o Senhor Jesus apresentou a Tomé como evidências de sua ressurreição física (Jo 20.27). O apóstolo incrédulo só veio a convencer-se da verdade depois de ter visto e tocado as feridas do Cordeiro de Deus (Jo 20.29).

4. Mortalidade. Apesar de material, o corpo humano foi criado com a possibilidade de manter-se vivo para sempre. Se não fosse o pecado, Adão e Eva estariam, hoje, entre nós (Gn 2.16,17). Mas, por causa de sua desobediência, morreram; o salário do pecado é a morte (Gn 5.5; Rm 6.23). Afiança o apóstolo, porém, que, quando do arrebatamento da Igreja, o que é mortal revestir-se-á da imortalidade (1 Co 15.53,54).

O homem, portanto, foi criado imortalizável: com a possibilidade de viver para sempre. Logo, se Adão e Eva não houvessem pecado, em breve, apagariam as seis ou sete mil velinhas de seu imenso bolo de aniversário. Mas, por causa de sua transgressão, experimentaram dupla morte: a espiritual e a física. Mas, ao recebermos a Jesus, como nosso Salvador,

passamos a desfrutar, imediatamente, da vida eterna (Jo 3.15). Amigo, creia que Jesus Cristo é o Filho de Deus. Este é o momento. Aceite-o, agora mesmo.

V. A Alma Humana, a Janela para o Mundo Físico

Só viremos a entender claramente a nossa natureza espiritual, se aceitarmos, desde já, esta proposição: espírito e alma são inseparáveis. A partir daí, veremos a alma em sua real função: a janela, através da qual acessamos o mundo exterior. Mas, o que é exatamente a alma?

1. Definição de alma. De acordo com a doutrina bíblica, a alma é a substância imaterial do homem. Dotada de vida própria, mas em perfeita junção com o corpo, é capaz de sobreviver à nossa morte física. Na conhecida história do rico e Lázaro, narrada por nosso Senhor, a alma do justo foi recolhida à morada divina, ao passo que a do injusto e mau foi aprisionada no Inferno (Lc 16.19-30).

Na Bíblia, a palavra “alma” é apresentada, às vezes, como sinônimo de vida, pessoa e sangue (Jó 27.8; Êx 12.4; Lv 17.11, 13,14). Noutras ocasiões, é vista como a sede de nossas afeições e sentimentos (Gn 34.8). O termo hebraico *nephesh* carrega todas essas acepções.

No grego do Novo Testamento, a palavra “alma” é mais específica do que a sua congênere hebraica. Mesmo assim, a palavra *psychē* comporta várias significações. Aparece como a parte imaterial do homem, a vida natural do corpo, a sede da personalidade e de nossa vontade (Mt 2.20; 10.28; Lc 9.24; At 4.32).

2. O estudo da alma. O estudo da alma avulta-se, à primeira vista, como algo impossível, visto tratar-se do exame de uma substância imaterial; algo que não pode ser observado ou tocado. Mas, quando lemos a Bíblia observamos que os autores sagrados tinham por hábito examinar o próprio interior.

No Salmo 19, Davi roga o auxílio divino, a fim de escrutinar as imperfeições de sua alma: “Quem há que possa discernir as próprias faltas? Absolve-me das que me são ocultas” (Sl 19.12, ARA). Noutro cântico, revela o salmista como investiga o seu íntimo, tendo como modelo o Deus de Israel (Sl 63.5,6).

Nas Escrituras do Novo Testamento, o apóstolo Paulo, ao ensinar os irmãos de Corinto, que nós, os salvos, temos a mente de Cristo, exorta-os a examinarem a si mesmos: “Porque, se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados” (1 Co 11.31, ARA). Quando nos julgamos, à luz da Palavra de Deus, não temos de buscar socorros terrenos que, a bem da verdade, nem socorros são.

Os gregos também se davam à investigação do próprio ser. Sócrates instigava seus alunos com um desafio perturbador: “Conhece-te a ti mesmo”. Mas, como investigar a si próprio? Foi naqueles idos distantes, entre o V e IV séculos, que os helenos passaram a estudar sistematicamente a própria alma. E, assim, nascia o que hoje conhecemos como psicologia. Etimologicamente, esse termo significa “o estudo da alma”.

No princípio, a psicologia tinha como alvo o estudo da alma humana — a sede de nossas interioridades, afeições e sentimentos. Mas, com o decorrer dos séculos, passou a interessar-se, também, pelos mistérios e operações da mente. E, por último, veio a concentrar-se no comportamento humano. Mas, seja qual for o seu foco, jamais poderemos ignorar a alma que nos veio de Deus, pois é justamente nela, que reside o nosso verdadeiro eu.

3. *Alma e espírito são inseparáveis.* Conforme já dissemos, a alma e o espírito acham-se tão unidos, em nosso ser, que somente a Palavra de Deus pode alcançar-lhes a junção (Hb 4.12). Ambos têm de ser vistos juntos; inseparáveis. Conforme veremos, a alma e o espírito formam a

nossa substância imaterial; cada um deles tem uma função específica em nosso ser.

4. *A alma é a janela para o mundo exterior.* Através da alma, o ser humano se expressa e tem acesso ao mundo que o cerca. Para que isso seja possível, a alma serve-se dos órgãos sensitivos (Lc 11.34). E, por intermédio desses, o homem carnal deixa-se atrair pelas concupiscências da carne e dos olhos (Tg 1.13,14). Por isso, o Senhor decreta: “A alma que pecar, essa morrerá” (Ez 18.4). O pecado começa na alma e contamina o espírito e o corpo. Por isso, o apóstolo recomenda a completa santificação de nosso ser (1 Ts 5.23).

5. *A separação da alma e do corpo gera a morte.* A morte ocorre quando a alma separa-se do corpo. É o que nos mostra a narrativa da morte de Raquel, a esposa amada de Jacó (Gn 35.18). Quando isso ocorre, a alma dos justos é recolhida ao lugar de descanso, ao passo que a dos ímpios é aprisionada no Inferno (Lc 16.20-31). Observe, pois, que a alma (juntamente com o espírito) permanece consciente até a ressurreição do corpo. Enfatizamos que a alma e o espírito são inseparáveis; são um único elemento de nossa imaterialidade.

6. *A santificação da alma.* Se atentarmos às recomendações bíblicas, concluiremos que a nossa alma requer santificação prioritária. Servindo-se ela de nossos órgãos sensoriais põe-nos em contato com o mundo exterior. E, assim, passamos a conhecer o que é “bom” e, se não tivermos cuidado, começamos a experimentar e a amar o que o mundo nos oferece. Essa verdade é expressa em 1 João 2.15,16.

Santifiquemos nossa alma por meio da leitura da Bíblia Sagrada, da oração e da vigilância. Caso contrário, acumularemos no espírito, por intermédio da alma, toda sorte de iniquidades e pecados, conforme adverte o Senhor Jesus: “Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os

adultérios” (Mc 7.21, ARA). E o espírito, já contaminado, não terá forças para frear as concupiscências e os instintos carnavais.

A mecânica do pecado foi admiravelmente descrita por Tiago. Se bem atentarmos às palavras do autor sagrado, constataremos que a iniquidade tem origem na alma e, partir daí, mancha o espírito e o corpo (Tg 1.13-15).

VI. O Espírito Humano, a Janela para o Mundo Espiritual

O espírito humano, por ser o elo entre o corpo e Deus, é a sede de nossa comunhão com o Pai Celeste. Na Bíblia, espírito e alma são tomados, às vezes, como sinônimos. De início, vejamos como podemos definir o espírito humano.

1. O que é o espírito. Em termos simples, o espírito compõe, juntamente com a alma, a parte imaterial do ser humano. Embora distintos um do outro, não podem separar-se; somente a Palavra de Deus, como já enfatizamos, é capaz de alcançar a divisão entre ambos (Hb 4.12). Em virtude de suas faculdades, o espírito humano atua como a sede de nossas afeições espirituais (Sl 77.3,6).

O termo hebraico *ruwach* aparece traduzido, nas versões clássicas da Bíblia, como a palavra “espírito”. Este vocábulo, quando bem interpretado, denota a sede de nossos sentimentos espirituais (Jó 6.4). Nosso espírito, devido à sua proximidade com Deus, é a primeira substância de nossa composição que redemos ao Pai Celeste na hora terminal (Sl 31.5). Assim agiu Estêvão e o próprio Cristo (Mt 27.50; At 7.59).

O termo grego *pneuma* é bem similar ao hebraico *ruwach*. Nas Escrituras do Novo Testamento, porém, o espírito humano é tratado com mais profundidade. Revela-nos Paulo que, em espírito, podemos orar com intimidade e sem impedimentos; nele, oramos bem (1 Co 14.13-16). O apóstolo ainda diz que o espírito é dotado de entendimento e sabedoria

(Cl 1.9). Se formos mais adiante, veremos que o nosso espírito conhece-nos em profundidade (1 Co 2.11).

2. O elo entre o nosso corpo e Deus. É por meio de nosso espírito que nos comunicamos com Deus (Ap 1.10). Foi no espírito que o evangelista recebeu a mensagem do Apocalipse. Paulo sempre esteve, em espírito, em perfeita comunhão com Deus e com os irmãos (1 Co 5.4).

3. A sede de nossa comunhão com Deus. No âmbito do espírito, temos experiências e encontros com Deus (Sl 143.4,7). Eis a experiência do profeta (Is 26.9). Portanto, a verdadeira alegria divina manifesta-se, em primeiro lugar, em nosso espírito, pois é, neste, que todo o nosso ser consagra-se ao serviço divino (Sl 51.12; Rm 1.9). Nosso espírito fala e ora em mistérios (1 Co 14.2,14,16).

O espírito também pode abrigar o orgulho e a soberba (Pv 16.18). Por isso, quando o ímpio falece, o seu espírito (e também a alma, porquanto ambos são inseparáveis) é aprisionado até o julgamento final (1 Pe 3.19).

4. A santificação do espírito humano. Em sua epístola aos gálatas, Paulo mostra que o nosso espírito anseia pelas coisas de Deus. Já a nossa carne, por ser carne, almeja as coisas do mundo. Por essa razão, há, entre ambos, uma guerra acirrada (Gl 5.17). Mas, quando alimentamos o espírito vencemos as obras da carne e começamos a abundar no fruto do Espírito Santo (Gl 5.22-24). A partir de então, entramos na dimensão do homem espiritual (1 Co 2.15).

Vivamos, pois, na verdadeira dimensão espiritual. Santifiquemo-nos. Apeguemo-nos à Palavra de Deus e ao Deus da Palavra. Ore. Jejue. Se você ainda não é batizado no Espírito Santo, busque-o em oração e lágrimas. Esteja sempre alerta para o arrebatamento da Igreja. Manarata, ora vem, Senhor Jesus.

Conclusão

O homem é um ser tanto físico quanto espiritual. Por essa razão, Deus requer nossa completa e uniforme santificação (1 Ts 5.23). Temos de ser

santos no corpo, na alma e no espírito. Jesus morreu e ressuscitou, a fim de que sejamos santos em todo o nosso ser. E, quando do arrebatamento da Igreja, apesar de nossas limitações, o Senhor nos revestirá da imortalidade e da incorruptibilidade.

Busquemos a santificação. Todo o nosso ser pertence a Deus. Somos o templo do Espírito Santo. Aleluia!

Capítulo 4

Os Atributos do Ser Humano

A pesar dos efeitos danosos da Queda, ainda possuímos admiráveis atributos espirituais, morais e intelectuais. Desde Adão e Eva, seis mil anos já se passaram, de acordo com algumas cronologias. De fato, não é muito tempo, mas foi o suficiente para o homem chegar à Lua e sondar as mais distantes estrelas. Será que os nossos protogenitores imaginaram que isso, algum dia, haveria de acontecer? De uma coisa, porém, temos certeza: Adão e Eva não eram ignorantes. Acredito que eram mais sábios do que nós, embora não tivessem os mesmos conhecimentos de que hoje dispomos, instruíram seus filhos para que as conquistas atuais se tornassem possíveis.

Neste capítulo, veremos como Deus nos proveu dos atributos necessários para nos relacionarmos tanto com Ele, o Amoroso Pai, quanto com os nossos semelhantes, a quem devemos amar e guardar. Por intermédio da Bíblia Sagrada, destacaremos as qualidades que nos diferenciam dos animais irracionais: espiritualidade, racionalidade, sociabilidade, liberdade e criatividade. Constataremos que o ser humano, apesar da Queda, continua a executar a missão que Deus lhe entregou no Éden. A desobediência humana não frustrou os planos divinos. Se Deus assim nos dotou, usemos cada um de nossos atributos para glorificá-lo. No aperfeiçoamento desses, leiamos a Bíblia, oremos, vigiemos noite e dia, evangelizemos e exerçamos o amor cristão. Portemo-nos de tal forma, a fim de que o Pai Celeste seja exaltado, eternamente, por meio de nossas qualidades espirituais, psicológicas e físicas.

Que o Espírito Santo nos abra o entendimento e faça-nos conhecer as demandas, e as reivindicações da Palavra de Deus.

I. A Espiritualidade Humana

Neste tópico, aprenderemos que o homem é, também, um ser espiritual. Vejamos, pois, a origem de nosso espírito, seu anseio natural por Deus e como ele pode ser revivificado.

1. *A origem divina de nosso espírito.* Após formar Adão do pó da terra, o Senhor Deus soprou-lhe nas narinas o fôlego de vida (Gn 2.7). A partir daquele momento, o homem passou a ser alma vivente — plenamente cômico de sua existência e de sua presença no Universo (Jó 33.4).

O corpo humano é, de fato, a obra-prima da criação divina; não há nada igual em todo o Universo. Embora carne, abriga a alma e o espírito. Apesar de mortal, esconde a imortalidade que nos veio das narinas do Criador. Tal harmonia é tão perfeita, que, entre a nossa constituição física e a espiritual, reina a mais absoluta unidade. Não sabemos onde começa uma e termina a outra; inexistente incompatibilidade entre ambas.

Já imaginou se houvesse rejeição entre as constituições de nosso ser? Se o corpo rejeitasse a alma; se a alma rejeitasse o espírito; e se este e aquela viessem a rejeitar o corpo? Se isso acontecesse, nossa existência seria impossível. Mesmo os ímpios e ateus referem-se a si utilizando-se de uma linguagem teológica e claramente metafísica. Ao falarem de sua constituição física, tratam-na de “meu corpo”. Ouvindo-os, temos a impressão de que, naquele momento, é o espírito daquela pessoa que, mesmo inconsciente, dirige-se do interior ao exterior, para descrever as suas condições físicas.

A composição do ser humano não é meramente complexa; é maravilhosa e inexplicável. Somente Deus para criar um ser capaz de abrigar, em sua parte física e tangível, substâncias imateriais tão elevadas e perfeitas como a alma e o espírito. E, mesmo assim, a alma não se aparta do espírito, e ambos não deixam o corpo. Quando isso ocorre, dá-se o que a Bíblia chama de morte: a separação de nossas substâncias material e imateriais.

2. O anseio natural do espírito humano. Sendo proveniente de Deus, o espírito humano anseia pelo Pai Celeste, conforme Paulo muito bem acentuou aos atenienses (At 17.21,22). Já o salmista confessou que a sua alma suspirava por Deus (Sl 42.1). Infelizmente, não são poucos os que, devido a uma vida ímpia e blasfema, sufocam o seu almejo pelo Criador. Nossa substância imaterial, embora provinda de Deus, chega-nos ao corpo sem qualquer pré-existência, pois uma existência prévia denotar-lhe-ia eternidade — um atributo exclusivamente divino. Todavia, não podemos ignorar nossa origem divina; todo o nosso ser provém de Deus.

O mesmo alento que o Criador assoprou nas narinas de Adão, tornando-o alma vivente, continua a dar vida a cada ser humano, no exato instante de sua concepção. Embora nossa parte imaterial não tenha um histórico de existência prévia, ela veio de Deus e, para Deus, anseia voltar com todo o nosso ser. A ressurreição, portanto, compreende a revivificação de nosso corpo, alma e espírito.

Se a nossa parte imaterial não tem histórico algum de pré-existência, não carrega, em si, obviamente, aquele sentimento que, na língua portuguesa, chamamos de saudade. Como todos sabemos, a saudade é um sentimento de melancolia e tristeza, que nos remete a uma pessoa já distante ou a um lugar mui longínquo. Logo, não podemos ter saudades dos Céus, porque lá jamais estivemos; todavia, ansiamos por Deus, porquanto o nosso interior — a sede de nossas mais profundas afeições — saiu de Deus e, para esse mesmo Deus, todo o nosso ser anseia voltar, conforme Davi certa vez confessou: “Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando irei e me verei perante a face de Deus?” (Sl 42.1,2, ARA).

Entre o espírito e a carne, há uma luta renhida. Esta, por ser carne, propende às coisas deste mundo; aquele, por ter saído de Deus, suspira pelas coisas divinas. A guerra que se trava em nosso ser, às vezes, torna-se

insuportável. E, conforme a narrativa sagrada, grandes santos, como Davi, deixaram-se dominar, ainda que momentaneamente, pelos desejos do corpo. Mas, depois, arrependidos, voltaram a Deus. Quando lemos o Salmo 51, percebemos como o rei de Israel, agora suplantando a carne, permite ao seu espírito sobressair-se. Num outro cântico, o salmista confessa que a sua carne, apesar de sua natureza pecaminosa, anseia pelo Senhor: “A minha alma suspira e desfalece pelos átrios do Senhor; o meu coração e a minha carne exultam pelo Deus vivo!” (Sl 84.2, ARA).

O anseio natural do espírito humano é pelas coisas divinas. Mas, se permitirmos que o corpo domine a alma, como poderá o espírito vencer uma luta tão desigual. Por essa razão, o apóstolo Paulo roga aos irmãos de Tessalônica que, dominados pelo Divino Consolador, consagrem todo o seu ser ao Deus Único e Verdadeiro — corpo, alma e espírito. A santidade, portanto, é o domínio pleno de nosso espírito sobre a alma e o corpo. Nessa batalha, às vezes, tão assimétrica e cruel, confiemos nas provisões divinas. Se pecarmos, o sangue de Jesus Cristo nos purificará de todo o pecado.

3. *A revivificação do espírito humano.* Por intermédio de sua morte redentora, Jesus Cristo vivifica o homem que jaz morto espiritualmente (Ef 2.1; Cl 2.13). Só Ele é a ressurreição e a vida (Jo 11.25).

Antes de Adão morrer fisicamente, veio a experimentar, ali mesmo no Éden, o óbito espiritual. A morte de que lhe falara o Senhor, pouco depois de o haver criado, começaria por deteriorá-lo do interior para o exterior; de dentro para fora; do espírito, passando pela alma, até, finalmente, corroer-lhe todo o corpo. Portanto, a primeira vítima da transgressão de nosso primeiro genitor foi o seu espírito. Mas Deus não permitiu que o espírito do primeiro ser humano se perdesse; redimiu-o mesmo tendo de expulsá-lo do Paraíso. E, alguns milênios depois, servia ele de figura para a redenção que nos proporciona o Senhor Jesus — o Último Adão.

Se o homem, ao pecar, começa a morrer em seu espírito, depreende-se que a sua redenção tem início não em seu corpo, ou em sua alma, e sim no mais interior de seu âmago: no espírito já morto em delitos e iniquidades. É nessa região tão insondável de nosso ser que o Espírito Santo inicia a nossa vivificação. Dá-se, então, o que o Senhor Jesus chama de “nascer do espírito”. Somente o Divino Consolador é capaz de trazer-nos o espírito novamente à vida (Jo 3.6). A partir daí, renova-se todo o nosso ser. Corpo, alma e espírito, já plenamente redimidos, tornam-se templo de Deus e santuário do Espírito Santo.

II. A Racionalidade Humana

Tenhamos em mente esta proposição: Deus é um ser racional. Logo, há perfeita harmonia entre a genuína razão e a fé bíblica. Por isso mesmo, Ele requer, de cada um de nós, um culto racional.

1. Deus é um ser racional. Certa vez, o Senhor desafiou o povo de Judá, que caíra na apostasia, a arrazoar acerca do verdadeiro caminho (Is 1.18). Portanto, Ele requer de seus servos uma postura racional, porquanto dotou-nos de razão. Não temos uma natureza animal e bruta, mas racional e inteligente (Sl 32.9).

De acordo com a Bíblia Sagrada — o mais razoável e lógico dos livros —, a razão é o instrumento com que o Criador nos dotou, a fim de administrarmos o universo visível. Não há, pois, incompatibilidade entre a razão, quando usada corretamente, e a genuína fé em Deus. Embora esta se ache acima daquela, entre ambas não há qualquer antagonismo. Em sua Epístola aos Romanos, o apóstolo Paulo demonstra que os gentios, ao atentarem razoavelmente à criação divina, chegam a uma conclusão mais do que lógica: a existência do Único e Verdadeiro Deus. Haja vista o ocorrido em Atenas. Apesar de todos os altares dedicados, ali, ao panteão grego, havia um espaço singular consagrado ao Deus Desconhecido.

Tributamos erradamente a Aristóteles (384-322 a.C.) a invenção da lógica, pois tal ciência, cujo objetivo é investigar nossas operações intelectuais, não foi inventada por homem algum; é um recurso que Deus colocou na alma de todos os seres humanos. Se dela fizermos bom uso, lograremos descobrir as verdades que estão ao nosso alcance. Mas, se a alimentarmos com inverdades, concluiremos enganos e mentiras, pois nem tudo o que é lógico é verdadeiro. No que tange à lógica, como legítimo instrumento de pesquisa, Salomão usou-a de forma sistemática bem antes de Aristóteles e de Francis Bacon (1561-1626). Assim escreveu o mais sábio dos homens: “Eis o que achei, diz o Pregador, conferindo uma coisa com outra, para a respeito delas formar o meu juízo [...]. Eis o que tão-somente achei: que Deus fez o homem reto, mas ele se meteu em muitas astúcias” (Ec 7.27-29, ARA).

2. *A harmonia entre racionalidade e espiritualidade.* A verdadeira espiritualidade manifesta-se de maneira racional, porquanto o nosso Deus é um ser racional por excelência. Ele não é de confusão (1 Co 14.33). Para que o agrademos, o Espírito Santo nos desenvolve a inteligência espiritual (Cl 1.9).

Se Deus não fosse um ser racional, nós também não o seríamos, porquanto Ele nos criou segundo à sua imagem e semelhança. E, nessa semelhança e imagem, encontra-se, logicamente, o atributo da racionalidade. Doutra forma, a comunhão da criatura com o Criador seria impossível, porque jamais viríamos a entendê-lo, nem Ele, apesar de toda a sua ciência e presença, lograria compreender-nos. Mas, sendo Ele um Ser perfeitamente racional e infinitamente sábio, criou seres racionais e também sábios: anjos e homens. É claro que a nossa racionalidade e sabedoria são imperfeitas e limitadas, quando comparadas à razão e ao saber divinos, mas tais limites e imperfeições não nos incapacitam de ouvir e entender o Pai Celeste.

Que Deus é um ser racional, não há dúvida. Todavia, não necessita Ele de operações intelectuais, como a lógica, para descobrir o que é certo e errado, ou o que é verdade e mentira. Ele sabe de todas as coisas; conhece-as absolutamente desde o princípio até o fim; presente, passado e futuro não lhe constituem qualquer mistério. Enfim, Deus não precisa raciocinar para concluir que dois mais dois são quatro, porque não somente as operações matemáticas, como a própria matemática, saiu de seu espírito. NEle, e somente nEle, residem todos os tesouros da ciência.

Embora perfeito em conhecimento, Deus revelou-se de tal maneira à humanidade, que até mesmo a criança mais débil e o homem mais ignóbil são capazes de compreender as belezas e mistérios do Evangelho, conforme o Filho, exultante, agradece ao Pai: “Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado” (Lc 10.2, ARA). Por esse motivo, o Senhor Jesus ordenou-nos a pregar as Boas Novas a toda criatura, porque todos, até mesmos os loucos, são habilitados, pelo Espírito Santo, a entender, aceitar e viver as verdades evangélicas (Is 3.8). Caso contrário, a mensagem da cruz seria algo tão inútil como as filosofias que, forjadas nas academias mundanas, são ininteligíveis até mesmo aos que as escrevem.

Quanto aos sábios deste mundo, que confiam no próprio saber e fazem da lógica a sua pedra de esquina, o Evangelho torna-se algo incompreensível, louco e escandalizável, conforme escreve Paulo aos irmãos de Corinto (1 Co 1.18-25).

Há os que ensinam que só viremos a compreender o Evangelho de Cristo se nos munirmos de um método hermenêutico de comprovada eficácia. Uns propõem o histórico-crítico. Outros, o histórico-gramatical. Ainda outros sugerem a desconstrução sumária dos profetas e dos apóstolos, a fim de se erguer, sobre os despojos dos autores sagrados, um evangelho que, rigorosamente, em nada lembra o Evangelho de

Cristo, que Paulo pregava com poder e graça (1 Co 1.18; Gl 1.8). Quanto a mim, proponho um método comprovadamente eficaz: o canônico, cuja essência é resumida nesta proposição áurea — a Bíblia interpreta-se a si mesma. Foi o método, aliás, utilizado pelos apóstolos e evangelistas do Novo Testamento (At 7; 8.35). O Cristo fez uso desse recurso (Lc 24.27). Colocando-o em prática, valemo-nos de outra proposição igualmente áurea: o Espírito Santo é o real intérprete da Bíblia Sagrada.

Tenhamos em mente, pois, um dos atributos mais sublimes da Palavra de Deus: a conspiciência — a excelência daquilo que é claro e perceptível. No Salmo 119, o autor sagrado discorre sobre as qualidades da Bíblia Sagrada; um livro que restaura o sábio e dá vida ao ignorante. Mas, para que isso ocorra, é necessário que tanto um quanto outro se curvem à soberania das Escrituras Sagradas.

3. O culto racional agrada a Deus. Posto que Deus é um ser racional, devemos cultuá-lo racionalmente (Rm 12.1). Isso significa, antes de tudo, que a nossa adoração ao Pai Celeste tem de ser perfeitamente entendida, explicada e praticada (Êx 12.26; 1 Pe 3.15). Doutra forma, não terá valor algum (Jo 4.22). Aliás, o culto cristão é o mais racional de todos, apesar de parecer, para os incrédulos, escândalo e loucura (1 Co 1.18,24).

O culto que rendemos a Deus tem de ser racional, mas não pode ser racionalista, nem deve estar submisso ao racionalismo. Essa proposição não é um jogo de palavras, nem um mero ornato retórico; é algo a ser observado em todos os nossos atos de adoração ao Todo-Poderoso. Ela traduz plenamente o que Paulo ensinou à igreja em Roma: “Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Rm 12.1). Não sei quantas vezes li essa passagem. Mas, somente agora, começo a descobrir-lhe as reais belezas e mistérios.

Antes de tudo, atentemos à recomendação que o apóstolo faz aos irmãos de Roma. Solícito e preocupado, escreve-lhes: “Rogo-vos”. Tal

expressão é usada, no grego moderno, para se pedir um obséquo a alguém: *Parakaló*, “por favor”. Então, gentilmente, o apóstolo dirige-se àquele rebanho, para implorar-lhe um grande obséquo não para si, mas para cada uma daquelas ovelhas: a apresentação de seus corpos como sacrifício vivo a Deus, que é o seu culto racional. O culto a Deus deve ter início no lugar mais reservado e santo de nosso ser — o espírito: a sede de nossas afeições e sentimentos. A fim de qualificar esse ato cultural, o apóstolo escolhe o termo grego *latreia*, para mostrar-nos como deve ser a adoração que agrada a Deus. Essa palavra denota serviço único, adoração singular, devoção excelente e entrega incondicional. Mas, para alcançar tais qualidades, o culto não pode ser marcado apenas por emoções e sentimentos. Precisa ser caracterizado, em primeiro lugar, pela racionalidade, que nos advém da leitura piedosa e atenta das Sagradas Escrituras.

O adjetivo “racional”, usado por Paulo, advém do termo grego *logikos*, que, num primeiro momento, pode ser traduzido como lógica e razão. Mas, aqui, suplanta tanto a razão quanto a lógica, mas não as contradiz quando legitimamente usadas. Os gregos e romanos, conquanto ilustrados e cultos, não sabiam como harmonizar a razão com o culto ao Deus Único e Verdadeiro. Por isso, ostentando um saber que jamais tiveram, fizeram-se loucos devido à sua vida libertina e devassa (Rm 1.22). Os discípulos de Cristo, porém, em virtude de sua pureza e santidade, mostravam, na prática, um culto racional e, ainda, apresentavam a razão de sua fé e serviço a Deus: “antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós” (1 Pe 3.15, ARA).

No verdadeiro culto a Deus, a *latreia* precede a *leitourgia*. Que nos lembremos dessa proposição em todos os nossos atos culturais. Se a nossa adoração particular não for caracterizada pelo amor e pela racionalidade

de que fala o apóstolo, o nosso culto público tende a ser frio, mecânico e formal. Assemelhar-nos-emos aos judeus contemporâneos de Isaías. Não obstante todo o seu aparato cerimonial, louvavam a Deus apenas com os lábios, pois o seu coração achava-se longe do Senhor. Quando se chega a esse estado de decadência espiritual, a adoração — *latreia* — torna-se idolatria, e o serviço público a Deus — *leitourgia* — redonda num mero e pecaminoso liturgismo. Nessas condições, o que deveria ser um culto racional converte-se numa reunião racionalista, na qual as razões humanas suplantam a sabedoria divina. Daí, em diante, um racionalismo satânico começa a dominar todos os elementos da Igreja de Cristo — doutrina, teologia, cânticos, ministérios e a própria esperança na vinda do Senhor.

O que Deus requer, de cada um de nós, é um culto verdadeiramente racional: a posse completa de nosso corpo, alma e espírito. Consagremo-nos inteiramente ao Senhor! Se não o fizermos, jamais o veremos.

III. A Sociabilidade Humana

Deus nos criou gregários e sociais; a solidão é contrária à nossa natureza. Por essa razão, Ele instituiu, em primeiro lugar, a família e, só depois, o Estado. Nesse contexto, a Igreja de Cristo é apresentada como a sociedade perfeita.

1. *A solidão é nociva ao ser humano.* No período da criação, a única coisa que Deus afirmou não ser boa foi a solidão (Gn 2.18). Por isso, Ele fez a mulher para que o homem tivesse uma companhia idônea e sábia (Gn 2.21-25). Somente os que se insurgem contra a verdadeira sabedoria buscam viver isolada e solitariamente (Pv 18.1).

2. *A família é a origem da sociedade humana.* A família é mais importante do que a sociedade e mais imprescindível do que o Estado, pois ambos dependem do lar doméstico. Salomão, um dos maiores estadistas de todos os tempos, escreveu dois salmos (127 e 128), exaltando

o papel fundamental da família na sociedade e no Estado. Somente as ideologias malignas, como o comunismo, exaltam o Estado em detrimento da família.

3. *A Igreja de Cristo, a sociedade perfeita.* Em o Novo Testamento, a Igreja de Cristo é apresentada como a sociedade perfeita, porque nela todos formamos um único corpo (1 Co 12.13). Essa união, impensável em termos sociológicos, é denominada o mistério de Deus pelo apóstolo Paulo (Ef 3.1-12).

IV. A Liberdade Humana

Deus concedeu-nos o livre-arbítrio, para que escolhêssemos entre o bem e o mal. Se, por um lado, temos a liberdade de agir; por outro, não podemos esquecer-nos da soberania divina.

1. *O livre-arbítrio.* O livre-arbítrio pode ser definido como a capacidade humana de tomar livremente uma decisão. Tal atributo é observado em diversas passagens das Escrituras (Gn 13.9; Js 24.15; Hb 4.7).

2. *O ato de decidir.* Segundo a Bíblia, o ato de decidir entre o bem e o mal, entre Deus e os ídolos, e entre aceitar Jesus e recusá-lo é um direito que o Todo-Poderoso nos concedeu (Gn 2.9; 1 Rs 18.21; Mc 15.15,16).

3. *A soberania divina.* Já que Deus concedeu-nos o direito de escolha, ajamos com responsabilidade e discernimento, porque todos seremos responsabilizados por nossas escolhas (Ec 11.9; Rm 14.12). Portanto, o livre-arbítrio humano e a soberania divina não são excludentes; são perfeitamente harmônicos. Entre ambos, conforme disse alguém mui sabiamente, encontra-se o Senhor Jesus Cristo.

4. *A liberdade cristã e o amor.* A liberdade cristã é um dos maiores institutos que o Senhor Jesus nos confiou mediante a sua morte. Todavia, temos de usá-la com temor e responsabilidade, para não a mundanizarmos. Eis o que nos recomenda o apóstolo: “Porque vós,

irmãos, fostes chamados à liberdade; porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor” (Gl 5.13). Quando somos dirigidos pelo Espírito Santo, usamos dessa liberdade com prudência e cuidado, visando não propriamente nossos interesses, mas a saúde espiritual dos que nos cercam. Se determinados alimentos, como a carne, escandalizam o meu irmão, por que me dar a essa iguaria em público? Mais vale a saúde espiritual desse meu conservo, em Jesus Cristo, do que um prazer que, embora lícito, faz-se ofensivo naquele momento. Como diz Paulo, todas as coisas me são lícitas, mas nem todas me convêm.

Na sociedade pós-moderna, os escândalos se sucedem. Ignorando fronteiras e limites, os que os praticam alegam ter liberdade para agir como bem entenderem. Mas nós que somos salvos temos uma norma de conduta alta e sublime; somos orientados pela Bíblia Sagrada. E, dessa forma, nosso livre-arbítrio coloca-se, amorosa e voluntariamente, sob a soberania de Jesus Cristo. Por esse motivo, privamo-nos, às vezes, de algo lícito, a fim de que um amado irmão em Cristo não se aprisione por causa de minha liberdade.

V. A Criatividade Humana e o Trabalho

O trabalho não é consequência do pecado, mas uma bênção na vida do homem. Neste tópico, veremos que, através do trabalho, o ser humano transforma e preserva a Terra.

1. A dignificação do trabalho. Deus criou o homem para trabalhar a Terra, ará-la e transformá-la, a fim de torná-la habitável (Gn 1.26; 2.15). Por conseguinte, o trabalho não é um castigo devido ao pecado de Adão, mas uma bênção a todos os seus descendentes. A Queda apenas tornou as atividades laborais mais árduas e estressantes (Gn 3.17-19). A Santíssima Trindade é um exemplo de trabalho e operosidade (Gn 2.1-3; Jo 5.17).

2. A criatividade humana. Os descendentes de Adão, trabalhando metodicamente, logo descobriram as mais variadas técnicas (Gn 4.2,3,20-22). Rapidamente, evoluíram. Na terceira geração, já dominavam a agricultura, a pecuária, a metalurgia e a arte musical.

A partir da torre de Babel, o homem já dava mostras de ter condições de governar tecnologicamente todo o planeta, em virtude de sua criatividade (Gn 11.6). Todavia, jamais poderemos ultrapassar os limites que o Senhor nos estabeleceu.

Conclusão

No Areópago de Atenas, o apóstolo Paulo reconhece todos os atributos que o Criador, bondosamente, nos concedeu. Sem tais qualidades, nossa existência seria impossível. Tendo em vista a jornada do homem, desde a sua expulsão do Éden, podemos afirmar que, apesar da Queda, a humanidade vem evoluindo continuamente. Mas, em termos espirituais, o homem regride de forma nociva e fatal. Só o Evangelho de Cristo é capaz de restaurar-nos.

Você já recebeu o Senhor Jesus como o seu Salvador pessoal? Faça-o, agora mesmo. Sem Ele, a vida humana perde todo o seu significado.

Capítulo 5

A Unidade da Raça Humana

Em minha viagem às Terras Bíblicas, tive o prazer de confraternizar-me com irmãos em Cristo dos mais recuados continentes. Alguns eram da África; outros, das Américas e, ainda outros, da Ásia, da Europa e da longínqua Oceania. Apesar das barreiras linguísticas que nos separavam, nossa comunhão no Espírito Santo era plena. Sabíamos que compartilhávamos dupla herança: no primeiro Adão, a genética e a maldição do pecado original; em Jesus Cristo, porém, o Último Adão, éramos todos coerdeiros das Boas Novas do Evangelho.

Não obstante os idiomas que falávamos, as culturas que nos matizavam os trajes e os tons tão diversos de nossas peles, estávamos cientes de que a unidade da espécie humana não era apenas um fenômeno antropológico, mas uma proposição aureamente bíblica. Em nosso caso, havia também o vínculo espiritual.

Naqueles momentos, convencia-me de que a diversidade do ser humano é apenas aparente e periférica; interiormente, somos todos filhos de um mesmo pai e de uma única mãe: Adão e Eva. E, no Salvador Amado, irmãos diletos. A unidade humana, por conseguinte, é algo pétreo; ditador algum é capaz de esfacelá-la. Por isso, aproveitemos esse maravilhoso elo para cumprir a Grande Comissão, que nos confiou o Senhor Jesus Cristo, pouco antes de sua ascensão aos Céus: evangelizar todos os filhos de Adão até aos confins da Terra. Se há, como de fato há, unidade genética, haverá também unidade espiritual. Aliás, essa é uma realidade que, como Igreja de Cristo, já desfrutamos.

I. A Doutrina da Unidade da Raça Humana

Neste tópico, comprovaremos que a unidade da espécie humana não é invencionice bíblica nem verbosidade teológica, mas uma verdade que pode ser comprovada também pela história e pela ciência.

1. *A unidade da espécie humana.* A unidade absoluta da espécie humana não é apenas uma proposição, mas uma doutrina, segundo a qual toda a humanidade provém de um mesmo tronco genético. Ou seja: todos originamo-nos em Adão e Eva, conforme o apóstolo Paulo deixou bem claro aos filósofos epicureus e estoicos reunidos, no Areópago em Atenas, a fim de inquiri-lo acerca da doutrina cristã (At 17.24-28).

Essa teologia é conhecida, também, como o monogenismo bíblico. Nesse sentido, o ensino cristão difere tanto da mitologia quanto dos falsos postulados científicos.

Se examinarmos a história de cada povo, com exceção a de Israel, veremos que todas as tribos e nações reivindicam uma gênese heroica e mitológica, que as remete à paternidade de um deus local. Embalado por essas crenças, o Evolucionismo de Darwin, apesar de suas roupagens científicas, é tão mitológico quanto os poemas de Homero, Hesíodo e Virgílio. Tanto as falsas religiões como a falsa ciência são incapazes de ver a origem comum da humanidade, que nos liga a Adão e Eva e, finalmente, ao Deus Único e Verdadeiro.

2. *Os fundamentos bíblicos da unidade da espécie humana.* A unidade da raça humana jamais foi posta em dúvida pelos autores das Sagradas Escrituras. Do Gênesis ao Apocalipse, todos os seres humanos são vistos como procedentes de um único tronco genético (Gn 1.26-28). Portanto, todos nós, apesar de nossas aparentes diversidades, somos filhos de Adão e Eva (At 17.24-28).

Essa proposição tem sérias implicações quanto à doutrina do pecado e da salvação, conforme explica muito bem o apóstolo Paulo aos irmãos de Roma (Rm 5.12-16).

Tendo em vista as implicações soteriológicas do monogenismo adâmico, o Senhor Deus convocou Abraão, como o pai da nação messiânica, por meio do qual abençoou todas as famílias da Terra (Gn 12.1). De fato, vindo o Filho de Deus a este mundo, na plenitude dos tempos, alcançou, por intermédio de sua morte na cruz, todos os povos (Gl 4.4). Hoje, a salvação não se acha restrita a Israel, mas é oferecida gratuitamente a todos os povos. O que crer e for batizado será salvo.

3. *Os fundamentos históricos da unidade da espécie humana.* Basta lermos qualquer compêndio de história universal, para concluirmos que, conquanto haja divergências teológicas e culturais entre os diversos povos, todos se tratam como procedentes de um só tronco genético.

De modo geral, todas as tribos e nações, das mais atrasadas às mais adiantadas, não ignoram esta verdade áurea: todos os homens, sem qualquer exceção, são irmanados em Adão e Eva. Aliás, se examinarmos os seus mitos e lendas verificaremos que, em suas bases, há certo fundo de verdade, que acaba por remeter-nos à narrativa do Gênesis. Mas as verdades, que temos aqui preservadas integral e sobrenaturalmente, foram corrompendo-se fora da comunidade de Sem e de Abraão, desde a dispersão de Babel, até descambar em mitos grosseiros, ridículos e pecaminosos. Enfim, a herança adâmica da humanidade não pode ser negada por nenhum povo.

4. *Os fundamentos científicos da unidade da espécie humana.* Até mesmo os cientistas de Hitler sabiam que os povos tidos, por eles, como inferiores, em nada diferiam, clínica e anatomicamente, dos altos, fortes e garbosos arianos. Tanto é que, submetendo judeus, eslavos e ciganos a experimentos médicos desumanos, visavam à cura dos saudáveis alemães e austríacos. Nos inferiores, pesquisavam as curas dos superiores; contradição das contradições.

Conscientemente, os médicos nazistas sabiam que, como todos os seres humanos provêm de um mesmo tronco genético, o sangue de um judeu

podia ser transfundido num alemão e vice-versa. Sabiam, também, que a cura de um judeu podia representar a recuperação de um eslavo, de um cigano ou de um puro alemão. Tais homens de ciência, embora perversos e assassinos, não eram tolos. Ao abrirem um corpo, independentemente da pele que o recobria, viam nele todas as etnias e povos, porque interiormente somos todos iguais.

Na condição de transplantado hepático, não sei se o meu doador era branco, negro ou amarelo. Sei apenas que, como filhos de Adão e Eva, não somos incompatíveis uns aos outros. Sempre haverá alguém, quer nesta etnia, quer naquele povo, que nos poderá ajudar doando-nos uma parte de seu corpo e uma parcela de seu organismo. Se viéssemos de vários troncos genéticos, como querem alguns evolucionistas, a sobrevivência da humanidade seria impossível.

II. A Unidade Linguística – De Babel ao Pentecostes

Embora eu não seja fluente noutro idioma, além do português, minha língua natal, Deus ajudou-me a aprender o hebraico, o grego, o inglês, o francês, o espanhol e o russo. Em minha viagem às Terras Bíblicas, deliciei-me ao ouvir todos esses falares.

Às vezes, tinha impressão de estar em Babel. Aqui, idiomas camitas; ali, semitas; mais além, chinos; e, acolá, indo-europeus: latinos, germânicos e eslavos. Mas, apesar de todas essas diversidades, reparei que todas aquelas línguas, quando devidamente estudadas, remontam-nos não à Torre de Babel, mas à língua primeva da humanidade.

1. A língua primeva da humanidade. Já ouvi dizer que o idioma de Adão e Eva era o hebraico. E que, nessa língua, ambos conversavam com o Senhor na viração do dia. Mas, naqueles inícios tão longínquos, não havia nem o hebraico nem qualquer dos idiomas conhecidos. Nenhum indício possuímos quanto ao falar de nossos primeiros genitores. Sem dúvida, era um idioma tão belo e puro que, quando falado, não lembrava

prosa, mas poesia. Haja vista as primeiras declarações de Adão e Eva registradas por Moisés (Gn 2.22,23).

Não resta dúvida de que o primeiro idioma humano era de origem divina, porque tudo quanto somos e temos procede do Senhor, inclusive o dom da linguagem. Logo, a língua primeva da humanidade, vinda diretamente de Deus, perduraria até o evento da Torre de Babel. Como já dissemos, era um belíssimo e poético falar; até na boca dos ímpios era poesia, e não prosa (Gn 4.23,24).

Sobre o idioma hebraico, no qual foi escrito o Antigo Testamento, só haveria de surgir com o advento dos três patriarcas sagrados – Abraão, Isaque e Jacó. Mas somente ganharia independência linguística, em relação aos falares cananeus e semitas, com a transferência dos filhos de Israel para o Egito, onde habitariam por 400 anos.

Desde o Éden até Babel, o idioma primevo da humanidade foi usado por aproximadamente 2.500 anos.

2. A confusão de Babel. Os descendentes de Noé, desde o término do Dilúvio, ainda falaram o idioma adâmico por uns 300 anos. Então, já morto o segundo patriarca universal, seus descendentes, rebelando-se contra o Senhor quanto à povoação universal do planeta, põem-se a construir uma torre, cujo topo, ufanavam-se, alcançaria o céu. É claro que eles não se referiam à morada do Altíssimo nem à habitação dos santos anjos. Era uma hipérbole muito bem trabalhada retoricamente, cujo objetivo era ajuntar a todos em torno daquele projeto iníquo e apóstata. Eles sabiam perfeitamente que nem as mais baixas nuvens seriam capazes de tocar. A iniquidade tem as suas arrogâncias e soberbas; sempre acha que poderá superar o Todo-Poderoso (Gn 11.1-9).

Da mesma forma que a língua primeva fora dada ao homem, agora era tirada; o mais belo falar humano desaparece repentina e sobrenaturalmente. A partir daquele momento, a descendência de Noé,

congregada num só lugar, e falando um só idioma, se dispersa por toda a terra.

Os filhos de Sem aglutinam-se em seus novos idiomas; logo em seguida, dividem-se em outras línguas; e, mais tarde, subdividir-se-iam noutros falares e dialetos. O mesmo aconteceria com os descendentes de Jafé e Cam. Doravante, precisariam de intérpretes e peritos a fim de se entenderem.

Foi a partir do evento da Torre de Babel que começaram a surgir os troncos das línguas atuais. No Oriente Médio e na África do Norte, o semita. Em partes da Índia, do atual Irã e da Europa, o indo-europeu. Na África, abaixo do Saara, o camita. E, no Extremo Oriente, os idiomas chinos. Devemos computar, ainda, os idiomas isolados que, aparentemente, não pertencem a qualquer dos ramos apontados. Entre esses citaremos o basco, o húngaro, o finlandês, o japonês e o coreano. Todavia, quando os estudamos a fundo, constatamos que todos os falares atuais podem ser remetidos à língua primeva da humanidade.

3. *As línguas atuais.* Quantos idiomas são falados atualmente? Algumas fontes asseguram que, hoje, são falados em torno de sete mil línguas, dialetos e subdialetos em todo o mundo. Se esse número é real, concluímos que, periodicamente, temos uma nova Babel. Alguns idiomas desaparecem, outros são descobertos e ainda outros deixam de ser meros dialetos para serem reconhecidos como línguas oficiais de algum país.

Linguisticamente, os idiomas são classificados em vivos, mortos e extintos. Entre os vivos, temos o português, o russo e o espanhol; são falados por algum ou por vários povos e nações. Os mortos, embora não mais sejam utilizados cotidianamente, subsistem em documentos; é o caso do latim e do sânscrito. E, quanto aos extintos, sabemos que, nalgum período da história, existiram, mas deles não temos documento algum. Nesse caso específico, citaremos, como exemplo, o próprio idioma

primeiro da humanidade. Desta língua, não temos o menor fragmento escrito.

4. O evento do Dia de Pentecostes. A variedade de línguas e idiomas não pode ser vista como um empecilho à proclamação do Evangelho de Cristo. Nos dias do Novo Testamento, já havia um número considerável de idiomas e línguas, mas os apóstolos e discípulos, após receberem o batismo no Espírito Santo, puseram-se a anunciar a mensagem da cruz nos idiomas, línguas e dialetos mais desconhecidos, conforme o relato de Lucas. Historiador fidedigno, o médico amado registra o milagre das línguas quando da descida do Consolador em Jerusalém (At 2.1,5-13, ARA).

Hoje, para fazermos missões transculturais, temos de aprender idiomas, e até dialetos, para falarmos de Cristo aos povos alcançados. Embora não mais contemos com o milagre linguístico observado no Dia de Pentecostes, tenhamos certeza de uma coisa: o mesmo Consolador estará conosco, auxiliando-nos em nossos estudos e treinamentos. Todavia, não descarto o aprendizado miraculoso de um novo idioma. Isso já tem ocorrido com diversos missionários pentecostais; não é a regra geral, mas ainda ocorre. Creio no Deus que opera sinais e maravilhas.

III. A Unidade Soteriológica – Jesus Morreu por Todos

Quando estudamos o Plano da Salvação que Deus, em Jesus Cristo, preparou-nos bem antes da fundação do mundo, vemos delinear-se, diante de nós, esta proposição aureamente soteriológica: todos pecamos e, devido ao nosso pecado, todos necessitamos de um salvador que nos livre do Inferno. É justamente aí, nesse momento tão decisivo de nossas vidas, que o Santo Evangelho nos apresenta o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.

Jesus Cristo é o nosso Único e Suficiente Salvador; não há nenhum outro além dEle.

Observemos que todos pecaram, e não apenas esta ou aquela etnia, nem somente os europeus ou só os africanos. Sob a maldição do pecado original, encontra-se toda a humanidade. Mas a boa notícia é que todos, judeus e gentios, podemos ser salvos e viver um novo relacionamento com Deus. A unidade da espécie humana também é plena no que diz ao pecado de Adão e à salvação em Jesus Cristo.

1. *Em Adão, todos pecaram.* Conforme já vimos, em Adão, todos pecamos, por ser ele não somente a origem genética da espécie humana, como também o cabeça espiritual e moral de toda a sua descendência (Rm 5.12). A esse pecado dá-se o nome de original, por ter sido a transgressão-matriz, que haveria de gerar todas as iniquidades e rebeliões contra o Criador.

O pecado original pode ser descrito como o desejo de se igualar e superar a Deus. É o orgulho, a soberba e a indiferença àquEle que nos fez e que, amorosa e bondosamente, nos mantém. Tal sentimento, que brotou primeiro no querubim ungido, por pouco não se petrifica no coração de Eva, a mãe de todos os viventes.

Apesar de Eva ter sido a primeira a transgredir, não foi a principal responsável pela queda do ser humano. A culpa maior recaiu sobre o homem devido à sua responsabilidade como chefe da espécie humana, conforme explica Paulo a Timóteo: “E Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão” (1 Tm 2.14, ARA).

O que o apóstolo deixa bem claro, nessa passagem, é que Adão caiu conscientemente; sabia o que estava para fazer. Quanto à mulher, além de achar-se vulnerável e desacompanhada, no momento da tentação, foi dialeticamente iludida e enredada à apostasia; pecou contra Deus e, já instrumentalizada pelo Diabo, não teve dificuldade alguma em levar o esposo a um erro mais grave, porquanto este pecou sabendo que estava pecando. Cuidado, o pecado consciente e voluntário é algo gravíssimo (Hb 10.26-30).

2. Em Jesus Cristo, todos podem ser salvos. Se, no primeiro Adão, todos pecamos, no Último Adão, é-nos facultada a oportunidade de sermos eficazmente salvos (1 Co 15.22). Mais adiante, declara o apóstolo: “O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente. O último Adão, porém, é espírito vivificante” (1 Co 15.45, ARA). Por que o Senhor Jesus é assim descrito pelo apóstolo? A pergunta requer uma séria reflexão acerca de nossa salvação eterna.

Nosso Salvador é assim descrito, por ser a primeira e a última alternativa de o homem, enredado no pecado do primeiro Adão, ser salvo. Ele é o Alfa e o Ômega: o princípio e o fim de todas as coisas. Tudo nEle teve origem e nEle tudo se consumará (Ap 22.13). E, sendo Jesus Cristo o Último Adão, conclui-se que, se antes dEle não houve salvador, nem depois dEle houve nem haverá, conforme declara Pedro perante as autoridades do Sinédrio em Jerusalém: “E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (At 4.12, ARA).

Somente o Senhor Jesus Cristo, como o Salvador Perfeito, teve condições de exercer plenamente os três ministérios do Antigo Testamento. Sendo o Profeta que havia de vir, mostrou, por atos e palavras, que todas as alianças, desde Adão até Davi, nEle se cumpriram (Jo 6.14; Mt 1.1). Sendo o Sumo Sacerdote anunciado nos Salmos, ofereceu-se por nós, no Calvário, e, por nós, continua a interceder ininterruptamente (Sl 110.4; Hb 7). E, agora, sendo o Rei dos reis e Senhor dos senhores, todos os poderes, quer nos Céus quer na Terra, foram-lhe plenamente confiados pelo Pai (Mt 28.18-20; Ap 17.14; 19.16).

Portanto, querido amigo, se você ainda não teve um encontro pessoal e experimental com o Senhor Jesus, aceite-o agora mesmo. Ele é o Salvador de todos os homens; nEle, não há acepção de pessoas. Ele, e

somente Ele, pode reunir todas as famílias da Terra, numa única e perfeita grei: sua imaculada Igreja.

3. *A Igreja de Cristo é a unidade perfeita.* Em minha visita à Terra Santa, fraternizei-me com irmãos de todo o mundo. Ali, pelas ruas de Jerusalém, ou nos lugares tidos como sagrados, porque sagrado mesmo era a nosso elo no Espírito Santo, formávamos a Igreja do Cordeiro. No primeiro Adão, divididos. Mas agora, no Último e Perfeito Adão, congregados. Caíam, por terra, todas as aparentes diversidades como línguas, culturas, tendências políticas e barreiras geográficas.

Quem melhor descreve a Igreja, como a congregação universal dos redimidos pelo Cordeiro, é o apóstolo Paulo (Ef 3.1-12).

Hoje, em virtude da morte e da ressurreição de Jesus Cristo, todos, sem exceção, quer judeus quer gentios, temos acesso ao trono da graça. E, nessa mesma graça, formamos a Igreja de Deus. Somente o sangue do Cordeiro Imaculado para reunir, num mesmo corpo, pessoas tão distantes e, às vezes, tão diversas. Já imaginou, amado irmão, quando estivermos na Jerusalém Celeste? Ali, na companhia do Rei dos reis, desfrutaremos da mais doce, pura e inefável comunhão no Espírito Santo. Que Deus nos guarde e preserve-nos para este grande e ansiado dia.

Conclusão

Querido leitor, como já vimos, a diversidade dos filhos de Adão e Eva é mais exterior do que interior. Apesar dos idiomas que nos separam, das culturas que nos fazem estranhos e da cor de nossa pele, você e eu possuímos uma origem comum. Logo, devemos aproveitar os elos que nos unem (e não são poucos), para levarmos o Evangelho de Cristo a todos os continentes.

E, quando estivermos nos confins mais desconhecidos de nosso planeta, a falar de Cristo, concluiremos que todos os homens são, de fato, geneticamente irmãos. Então, oremos e esforcemo-nos, para que venham eles a receber a Jesus Cristo, tornando-se, igualmente, nossos coerdeiros

na fé. No Evangelho, a unidade é mais poderosa do que a diversidade, porque quando o Filho de Deus foi levantado, no madeiro, atraiu todos a si.

Capítulo 6

A Sexualidade Humana

Certa manhã, durante a nossa visita a Israel, dirigimo-nos à região do mar Morto. E, ali, diante daquela imensidão salgada e morta, lembrei-me de Sodoma e Gomorra. De acordo com a Bíblia Sagrada, ambas as cidades podiam ser encontradas exatamente naquele sítio, que, hoje, é conhecido ainda por estes apelidos mui emblemáticos: mar de Ló e mar de Sodoma. Trata-se de um lugar quente e desconfortável. Os que se aventuram a entrar, naquelas águas, são aconselhados a não exceder os 60 minutos.

Dizem que o mar Salgado, pois assim a Bíblia o chama, faz bem à saúde, em virtude de seus muitos sais e minérios. Acredito que essa propaganda seja em parte verdadeira, pois o lugar é procurado por gente do mundo inteiro. Mas, para mim, o maior benefício do mar Morto é o seu alerta aos que ainda estão vivos: o Deus Único e Verdadeiro não se deixa escarnecer; tudo quanto o homem semear isso também há de ceifar.

Sodoma e Gomorra poderiam ter entrado para a história, em virtude de seu progresso, desenvolvimento e avanços mercantis e econômicos. Em várias passagens das Sagradas Escrituras, deparamo-nos com indícios de que ambas as cidades haviam alcançado um elevado grau de civilização (Gn 13.10; Ez 16.49). Todavia, em que pesem todas as suas conquistas, passaram a ser conhecidas por sua devassidão, torpeza e imoralidade. De tal forma tornaram-se profanas, que nem respeito mostraram aos santos anjos enviados, pelo Senhor, a fim de resgatar ao justo Ló e a sua família.

Apesar do castigo que sobreveio a Sodoma e a Gomorra, o mundo vem multiplicando sua devassidão, pecados e iniquidades. Nunca os pecados sexuais tornaram-se tão escandalosos e descarados; nada mais pode ser

proibido ou censurado. No entanto, o mesmo castigo que se abateu sobre as impenitentes cidades das campinas do Jordão há de recair sobre os que, menosprezando o Juízo Divino, vivem como se tudo fosse permitido.

Neste capítulo, veremos o que a Bíblia ensina e prescreve acerca da sexualidade humana. Conquanto seja um assunto exaustivamente debatido, está sempre a gerar novas controvérsias. Por essa razão, recorreremos à Palavra de Deus, a fim de buscar o verdadeiro modelo quanto ao uso santo e decoroso do sexo.

Ao longo de nossa dissertação, constataremos que o sexo não é uma construção social, mas algo criado por Deus; um dom, cujos reais objetivos não podem ser ignorados nem profanados. Mostraremos que as distorções e os pecados sexuais são uma grave ofensa contra Deus.

Que o Espírito Santo nos ilumine a compreender mais esse assunto relacionado à doutrina do homem na Bíblia Sagrada.

I. O Renascimento de Sodoma e Gomorra

Não são poucos os cristãos que se assustam com a “invasão” da Europa pelos muçulmanos. Alguns, chorosos e antevendo a destruição dos valores e conquistas ocidentais, indagam: “O que será da civilização cristã?”. Em primeiro lugar, nunca houve uma civilização europeia genuinamente cristã, porquanto o paganismo sempre esteve presente desde o Volga, passando pelo Danúbio e pelo Sena, desaguando ora no Atlântico, ora no Mediterrâneo. O que havia, desde Constantino, o Grande (272-337 d.C.), até o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, era a hegemonia de uma cultura pagã influenciada fortemente pelos valores judaico-cristãos. Mas que, desde aquela época, vem degradando-se de maneira vertiginosa. Tanto é que, hoje, já se fala, com diabólico ufanismo, na repaganização do continente europeu. E, como sempre acontece em tais ocasiões, esse retrocesso espiritual e moral acabou por redundar numa promiscuidade sexual assustadora e sem precedente algum. Noutras

palavras, estamos a assistir ao renascimento espiritual de Sodoma e Gomorra.

1. A civilização do erotismo. O decantado mundo clássico greco-romano tolerava práticas que, até há bem pouco tempo, causavam-nos ascos e repulsas. Os deuses gregos, que os romanos vieram a tomar emprestados, não serviam de referência espiritual e moral a nenhum de seus adoradores, pois eram mais degradados e corruptos do que o mais corrupto e degradado dos homens. Haja vista o chefe de todos eles, fosse Zeus, na Grécia, ou Júpiter, em Roma. Esse “deus” libertino e sanguinário, que os indo-europeus chamavam de *Dyàuspítah*, vivia a corromper donas de casa e donzelas por todas as cidades gregas e romanas. E, nas horas de ócio, que não eram poucas, jogavam seus adoradores uns contra os outros, promovendo desentendimentos e guerras.

Ao transitar pelos canais do televisor, para ver se ainda resta um programa respeitável, constatamos que as divindades do mundo clássico ressuscitaram e, agora, mais virulentas e lúbricas, tomam de assalto a todas as telas. Ostentando outros nomes e fantasias, fizeram-se mais exigentes que outrora; requerem o corpo, a alma e o espírito de todos os seus tolos e desavisados servos (ou escravos?). Este se apresenta como o deus da guerra: enaltece a violência e despreza a vida humana; e aquela, despudorada e espezinhando todos os valores cristãos, descobre-se como a deusa do sexo e, no sexo vil e sujo, enreda crianças, adolescentes e até gente idosa.

Na verdade, tais divindades não foram criadas nem por Homero, nem por Hesíodo. Tais poetas limitaram-se a nomear os demônios que, a serviço de Satanás, vêm induzindo os seres humanos ao pecado, desde a Queda de Adão de Eva. Eles induziram Caim ao fratricídio; cegaram os olhos de Lameque para que, banalmente, matasse aqueles dois homens que, sem querer, nele esbarraram; e, insatisfeito, abriram os olhos desse

mesmo Lameque, para que, desrespeitando a monogamia conjugal, tomasse duas mulheres como esposa. E, a partir desse evento, os “deuses” do sexo e da violência vêm tomando o mundo de assalto. A situação só não está pior porque a Igreja de Cristo, como o sal da terra e a luz do mundo, vem barrando, eficazmente, o avanço de Satanás e de seus demônios.

Vivemos numa civilização erótica e violenta. Nossos dias em nada diferem do período que antecedeu o Dilúvio, no qual as pessoas davam-se, sem quaisquer regras, às comidas, às bebidas e àquilo que chamavam de casamento. Viviam para pecar e pecavam para viver.

O sexo, hoje, é explorado sem pudor. Vai das modas e grifes mais degradantes que, indefinindo os sexos, lançam homens e mulheres à devassidão, aos quadrinhos e filmes que, ao apregoarem serem todas as coisas lícitas, mesmo as mais inconvenientes e nocivas, clamam por um novo julgamento universal. E, repetindo um *slogan*, que infelicitou a França, em 1968, os que a si mesmos intitulam-se formadores de opinião não cessam de matraquear: “É proibido proibir”. Ora, se tudo é permitido, a vida torna-se insustentável.

As marcas de nossa civilização em nada diferem da antediluviana: sexo e violência. Novelas, filmes e livros. Tudo se acha eivado pelas mesmas iniquidades e pecados que levaram o mundo antigo à destruição.

2. A cultura do erotismo. Os deuses antigos demoravam, às vezes, de dois a três séculos para se tornarem nacional e internacionalmente conhecidos. Haja vista que o mundo do século IV, antes de Cristo, só veio a conhecer o panteão grego por meio das conquistas de Alexandre, o Grande (356-323 a.C.). A partir daí, os deuses da Grécia, com todas as suas tralhas ideológicas e comportamentais, espraíram-se da Índia às fronteiras da Itália.

No mundo pós-moderno, porém, os ídolos forjados nos estúdios de cinema e nos ateliês da moda tornam-se conhecidos, literalmente, de um

dia para o outro. Basta um anúncio na televisão, de apenas 30 segundo, para que surja um novo símbolo sexual — uma Afrodite renascida do Inferno, ou um Apolo ressuscitado de alguma mente doentia. E, assim, o que era pecado outrora se torna, hoje, cultura.

A massificação do adultério, da fornicação, do homossexualismo e até da pedofilia levou a atual geração a tolerar o intolerável. No Sermão Profético, alertou-nos seriamente o Senhor Jesus: “E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos” (Mt 24.12, ARA). Isso significa que até mesmo nós, os filhos de Deus, corremos o risco de nos conformarmos perigosamente com o presente século (Rm 12.1,2). De repente, estamos a rotular de cultura o que a Bíblia chama de iniquidade.

Sejamos firmes e santos, tendo o exemplo do justo e íntegro Jó sempre diante de nós (Jó 31.1-4)

Nem tudo o que é apresentado como cultura, arte, folclore e tradição corresponde a esses rótulos inofensivos. O Diabo sabe como vender seus produtos. E, para colocá-los na feira da concupiscência, utiliza-se de órgãos públicos, de escolas e até de igrejas. Saibamos como diferenciar uma coisa da outra, pois o nosso compromisso é salgar e iluminar, com o Evangelho de Cristo, a sociedade na qual vivemos.

3. *A religião do erotismo.* Assim como no mundo antigo a prostituição estava intimamente ligada aos cultos pagãos, o mesmo acontece hoje. Pelo que me consta, ainda não foram reerguidos os templos de Baal, de Hathor e de Afrodite. Entretanto, o sexo já vem sendo praticado, em muitos lugares, como oferenda declarada e explícita a Satanás. Como se toda essa miséria não bastasse, não faltam teólogos para justificar, “biblicamente”, a prostituição, o adultério e o homossexualismo. Os tais, seguindo o exemplo de Balaão, abusam da teologia e da Palavra de Deus, para corromper o povo do Senhor.

Não obstante o fervor erótico da presente era, constatamos que as sociedades mais liberais, como as nórdicas, apresentam um preocupante

declínio populacional; tendem a desaparecer se não reverterem imediatamente essa tendência. Nelas, cumpre-se a profecia de Oseias: “Comerão, mas não se fartarão; entregar-se-ão à sensualidade, mas não se multiplicarão, porque ao Senhor deixaram de adorar” (Os 4.10, ARA). Em nada diferem elas de Sodoma e Gomorra; conquanto desenvolvidas, ricas e prósperas, moralmente são miseráveis e podres. Nesses países, cresce não apenas o número de ateus, como também a cifra dos que se declaram inimigos do Deus Único e Verdadeiro. Apoiam o aborto, a eutanásia, o casamento de pessoas do mesmo sexo e, em alguns lugares, já defendem abertamente a pedofilia.

Já começam a aparecer igrejas evangélicas que, apresentando-se como inclusivas, não só acolhem, mas também justificam os que se entregam aos pecados sexuais. Ao torcerem as Escrituras, defendem o homossexualismo como se essa prática fosse o plano de Deus à humanidade. Hoje, vemos com tristeza e pesar, várias denominações, que, apesar de seu passado comprometido com a Palavra de Deus, já começam a consagrar pessoas declaradamente homossexuais ao ministério cristão.

Se não estivermos vigilantes e cuidadosos, a doutrina de Balaão entrar-nos-á de maneira sorrateira e disfarçada pelas igrejas, pervertendo os santos, exatamente como aconteceu durante a peregrinação de Israel pelo Sinai. Atentemos a esta advertência de Jesus à igreja de Pérgamo: “Tenho, todavia, contra ti algumas coisas, pois que tens aí os que sustentam a doutrina de Balaão, o qual ensinava a Balaque a armar ciladas diante dos filhos de Israel para comerem coisas sacrificadas aos ídolos e praticarem a prostituição” (Ap 2.14).

Não transformemos os nossos santuários em templos pagãos e dedicados aos pecados sexuais. Hoje, muitas igrejas são mobiliadas para terem aparências de casas noturnas: luzes apagadas, canhões luminosos, efeitos especiais, dança e sensualidade. Os gritos são ensurdecedores; a

música, alucinante. Enfim, um desastre à espiritualidade de quem busca agradar a Deus. O que é isso senão a doutrina de Balaão? Esse profeta estrangeiro sabia que não podia amaldiçoar Israel, porque Israel, como povo do Senhor, já era abençoado. Sua maldição, por conseguinte, jamais atingiria os hebreus. Mas, como bom teólogo que era, Balaão usou a teologia para, teologicamente, amaldiçoar o povo do Senhor. Seu trabalho de feitiçaria não pega, o pecado certamente pegará.

E, assim, manipulando a revelação e a teologia que Deus lhe confiara, Balaão engendrou um meio para levar a maldição, a derrota e a morte ao arraial hebreu. Põe-se, então, a ensinar o amedrontado Balaque a espalhar, pelo acampamento hebreu, mulheres levianas e despudoradas, para que, brandindo seus encantos, induzisse os varões israelitas a comerem alimentos consagrados aos ídolos e a se prostituírem. E, como resultado dessa orgia e desenfreio, o Santíssimo Deus eliminou, dentre os filhos de Israel, num só dia, a 24 mil homens.

À semelhança de Balaão, há “obreiros” que, em suas conferências e sermões, esboçados no Inferno, e totalmente descomprometidos com a santificação do povo de Deus, buscam alternativas para inflar seus redis e inchar seus apriscos.

Eles enchem suas igrejas de crentes desnutridos, enfermos e mortos. Ao invés de ensinarem a doutrina da santificação, tangem suas ovelhas com teologias ruins e putrefatas.

Quanto a nós, ensinemos ao povo de Deus que, sem a santificação, ninguém verá o Senhor (Hb 12.14). Por que transformar nossos templos em boates e casas noturnas? Em minha Bíblia, está escrito: “Fidelíssimos são os teus testemunhos; à tua casa convém a santidade, Senhor, para todo o sempre.” (Sl 93.5, ARA). Se não proclamarmos a doutrina da santificação às ovelhas e aos cordeirinhos de Jesus Cristo, não tomaremos parte no arrebatamento da Igreja. E, quando do Juízo Final, seremos lançados no Lago de Fogo. Que Deus tenha misericórdia de nós. Nos

próximos tópicos, mostraremos qual o plano de Deus concernente à sexualidade humana.

II. Deus Criou apenas dois Sexos

Deus criou apenas dois sexos: o masculino e o feminino. Além dessa fronteira, só há pecado e abominação diante do Criador e Senhor de todas as coisas.

1. Definição de sexo. O sexo pode ser definido, de acordo com o *Dicionário Houaiss*, como a “conformação física, orgânica, celular, particular que permite distinguir o homem e a mulher, atribuindo-lhes um papel específico na reprodução”.

O ser humano é identificado por seu sexo logo ao nascer (Gn 4.1; 30.21). Hoje, aliás, já se sabe o sexo da criança ainda em seu período de gestação. Logo, o sexo não é o resultado de uma engenharia social e política, como o querem os ideólogos do gênero. Ou se nasce homem, ou se nasce mulher. É o que demonstra a Bíblia Sagrada e a própria ciência.

Neste ensejo, esclarecemos que o homem, como indivíduo, não pertence ao gênero, mas ao sexo masculino. Todavia, a palavra “homem”, como substantivo e classe gramatical, faz parte do gênero masculino. O mesmo se aplica à mulher.

2. Deus criou o sexo. Os anjos, desde que foram criados, continuam com o número de seu contingente inalterado; eles não se reproduzem sexualmente; foram chamados à existência duma só vez (Sl 33.6; Lc 20.34-36). No entanto, o ser humano propaga-se por meio da junção sexual (Gn 4.1). Logo, por intermédio de um só casal — Adão e Eva — vieram a existir todas as nações, línguas e povos que, hoje, conhecemos (At 17.26).

O sexo foi criado por Deus; não é invenção humana. Quando usado de acordo com as ordenanças divinas torna-se fonte de bênção ao esposo e à esposa.

3. Os dois sexos. Ao criar o ser humano, o Senhor os fez macho e fêmea (Gn 1.26,27). Por conseguinte, há somente dois sexos: o masculino e o feminino. Estes devem ser tratados como sexos, e não como gêneros, conforme já vimos. Ainda que alguém exteriormente transmude-se, jamais perderá a essência do sexo com que nasceu. O homossexualismo e outras práticas igualmente abomináveis jamais conseguirão mudar o que Deus criou.

III. Objetivos da Sexualidade Humana

O sexo foi criado por Deus, tendo em vista três objetivos: a procriação da espécie humana, a união conjugal e a glória divina.

1. Procriação. Como já dissemos, só existe um meio de a espécie humana propagar-se: por meio da união sexual entre um homem e uma mulher (Gn 4.1). Enquanto a etapa atual da criação divina não for concluída, casamentos serão consumados e seres humanos continuarão a nascer até a consumação dos séculos (Is 65.20).

Todavia, chegará o momento em que a humanidade não mais necessitará procriar-se (Lc 20.34-36). Tanto os que forem para o Céu como os que forem para o Lago de Fogo não mais propagarão a espécie; estará findada a nossa atividade sexual, porque o ser humano, agora, não será mais carne e sangue (1 Co 15.50). Teremos um corpo de glória; seremos semelhantes aos anjos. Aleluia!

2. União conjugal. O sexo foi criado por Deus para ser desfrutado no contexto da vida matrimonial (Gn 2.24). Como veremos daqui a pouco, o sexo, quando praticado antes e fora do casamento, afigura-se como ofensa e pecado perante o Criador. No casamento, porém, une o casal e perpetua os laços entre o homem e a sua esposa.

3. A glória de Deus. O sexo não é uma atividade meramente fisiológica ou recreativa. Aos olhos de Deus, é algo sagrado, pois os que o praticam são templo do Espírito Santo (1 Co 6.19). Na Bíblia, há um livro

dedicado às belezas da vida conjugal (Ct 2.1-4). Aliás, a Igreja de Cristo é apresentada como a Noiva do Cordeiro (Ap 21.9; 22.17). Pode haver algo mais glorioso?

IV. Distorções da Sexualidade

O sexo, quando praticado antes, ou fora do casamento, gera iniquidades e abominações: fornicação, adultério, homossexualismo, ideologias nocivas, pornografia e maus pensamentos.

1. A fornicação. A fornicação é o relacionamento sexual antes do casamento (1 Tm 1.10). Logo, quando um casal de namorados ou de noivos pratica o sexo, tanto o rapaz quanto a moça pecam contra o Senhor (Ef 5.5). Se este é o seu caso, deixe o pecado imediatamente, e procure a ajuda de seu pastor. Enfim, a atividade sexual de pessoas solteiras é algo condenável aos olhos do santíssimo Deus.

2. O adultério. Este é o pecado cometido fora do casamento. A fim de proteger a harmonia conjugal, o Senhor decretou: “Não adulterarás” (Êx 20.14). Jesus, no Sermão da Montanha, condena não somente o ato, em si, como a própria cobiça (Mt 5.27,28). Que o Senhor nos guarde desse pecado que tantas lágrimas tem derramado. Sejam fiéis à companheira que o Senhor nos concedeu (Ml 2.16). Os adúlteros não terão parte nem guarida no Reino de Deus.

Mantenhamos fielmente o nosso casamento. Que ninguém veja o divórcio como escape às suas desavenças conjugais, nem como oportunidade para dar vazão às suas cobiças e concupiscências. Se há conflitos matrimoniais, busque ajuda junto ao seu pastor. E, se por acaso, o seu coração já se deixou enredar por outra mulher, cuidado! Não se prenda aos laços de Satanás. Caso contrário, perderá você a esposa querida, os filhos que tanto o admiram e a própria alma. Haja como homem de Deus. E, como homem de Deus, encaminhe a sua família à Jerusalém Celeste.

3. O homossexualismo. É o relacionamento sexual de pessoas do mesmo sexo. Na Bíblia Sagrada, o homossexualismo é conhecido como o pecado de Sodoma e Gomorra (Dt 23.18; 1 Co 6.9; 1 Tm 1.10). Essa abominação contraria o plano divino quanto ao casamento que, além de ser monogâmico e indissolúvel, é também heterossexual (Gn 2.24). Jesus veio para salvar a todos os pecadores, inclusive os homossexuais. Quem lhe procura o auxílio é verdadeiramente liberto, conforme escreve Paulo aos irmãos de Corinto (1 Co 6.9-11).

4. A ideologia de gênero. A chamada ideologia de gênero é mais uma tralha inventada pelos inimigos da família cristã. Alegando que o sexo é uma mera construção social, tal ensino instiga os pais a educar os filhos de maneira neutra, deixando aos meninos e às meninas a escolha de seu “sexo social ou ideológico”. A Bíblia, porém, é taxativa quanto a tais asneiras (Dt 22.5). Queridos pais, sejam criteriosos na educação de seus filhos; admoeste-os na Palavra de Deus (Ef 6.4). Não deixe nem ao Estado, nem à sociedade a educação de seus pequeninos; eles são herança do Senhor (Sl 128).

5. A pornografia. É sabido que, antes, para se assistir a um filme pornográfico, a pessoa tinha de entrar por determinadas ruas e ruelas, até chegar a um cinema suspeito e pulguento. Hoje, com os avanços das mídias, temos em mãos tabletes e celulares, que, num único clique, remetem-nos ora a Sodoma ora a Gomorra. Por essa razão, temos de nos precaver de todas as maneiras, para não imitarmos aqueles anciãos de Jerusalém, que, em suas câmaras secretas, adoravam as mais asquerosas imagens e pinturas (Ez 8).

6. Diante do pecado, não há ninguém forte; se não vigiarmos, cairemos. Por esse motivo, quer moços, quer velhos, revistamo-nos da graça de Deus, para que não venhamos a praticar amanhã o que, hoje, veementemente condenamos. Mas a boa notícia é que temos o Espírito

Santo, que, habitando em nós, conduz-nos de vitória em vitória. NEle, somos fortes, porque já vencemos o Maligno (1 Jo 2.13,14).

Usemos as mídias com prudência e moderação; consagremo-los ao Senhor. Se formos assistir a algo, evitemos as armadilhas de um lugar solitário. Jamais nos esqueçamos de que o Senhor Jesus, cujos olhos são chamas de fogo, está contemplando todas as coisas.

7. *Maus pensamentos.* Tiago mostra, em sua epístola, como funciona a mecânica do pecado (Tg 1.13-15). Como se observa, a mecânica do pecado é simples, mas efficientíssima. Sejam os precavidos; resguardemos o nosso coração, porque dele procedem as saídas da vida e da morte.

De um olhar concupiscente, vem a cobiça. E, da cobiça, brotam os pensamentos ruins e as fantasias mais inconsequentes. Depois, mesmo antes de o cobiçoso haver cometido aquele pecado, já engehado em sua alma, o seu coração, agora necrosado, não terá sensibilidade alguma para ouvir as admoestações do Espírito Santo. A essas alturas, a transgressão sexual já é uma realidade no espírito do crente descuidado. E, a partir deste ponto, o adultério, a fornicção e outras delinquências sexuais são apenas uma questão de tempo e oportunidade.

Portanto, sempre que um mau pensamento assediá-lo, querido irmão, lembre-se desta passagem do apóstolo Paulo (Fp 4.8,9).

Conclusão

Apesar de o ser humano ser dotado de sexo, foi este criado para louvar e exaltar a Deus por intermédio de uma vida santa e pura. Que jamais nos esqueçamos de que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo. Não somos um mero fenômeno fisiológico; fomos criados à imagem e à semelhança do Deus Eterno e Santo.

Quanto a nós obreiros, que temos a responsabilidade de ministrar a Palavra do Senhor à Igreja de Cristo, sejamos corajosos e firmes quanto à doutrina da santificação. Que os pecados recebam os nomes pelos quais devem eles ser conhecidos. Hoje, somos acossados pela ditadura do

movimento homossexual; violentamente, buscam emudecer-nos para que não preguemos contra o pecado de Sodoma e Gomorra. Os ativistas gays de hoje são tão insolentes e agressivos quanto os sodomitas de ontem. Sob o estandarte de uma suposta homofobia, querem sufocar-nos a voz, para que não mais ensinemos passagens como Levítico 18.22 e Romanos 1.26,27. Se nos calarmos, não poderemos salvar nossos filhos e netos dessa libertinagem e devassidão que arruínam a civilização atual.

Sejamos corajosos. Não nos acovardemos diante do pecado. Em meio a esse desafio, alenta-nos Paulo: “Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação” (2 Tm 1.7,ARA).

Salvemos nossos meninos e meninas, rapazes e moças, homens e mulheres, anciãos e anciãs do pecado que, nestes dias pós-modernos, nos rodeia e assedia. O Senhor está conosco.

Capítulo 7

A Queda do Ser Humano

Segundo Charles Darwin (1809-1882), o homem é o produto de um lento e tedioso processo de evolução. Aliás, um processo que, desde o aparecimento dos primatas, teria durado três milhões e meio de anos. Mas, se levarmos em conta tal mito, desde o seu mais recuado princípio, de acordo com alguns evolucionistas, toda essa marcha biológica, que resultaria no *Homo Sapiens*, representaria um total de 530 milhões de anos; uma eternidade para nós, hoje, cuja expectativa de vida não vai além dos 80 anos de idade.

Todavia, ao examinarmos a Bíblia Sagrada, constatamos que, na peregrinação do homem sobre a face da Terra, não houve evolução nem avanço. Mas uma involução contínua que, por diversas vezes, quase nos levou à completa extinção. Haja vista as duas guerras mundiais do século XX. Em ambos os conflitos, foram mortos mais de 80 milhões de pessoas. E, desde então, outro tanto perdeu a vida em conflitos menores e igualmente selvagens.

O homem vem involuindo continuamente não porque lhe falem cultura, informações e bem-estar, mas por causa do pecado cometido, no Éden, por nossos primeiros genitores: Adão e Eva. Levemos em consideração que ambas as guerras mundiais foram deflagradas por um dos povos mais cultos e adiantados da história — a Alemanha dos filósofos, dos músicos e dos físicos. No século XIX, esse país era conhecido como a Atenas dos tempos modernos.

Querido leitor, o pecado transforma o mais civilizado dos homens num animal voraz, ignorante e disposto a canibalizar o próximo. Por outro lado, o Evangelho de Cristo leva o mais bruto dos seres humanos a agir

com nobreza, sabedoria e amor. Somente a mensagem do Calvário pode trazer paz e harmonia à semente adâmica.

Estudaremos, agora, o capítulo mais trágico da História: a Queda do ser humano. No transcorrer de nossa exposição, mostraremos que a narrativa do pecado de Adão e Eva, longe de ser uma parábola, foi um evento real, cuja literalidade não pode ser questionada, pois se acha referendada em toda a Bíblia.

Inicialmente, examinaremos o livre-arbítrio e as suas implicações na experiência humana. Em seguida, averiguaremos a Queda em si. E, depois, focaremos as consequências da apostasia de Adão. Trata-se, pois, de uma temática imprescindível ao estudo da doutrina do homem, conforme a encontramos na Bíblia Sagrada.

Que o Espírito Santo nos ilumine a compreender essa tão importante doutrina.

I. O Livre-Arbítrio do Ser Humano

Neste tópico, definiremos o livre-arbítrio. Em seguida, veremos o seu relacionamento com a soberania divina, e, finalmente, trataremos da responsabilidade humana frente às ordenanças divinas.

1. O livre-arbítrio é o dom que recebemos de Deus, por meio do qual podemos, desimpedidamente, escolher entre o bem e o mal (Dt 28.1; Js 24.15; 1 Rs 18.21; Hb 4.7). Sem o livre-arbítrio, não seríamos o que hoje somos: seres autônomos, conscientes da própria existência e de nosso lugar no Universo criado por Deus.

Em termos bíblicos e teológicos, o livre-arbítrio não é algo exclusivo humano. Nós podemos defini-lo, outrossim, como o instituto moral por excelência, que o Pai Celeste concedeu às suas criaturas morais: anjos e homens. Nós e os seres celestes, tanto ontem quanto hoje, jamais deixamos de fazer pleno uso de sua liberdade de escolha.

Logo, quando o querubim ungido rebelou-se contra o Senhor, fê-lo de forma consciente; ele sabia que pecado estava para cometer. Basta analisar-lhe o discurso registrado no capítulo 14 de Isaías. Já entorpecido pelo orgulho e embriagado pela soberba das soberbas, vociferou: “Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo” (Is 14.13,14, ARA). Suas palavras não são de um autômato, nem de um ser predestinado a rebelar-se contra Deus, como se tal apostasia fosse inevitável. Ele revoltou-se contra o Todo-Poderoso, porque fez mau uso de sua liberdade, e não soube como lidar com o seu arbítrio, que, desde a sua criação, jamais deixou de ser livre e desimpedido. Alegar, pois, que a queda do mais elevado dos anjos era algo fatalista (e teologicamente necessário) leva-nos a pecar contra a sabedoria e os desígnios divinos. O querubim pecou de forma consciente e deliberada, porque Deus a ninguém tenta nem induz ser algum ao pecado. Ele é santo; tudo o que faz é santo e conduz-nos a atos santos, perfeitos e irrepreensíveis. O Senhor jamais predestinaria qualquer de seus entes morais a errar, porque isso contrariaria frontalmente seus atributos morais — amor, justiça e retidão. Como explica Tiago, em sua epístola, cada qual é tentado de acordo com as suas inclinações (Tg 1.13-15).

Os anjos que não seguiram Lúcifer foram galardoados com dois maravilhosos dons: a santidade e a eleição, pois, ainda que tentados, optaram por continuar a obedecer a Deus. Eis porque são conhecidos, nas páginas da Bíblia, como eleitos e santos (Jó 5.1; Mc 8.38; Ap 14.10; 1 Tm 5.21). Hoje, embora conservem o livre-arbítrio, a sua santidade e eleição os levam a obedecer, amorosa e prontamente, ao Pai Celeste, conforme o Senhor Jesus deixa-nos entrever em sua oração-modelo: “Venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6.10). Quando estivermos na Jerusalém Celeste, ao lado do Senhor Jesus, não

deixaremos de ser livres em nosso arbítrio. Mas, ali, já revestidos de glória e majestade, o nosso livre-arbítrio levar-nos-á, cada vez mais, a enaltecer, a exaltar e a amar o Cordeiro de Deus.

2. A soberania divina é o direito absoluto, irrestrito e inquestionável, que possui Deus sobre toda a sua criação (Êx 9.29; Dt 10.14; Sl 135.6).

Portanto, o Senhor age como bem lhe aprouver. Em suas mãos, somos o barro; Ele, o soberano oleiro (Jr 18.6). Não nos cabe questionar a soberania do Todo-Poderoso (Rm 9.20). Ele é Deus e Senhor! Enfim, Ele é o É — o Deus Único e Verdadeiro.

Não devemos, por outro lado, ver a soberania divina como algo despótico e tirânico, porquanto todas as ações de Deus são fundamentadas em seu amor, justiça e sabedoria. O que Ele faz, agora, só viremos a compreender mais à frente (Jo 13.7). Descansemos, pois, na vontade divina (Sl 37.5). Cabe-nos, aqui, formular uma pergunta que, para muita gente, é perturbadora: “Se Deus é soberano, por que não destruiu o querubim rebelde no ato de sua rebelião? Por que esperar para lançá-lo no Lago de Fogo somente após o Milênio, depois de milhares de anos de afrontas, mentiras e blasfêmias?”. A resposta a essa indagação exige sabedoria e prudência, a fim de não cairmos em algumas ciladas teológicas.

Antes de tudo, tenhamos em mente que um dos atributos morais de Deus é a justiça. E, na condição de Juiz de toda a Terra, tem Ele alguns processos a dar andamento até a instalação do Juízo Final. Não estou a defender, aqui, querido leitor, a chamada Teologia do Processo, porquanto o nosso Deus quer em sua transcendência, quer em sua imanência, acha-se no controle absoluto de todas as coisas. Nada o surpreende: nem o espaço, nem o presente, nem o porvir. Por essa razão, não posso endossar o ensino de Alfred North Whitehead (1861-1947) a respeito da Teologia do Processo. Aliás, o Deus que Whitehead apresenta não é o mesmo da Bíblia. Mais cientista do que filósofo, o brilhante

matemático britânico, pelo que a sua biografia deixa transparecer, jamais teve um encontro pessoal e experimental com o Senhor.

Sendo Deus, também, um ser judiciário, submete as suas criaturas morais — anjos e homens — a um criterioso processo, para que toda a sua justiça seja observada e cumprida. Eis porque, nalgumas ocasiões, o seu juízo é sumário, como no caso de Ananias e Safira (At 5.1-9), e, noutras, aguarda vários séculos para castigar povos e nações, como se deu com as etnias cananeias. No que concerne aos amorreus, o Senhor aguardaria mais de 400 anos, antes de expulsá-los de diante dos filhos de Israel (Gn 15.16). Ora, toda essa espera reflete a misericórdia e o amor divinos, porque Deus não deseja a perdição de ninguém, mas que todos se convertam. Não estou dizendo, com isso, que o Todo-Poderoso não destruiu aquele exaltado querubim, porque esperava a sua conversão. No caso específico desse anjo, não temos um simples pecado, nem uma mera apostasia, mas uma ofensa irredimível contra a Santíssima Trindade. Sendo aquele poderoso ser a sua própria tentação, e atuando como o seu próprio tentador, profanou a unção que havia sobre si, provinda do Espírito Santo, e tentou destruir o Pai e o Filho, pois não admitia a manifestação do Reino dos Céus, na Terra, por intermédio do Cordeiro que, a essas alturas, já estava morto na presciência do amoroso Deus.

Insistamos, um pouco mais, nessa questão: “Se o querubim ungido, agora Diabo e Satanás, não tinha perdão nem remissão, por que Deus não o destruiu de vez?”. Mas, se por acaso, querido leitor, o soberano e justo Senhor o tivesse destruído, Adão e Eva estariam para sempre livres da tentação e de um tentador?”. Não, por uma razão bastantes simples: na qualidade de seres morais e dotados de livre-arbítrio, poderiam eles, também, rebelar-se contra o Criador, fazendo-se tão “diabos” quanto o próprio Diabo.

Não podemos esquecer-nos do exemplo emblemático de Judas Iscariotes. Mesmo não estando Satanás, ainda, em seu coração, fizera-se

ele filho da perdição e Diabo (Jo 6.7; 17.12). Satanás só viria apossar-se do coração daquele apóstolo, agora apóstata, durante a instituição da Santa Ceia, conforme escreve o evangelista João: “E, após o bocado, imediatamente, entrou nele Satanás” (Jo 13.27, ARA).

Quanto ao arqu-inimigo de Deus, só virá a ser lançado no Lago de Fogo na consumação dos séculos. Que ele já está julgado e condenado, o próprio Senhor o revelou ao discorrer sobre a vinda do Divino Consolador: “Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo: do pecado, porque não creem em mim; da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais; do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado” (Jo 16.8-11). Terminado o Milênio, antes mesmo da instauração do Juízo Final, Satanás será lançado no Lago de Fogo, onde já estarão a Besta e o Falso Profeta, conforme relata o Evangelista (Ap 20.7-10, ARA).

Logo, os adeptos do Universalismo laboram em grave erro bíblico e teológico ao imaginar que, na consumação de todas as coisas, o próprio Diabo, arrependido e já purificado, será restaurado por Deus. Que ninguém se engane. A cada dia que passa, o Maligno torna-se mais virulento e destrutivo, por que sabe que lhe resta pouco tempo (Ap 12.12).

O correto entendimento da soberania de Deus, querido leitor, é indispensável para termos uma vida cristã abundante e produtiva. Que essa doutrina jamais seja negligenciada em nossas orações. Se nos sentirmos perseguidos e injustiçados, é compreensível que roguemos ao Pai Celeste por justiça e refrigério. No entanto, não devemos rogar-lhe que nos vingue daqueles que nos buscam o mal, porque Ele não é o nosso executor. Por isso, diligenciemo-nos por oferecer-lhe um culto vivo, racional e verdadeiro; intercedamos, junto ao seu trono, em favor de nossos algozes e detratores. E, assim, transformaremos, por intermédio de nossas petições, os maus em bons e o mal em bem. Se Deus precisa, de

fato, castigar alguém que, sem motivo algum, fez-se nosso carrasco, Ele só o fará quando o nosso coração estiver preparado para ajudar essa pessoa, quando ela estiver sob a disciplina divina.

Às vezes, não entendemos por que Deus não revela, de imediato, o mal feitos dos que procuram destruir-lhe a Igreja. Sabemos que aqui e ali e, mais além, há pecados escondidos e iniquidades acobertadas; mas, aparentemente, nada é revelado e ninguém é julgado. Nessas horas, chegamos a pensar que Deus está dormindo. Todavia, o nosso Deus, como o ser judicial por excelência, está apenas dando andamento a alguns processos, a fim de que todas as coisas sejam esclarecidas. Aliás, alguns pecados, de tão feios e medonhos, somente virão à tona no Juízo Final, conforme escreve Paulo a Timóteo: “Os pecados de alguns homens são notórios e levam a juízo, ao passo que os de outros só mais tarde se manifestam. Da mesma sorte também as boas obras, antecipadamente, se evidenciam e, quando assim não seja, não podem ocultar-se” (1 Tm 5.24,25, ARA). Por esse motivo, sejamos pacientes, e não deixemos de orar; no momento certo, o soberano e justo Juiz há de manifestar-se para retribuir a cada um segundo as nossas obras.

3. A responsabilidade humana. Entre o livre-arbítrio e a soberania divina encontra-se a nossa responsabilidade (Jr 35.13). Não resta dúvida de que Deus faculta-nos o direito de obedecer-lhe ou não aos mandamentos (Dt 11.13). Todavia, Ele nos chamará, um dia, a prestar contas quanto às nossas escolhas (Ec 11.9; 12.14). O Juízo Final não é ficção; é a realidade que aguarda a espécie humana na consumação de todas as coisas (Ap 20.11-15).

Tendo em vista a nossa responsabilidade perante Deus, não podemos descartar a compatibilidade entre o livre-arbítrio e a soberania divina; reside, aqui, uma perfeita dicotomia. Um instituto não elimina o outro. Os que acreditam na dupla predestinação veem-se numa encruzilhada teológica desnecessária, pois a soteriologia bíblica é clara em todos os seus

aspectos. Então, raciocinemos em cima dos postulados de Agostinho e Calvino. Se fui predestinado à vida eterna, por que devo preocupar-me com a minha responsabilidade diante de Deus? Pecando ou não, já estou salvo; acho-me livre das penalidades eternas. Quanto aos predestinados ao Lago de Fogo, por que se afligiriam com tal coisa? Já não foram selecionados à eterna perdição, então que vivam hedonicamente. Não foi sem razão que esse capítulo do calvinismo foi denominado de “decreto horrível”. Prefiro a simplicidade do Plano da Salvação, tal qual o encontro nas Sagradas Escrituras, às soteriologias forjadas sem o aval dos santos profetas e dos apóstolos de Nosso Senhor.

Deus jamais predestinou qualquer ser humano ao Lago de Fogo. Sendo Ele amor, predestinou todas as suas criaturas morais à salvação, pois não deseja a perdição de ninguém (Jo 3.16). A verdadeira predestinação bíblica, pois, é uma, e não dupla. Quando Deus predestina alguém, predestina-o à vida eterna, e não à eterna penitência, pois Ele não quer que ninguém se perca (2 Pe 2.9). Aliás, em Jesus Cristo, seu Filho, predestinou toda a humanidade à salvação; muitos, infelizmente, rejeitaram-na, predestinando-se a si próprios à condenação eterna (Mc 16.16). Estes não escaparão ao Juízo Final. Nossa predestinação e eleição vieram como resultado do amor presciente do Pai Celeste (Rm 8.29,30; 1 Pe 1.2).

II. A Queda, um Evento Histórico e Literal

A apostasia de Adão e Eva deu-se em consequência do conflito entre o livre-arbítrio humano e a soberania divina. Nesse episódio, registrado em Gênesis, capítulo três, ressaltam-se a possibilidade da Queda, a realidade da tentação e a historicidade da apostasia de nossos primeiros genitores. Deixamos claro que, embora possa haver confrontos entre o livre-arbítrio humano e a soberania divina, não há incompatibilidade entre ambos. Quando vivemos uma vida direcionada pelo Espírito Santo, nosso

arbítrio, apesar de livre e desimpedido, só tem uma tendência: servir, louvar e enaltecer a Deus.

1. *A possibilidade da Queda.* Em sua inquestionável soberania, Deus criou Adão e Eva livres, facultando-lhes o direito de obedecer-lhe ou não. Todavia, a ordem do Senhor, concernente à árvore da ciência do bem e do mal, era bastante clara (Gn 2.16,17). Se eles optassem por ignorá-la, teriam de arcar com as consequências de seu ato: a morte espiritual seguida da morte física.

Não sabemos por quanto tempo, nossos protogenitores residiram no Jardim do Éden. A esse respeito, a Bíblia cala-se mui sabiamente. Mas acredito que foi o suficiente para Adão e Eva conhecerem a Deus e, com Ele, manterem profunda e doce comunhão.

Na viração do dia, o Senhor se lhes aparecia, para conversar e ensinar a cuidar do planeta recém-inaugurado, pois, naqueles idos, tudo era novo: a Terra, as plantas, os animais e o próprio ser humano. E, por ser tudo novo, tudo requeria cuidado e desvelo. Sim, querido leitor, tudo requeria desvelo e cuidado, inclusive o coração de Adão e Eva. Por desconhecerem ainda os efeitos nefastos do pecado, a possibilidade de eles pecarem era ainda maior, pois a tentação era-lhes uma ameaça sempre presente, ainda que não a pressentissem.

2. *A realidade da tentação.* Ao ser tentada pela serpente, Eva deixou-se enganar pela velha e bem arquitetada mentira de Satanás — a possibilidade de o homem vir a ser um deus (Gn 3.1-6; 2 Co 11.3). No instante seguinte, a mulher, já instrumentalizada pelo Diabo, levou o esposo a pecar, e este voluntariamente pecou (1 Tm 2.14). Tendo em vista a representatividade de Adão, foi ele responsabilizado pela entrada do pecado no mundo (Rm 5.12).

Será que, àquelas alturas, Adão e Eva já tinham algum conhecimento acerca do que ocorrera nos Céus — a rebelião do querubim ungido e a sua consequente expulsão das moradas divinas? Sabiam eles, por acaso,

que o mais celebrado dos anjos tornara-se um adversário formidável e perigoso, pronto a arruinar toda a criação divina?

Não sabemos até que ponto ia o seu conhecimento angelológico. Todavia, eu não preciso ser especialista em satanologia, a fim de precaver-me quanto às astutas ciladas do Inimigo; basta-me esta advertência de Pedro (1 Pe 5.8,9).

Estejamos, pois, alertas quanto às artimanhas de Satanás. Por meio de sua dialética, quer política, quer teológica, vem ele destruindo lares, nações e igrejas. O Inimigo, seja opondo-se sistematicamente aos santos, seja lançando calúnias muito bem urdidas entre os redimidos, é astutíssimo em suas ciladas (Ef 6.11).

Tendo em vista o pecado que tão de perto nos assedia, oremos e vigiemos, para não nos enredarmos nas teias de Satanás. Sim, querido leitor, há a possibilidade de virmos a cair, conforme o apóstolo Paulo alertou os irmãos de Corinto: “Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também seja corrompida a vossa mente e se aparte da simplicidade e pureza devidas a Cristo” (2 Co 11.3, ARA).

Se, por um lado, há a possibilidade de o crente vir a fracassar na vida cristã, por outro, há uma possibilidade, ainda maior, de nos preservarmos, na força do Espírito Santo, até o dia de nossa redenção. Consolemo-nos, pois, nas palavras de Judas 24.

3. A historicidade da Queda. A narrativa da Queda do ser humano tem de ser acolhida de forma literal, pois o livro de Gênesis não é uma coleção de parábolas mitológicas, mas um relato histórico confiável (2 Co 11.3; Rm 15.4). Aliás, se não aceitarmos a literalidade dos primeiros 11 capítulos de Gênesis, não teremos condições de entender o restante da História Sagrada. Tratemos, com temor e tremor, a Bíblia Sagrada — a inspirada, a inerrante, a infalível e a completa Palavra de Deus. A hermenêutica pós-moderna, manejando ferramentas e armas forjadas no

Inferno, ataca impiedosa e malignamente os 11 primeiros capítulos de Gênesis, como se tais passagens fossem meras parábolas morais. E, dessa forma, em repetidos e monótonos golpes, intenta destruir as bases, as colunas e o majestoso edifício da soteriologia bíblica. O que esses pretensos exegetas e hermeneutas não sabem é que a Doutrina da Salvação, qual penha de comprovada solidez, jamais será desgastada por seus martelos. Antes, como já tem ocorrido tantas vezes, são estes a se agastarem, e não aquela, porquanto o Calvário, apesar desses dois milênios já decorridos, continua tão firme hoje quanto na tarde em que o Filho de Deus, entregando o Espírito ao Pai, exclamou: “Está consumado”.

Querido irmão, ao ler o Gênesis, o aceite, desde o primeiro até ao último versículo, exatamente como este livro é: uma narrativa histórica, verídica, fiel e literal. Caso contrário, todas as nossas doutrinas serão desacreditadas, porquanto todas elas, sem qualquer exceção, têm a sua origem justamente nos primeiros 11 capítulos dessa maravilhosa obra divina. Direta ou indiretamente, todas as verdades concernentes à nossa salvação estão ali: da criação do mundo à dispersão de Babel.

III. As Consequências da Queda de Adão

Devido à sua rebelião contra o Senhor, a raça humana teve de arcar com pesados encargos: a consciência do pecado, a perda da comunhão com Deus, a transmissão do pecado às gerações subsequentes, a enfermidade da terra e, finalmente, a morte física.

1. A consciência do pecado. Ao tentar a mulher, a antiga serpente prometeu-lhe a onisciência divina, mas o que os nossos pais herdaram foi uma consciência pecaminosa geradora de obras mortas (Gn 3.1-6; Tt 1.15; Hb 9.14). O pecado leva-nos a perder o brilho do rosto e o vigor físico (Sl 31.10; 32.3). Eis porque o homem precisa nascer da água e do Espírito (Jo 3.5). A nossa consciência enfermou-se de tal forma, que

somente a ação do Espírito Santo para restaurá-la plenamente. Para que isso ocorra, mantenhamos a constância de nossos exercícios espirituais: leitura da Bíblia Sagrada, oração, jejuns, frequência à igreja, serviço cristão e um testemunho bom e eficaz. Todos, evangélicos ou não, têm de ver, em nós, o rosto de Nosso Senhor. Recomenda-nos Paulo a manter os mistérios da fé numa consciência limpa (1 Tm 3.9).

2. *A perda da comunhão com Deus.* Em consequência de seu pecado, Adão e Eva foram expulsos da presença de Deus (Gn 3.23,24). Doravante, não poderiam mais viver no Jardim do Éden, onde, diariamente, conversavam com o Senhor (Gn 3.8). Mas, apesar de haverem ofendido a Deus, continuaram a ser alvo de seu imenso, eterno e infinito amor (Jo 3.16). Desde a Queda, o ser humano, para reatar a comunhão com Deus, tem de aproximar-se dEle pela fé (Hb 11.6). Nesse retorno, não estamos sós. Jesus Cristo é o nosso medianoeiro eficaz (Rm 5.1). Ele é o Verdadeiro Deus e o Verdadeiro Homem (1 Tm 2.5).

3. *A transmissão do pecado à espécie humana.* Sendo Adão o pai de toda a raça humana, o seu pecado acabou por alcançar a todos os homens (Rm 3.23; 5.12). Aquilo que chamamos de “pecado original” contaminou universalmente a humanidade. Até mesmo o recém-nascido já traz consigo essa semente (Sl 51.5). Embora a criança, na fase da inocência, não tenha a experiência do pecado, a iniquidade adâmica achasse impregnada, em seu interior, prestes a ser despertada. Somente em Cristo podemos vencer tanto o pecado original como o experimental (1 Jo 1.7). Muitas crianças são recolhidas por Deus, na fase da inocência, e levadas pelo Pai Celeste para o céu. Haja vista o filho de Jeroboão, rei de Israel (1 Rs 14.12,13).

Entre os que morreram sem a experiência do pecado acham-se os inocentes assassinados por Herodes (Mt 2.16). Os inocentes não perdem a alma. Só é condenado o que, já na fase da consciência, experimenta o pecado.

4. *A enfermidade da Terra.* Por causa do pecado de Adão, até a própria Terra adoeceu. Expulso do Éden, Adão teria de trabalhar, com redobrado esforço, a fim de prover o seu sustento cotidiano (Gn 3.17). Desde então o nosso planeta vem sofrendo com fomes, terremotos e inundações (Mt 24.7). E os conflitos que nos vêm assolando desde o Éden? Em sua epístola aos Romanos, o apóstolo Paulo descreve a Terra como que gemendo por causa das expectativas quanto às últimas coisas (Rm 8.22). Mas, quando o Reino de Deus manifestar-se, logo após a Grande Tribulação, o planeta será curado de todas as suas enfermidades (Is 35).

5. *A morte física.* O homem não foi criado para experimentar a morte física. Nesse sentido, podemos dizer que fomos criados imortalizáveis; com a possibilidade de viver indefinidamente (Gn 2.17). Não somente a eternidade, mas de igual modo a imortalidade, achavam-se no ser humano (Ec 3.11). Se Adão e Eva não tivessem pecado, estariam eles conosco até hoje. A morte é a mais triste consequência do pecado (Rm 6.23). Todavia, a pior morte que alguém pode experimentar é a separação eterna de Deus; a segunda morte (Ap 2.11; 20.6). Quanto a nós, os que já recebemos Jesus Cristo como o nosso Senhor e Salvador, a morte não terá efeito sobre nós, porque Ele é a ressurreição e a vida (Jo 11.25).

Conclusão

Dois fatos marcam indelévelmente a doutrina do homem nas Sagradas Escrituras: a criação e a Queda. À primeira vista, o pecado de Adão frustrou irremediavelmente os planos divinos quanto à formação dos Céus e da Terra. No entanto, Deus jamais foi surpreendido por qualquer fato. Ele não é um ser reativo, nem vive de improvisos. Nenhum processo, quer nos Céus, quer na Terra, jamais o surpreendeu, porquanto Ele é o Ser Supremo e Perfeito por excelência. Ele é o que É: o Deus bendito eternamente.

A fim de sanear o pecado do homem, Deus, em sua presciência, já havia separado o Imaculado Cordeiro, desde a fundação do mundo, para

redimir-nos de todos os pecados (Ap 13.8). Querido amigo, não fique prostrado. Aceite Jesus agora mesmo. Somente Ele é a solução à Queda da humanidade.

Capítulo 8

O Início da Civilização Humana

Billy Graham (1918-2018), ao narrar o seu encontro com Albert Einstein (1879-1955), destaca o fato de ter ouvido do cientista alemão, de origem judaica, um comentário nada animador: “É mais fácil transformar o urânio do que o coração humano”. O evangelista norte-americano, com os seus milhões de almas ganhas para Cristo, certamente respondeu ao celebrado físico que o urânio, de fato, jamais transformará o homem mau num cidadão bom e exemplar. Mas o Evangelho de Cristo, sim. Somente a Mensagem da Cruz é capaz de redimir o indivíduo, salvar a civilização de si mesma e dar um novo rumo à História.

Como seres gregários, não podemos viver a par da sociedade nem fora da civilização ou à margem da História. Isso porque, desde o nascimento até à morte, estamos ligados aos nossos semelhantes; trata-se de um sistema que, embora imperfeito, mantém-nos vivos. Já ouvi muita gente queixar-se das regras e das leis, como se o Estado, por exemplo, fosse irremediavelmente mau, pernicioso e desnecessário. Não posso negar que há Estados, como o comunista e o nazista, que se encaixam nessa descrição. Todavia, os crentes que assim esbravejam contra o Estado e a sociedade, geralmente murmuram também contra a Igreja, qualificando-a de inútil, pois segundo alegam, é possível adorar a Deus apenas em casa. Se a Igreja de Cristo não fosse necessária, querido irmão, Deus não a teria estabelecido já bem antes da fundação do mundo.

Como veremos, mais adiante, a civilização é ímpia, porque o homem sem Deus é essencial e cronicamente ímpio. Isso significa que, se toda a humanidade abandonar a impiedade, poderemos ter uma civilização justa, equânime e piedosa. E, a partir daí, Céus e Terra confundir-se-ão numa

só grei. Embora o Reino de Deus ainda não haja sido estabelecido entre nós, podemos constatar seus efeitos redentores, por intermédio do Evangelho, na família, na sociedade e no Estado.

Alguns dizem que a História é o relato do fracasso da civilização humana. Mas, para mim, a História, quer sagrada quer secular, é a narrativa dos grandes atos Deus na vida do indivíduo, em particular, e da civilização, como um todo. Se não fosse Jesus Cristo, a espécie humana seria hoje tão somente pó e cinza.

Neste capítulo, estudaremos a origem da civilização humana. E, para tanto, focaremos o capítulo quatro de Gênesis, pois é justamente aí que encontramos a primeira cidade construída pelo homem.

Em seguida, veremos por que a civilização é marcada por tantos conflitos, dissoluções e violência. Apesar de tudo, Deus jamais deixou de intervir nos negócios humanos: além de Criador, Ele é o Senhor de todas as coisas.

Concluindo a nossa exposição, mostraremos por que somente o Evangelho de Cristo é capaz de redimir a civilização atual. Mas, antes de falarmos sobre a civilização humana, discorraremos, com base nos poucos dados de que dispomos, na Bíblia Sagrada, da civilização celeste, onde se encontra o excelso trono de Deus.

I. A Civilização Celeste

Desde a meninice, jamais duvidei da realidade dos Céus e da existência do Inferno. Naquele tempo, minha teologia era simples, mas eficaz: os que aceitam Jesus vão para os Céus, e os que não o aceitam são aprisionados no Inferno. À guisa de explicação, prefiro grafar os vocábulos “Céus” e “Inferno” com iniciais maiúsculas, porque ambos, além de serem lugares reais, são únicos em sua espécie.

Hoje, já na terceira idade, avancei um pouco nessa teologia básica, mas imprescindível à nossa segurança espiritual. Na verdade, quem aceita Jesus terá os Céus apenas como morada provisória, pois o Pai Eterno tem algo

mais sublime reservado aos seus filhos: a Jerusalém Celeste, onde há moradas bastantes para os santos de todas as épocas e lugares. Quanto aos ímpios, o Inferno ser-lhes-á, também, um lugar de estadia transitória, pois, na consumação de todas as coisas, e, já encerrado o Juízo Final, serão arremessados no Lago de Fogo, no qual já estarão o Dragão, o Falso Profeta e a Besta. Tais lugares não devem ser interpretados de forma alegórica, mas de maneira literal; estes jamais deixarão de existir caso optemos por uma hermenêutica pós-moderna e leniente. Portanto, cuidado com o método exegético que você, querido leitor, utiliza. Em caso de dúvida, opte sempre pela interpretação que já temos nas Sagradas Escrituras, e que nos foram claramente expostas pelos santos profetas e apóstolos de Nosso Senhor; na Palavra de Deus, temos segurança absoluta.

Neste tópico, por conseguinte, deter-me-ei a falar sobre a civilização celeste. Como já disse, não temos, na Bíblia Sagrada, muitas informações sobre os Céus. Mas dispomos de narrativas e proposições suficientes, para sabermos que a morada de Deus é um lugar real, e não uma mera e fortuita utopia.

1. Os Céus não são utopia. Já no primeiro versículo da Bíblia Sagrada, somos cientificados pelo autor sagrado de que todas as coisas foram criadas por Deus. Logo, tudo lhe pertence e acha-se sob o seu inquestionável senhorio. A primeira frase do Livro dos livros revela que tudo o que vemos, e o que ainda não podemos ver, foi criado por Deus: os Céus e a Terra, e todas as coisas que neles contém. Atentemos às palavras do Gênesis: “No princípio, criou Deus os céus e a terra” (Gn 1.1). Na língua hebraica, o termo “Céus” denota um lugar marcado por uma pluralidade bela e misteriosa. O vocábulo *shamayim*, que pode ser aplicado também aos céus atmosférico e espacial, é plural não por causa dessa tripla aplicação, mas em virtude da multiplicidade das moradas divinas. Quem nos deixa entrever esse mistério é o irmão Paulo. Num

momento de intensa oração, diz ele que foi arrebatado, em espírito, ao Terceiro Céu (2 Co 12.1-6).

Narra o apóstolo ter sido arrebatado, em espírito, ao Terceiro Céu. Isso, porém, não significa que, na morada de Deus, haja somente três Céus. Mesmo que houvesse apenas três, estes já seriam mais do que suficientes para abrigar todas as cortes e hostes do Senhor dos Exércitos. O que vem a ser, todavia, o Terceiro Céu mencionado pelo apóstolo?

A expressão grega usada por Paulo, para descrever esse espaço reservado e sublime do Senhor, é *tritou ouranou* que, literalmente, significa terceiro céu. Duas perguntas, aqui, fazem-se pertinentes: “O que vem a ser essa repartição divina? O número ordinal, empregado pelo apóstolo, refere-se à morada de Deus apenas em relação aos dois Céus já mencionados — o atmosférico e o espacial? Ou diz respeito especificamente à morada divina, em si, que, de tão linda e maravilhosa, precisa estar além da dimensão celestial propriamente dita?”.

Não me deterei a descrever as mansões celestes, pois jamais estive ali. Quando lá chegar, poderei explicá-la melhor. Mas, àquelas alturas, quando todos ali estivermos, quem mais precisará das explicações que eu nunca tive? O que posso adiantar, por ora, é que a oração do apóstolo foi tão intensa, naquele momento, que não somente o seu clamor, como o seu próprio espírito, chegou ao íntimo da corte divina. E, ali, do próprio Senhor, ouviu palavras que os seres humanos, até mesmo os redimidos, ainda não estão habilitados a ouvir. Denota-se, pois, que as proposições ouvidas eram mais sublimes do que as coisas vistas. Naqueles páramos, acha-se o Filho de Deus que, como o nosso eterno Sumo Sacerdote, é mais sublime do que os Céus (Hb 7.26).

Agora que já sabemos que os Céus existem, vejamos como funciona aquilo que, numa analogia forçada com a Terra, podemos chamar de civilização celeste.

2. A civilização celeste é marcada pela adoração. Quando menino, imaginava que, nos Céus, só havia cânticos, louvores e adoração. Vim a descobrir, mais tarde, quando deixei as coisas próprias de menino, que eu não me equivocara. Os Céus são plenos de adoração, louvores e cânticos. Vislumbrando um entreato celestial, assim descreve Isaías as proximidades do trono do Eterno Senhor (Is 6.1-5).

Não imaginemos serem os hinos celestes marcados pela repetição, monotonia e por rimas pobres. Embora eu jamais os tenha ouvido, não tenho dúvida de que são vívidos, diversos e adornados por harmonias jamais encontradas em qualquer poeta deste mundo. São teológicos e descrevem, em narrativas épicas, o drama do Calvário, desde a fundação do mundo até o brado final da cruz: “Está consumado!” (Jo 19.30).

Em seu arrebatamento às cortes divinas, o evangelista participou de um culto de exaltação ao Senhor, cujos adoradores, contados em milhares e, depois, em milhões, tributavam ao Eterno cânticos e serviços, porque nos Céus, serviços e cânticos fazem parte de uma mesma liturgia (Ap 5.11-14).

Neste único cântico, temos um compêndio teológico que, superando todos os nossos credos e dogmáticas, sintetizam belamente o conhecimento divino. Vai da eternidade anterior ao Gênesis à eternidade posterior ao Apocalipse, narrando o amor de Deus por nós, seus redimidos. Somente o Espírito Santo para inspirar tais hinos e odes. Se cantar a *Harpa Cristã* já é algo glorioso, o que não será entoar, nos Céus, os hinos, cânticos e louvores que o Cordeiro nos ensinará?

Entoar um hino celeste, nas cortes divinas, supera qualquer doutorado avançado em teologia. Eis porque, a cada dia, tornam-se os santos anjos mais sábios e profundos nas coisas de Deus. E, já imbuídos de tamanho saber, põem-se a executar, com admirável perfeição, os trabalhos que lhes confia o Senhor.

3. A civilização celeste é marcada pelo serviço. Os santos anjos não adoram a Deus apenas com as suas vozes, cânticos e instrumentos; adoram-no, também, com os seus trabalhos, serviços e ministérios. E, pelo que inferimos das Sagradas Escrituras, eles executam todas as suas tarefas e missões com uma perfeição que vai muito além de nossos padrões mais elevados e seletivos.

O Salmista, ao discorrer sobre o trabalho dos anjos, revela que estes, bendizendo a Deus, executam todos os seus afazeres: “Bendizeis ao Senhor, todos os seus anjos, valorosos em poder, que executais as suas ordens e lhe obedecéis à palavra” (Sl 103.20). Nenhum deles reclama ou se queixa. Se é para governar um reino, ei-los presentes. Se é para varrer as praças e ruas deste mesmo reino, nenhum deles se ausentará. Por isso, o Senhor Jesus, em sua Oração Dominical, toma os anjos como modelo de serviço e adoração ao Pai Celeste: “Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6.9).

Nas Sagradas Escrituras, temos uma lista de admiráveis trabalhos executados pelos santos anjos — vão da guarda do Jardim do Éden à recepção aos salvos nos 12 portões da Jerusalém Celeste (Gn. 3.24; Ap 21.12). Enfim, seus préstimos, quer no Antigo, quer em o Novo Testamento, são marcados pela excelência e pela adoração a Deus. Cabe, exatamente, aqui, uma pergunta: “Que serviços executam eles nos Céus?”. Que os santos anjos têm um ministério, nos Céus, todos o sabemos. Mas o que eles fazem ali? Limitar-nos-emos a dizer o que a Bíblia nos revela tão esplendidamente. Os serafins, dia e noite, louvam com ardor e ardência o nome divino: “Santo, Santo, Santo é o Senhor dos exércitos” (Is 6.1-6). Quanto aos querubins, responsáveis por resguardar a santidade do Altíssimo, sustentam-lhe o trono (2 Sm 6.2; Sl 99.1). Já em Ezequiel, deparamo-nos com os seres viventes, que, ostentando um aspecto glorioso e carregado de luz, aparecem para exaltar o Eterno num tempo difícilimo da História Sagrada (Ez 1.5-14).

Além das atividades litúrgicas, perante o trono de Deus, foram os anjos designados, também, a auxiliar os santos profetas em seus arcanos e turnos (Dn 10.10-21). Concernente aos demais ofícios que eles executam nos Céus, só viremos a conhecê-los depois que lá estivermos na companhia de Nosso Senhor. Mas, quando isso acontecer, estaremos todos, nós e eles, a habitar a Jerusalém Celeste.

4. *A civilização celeste é marcada pelos estudos teológicos.* É no livro do profeta Daniel que vamos encontrar a mais desenvolvida angelologia do Antigo Testamento. Aqui, dois anjos são apresentados, pela primeira vez, não apenas por seus cargos, mas por seus respectivos nomes.

Gabriel aparece como o exegeta por excelência (Dn 8.16). Mais adiante, nessa mesma sagrada, surge Miguel como o guardião do povo israelita (Dn 10.13,21; 12.1). Canonicamente, somente esses dois seres celestiais têm os seus nomes declinados. Isso não significa, porém, que os demais anjos estejam destinados ao anonimato.

Os nomes de Miguel e Gabriel evocam louvor e profunda teologia. Todas as vezes que pronunciamos o nome do primeiro, perguntamos: “Quem é como Deus?”. Nessa pergunta, evocamos uma teontologia jamais estudada, porquanto ser racional algum, seja homem seja anjo, poderá no-la responder. Deus é sem igual. Suas perfeições e grandezas são insondáveis. E, quando nos referimos a Gabriel, que magistralmente elucidou ao profeta o arcano das Setenta Semanas, e a Maria de Nazaré, o mistério da concepção virginal e da encarnação do Filho de Deus, lembramos a todos que Deus é Senhor. E, sendo Ele Senhor e Rei, coloquemo-nos como seus amorosos e obedientes súditos.

Em ambos os nomes angélicos, dois insondáveis compêndios teológicos. Já imaginou, querido leitor, ser apresentado aos demais anjos que, de acordo com o Apocalipse, podem ser contados em milhares e, depois, em milhões? Quantos compêndios não teríamos nós a estudar? Em cada nome, um atributo, uma grandeza, uma perfeição e um

insondável mistério de Deus. Não nos esqueçamos de que, na Jerusalém Celeste, teremos todos um novo nome que, à semelhança das nomenclaturas angélicas, serão profunda e insondavelmente teológicos.

Que a atividade teológica, entre os santos anjos, é intensa, não resta dúvida. Vejamos o que Pedro escreve: “A eles foi revelado que, não para si mesmos, mas para vós outros, ministravam as coisas que, agora, vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho, coisas essas que anjos anelam perscrutar” (1 Pe 1.12).

Já imaginou, querido irmão, os anjos de Deus, às centenas e aos milhares, a estudar as belezas da salvação que, pela graça de Deus, experimentamos? Eles, mais teológicos do que nós, evocando todos os episódios da História Sagrada, para delinear a gênese e a consumação da Obra de Cristo no Calvário? A que conclusão eles chegam? Deixemos, por ora, a civilização celeste, a fim de estudarmos a civilização dos filhos de Adão e Eva. Embora não seja celeste, é supervisionada pelo Deus dos Céus e da Terra.

II. A Origem da Civilização Humana

Neste tópico, buscaremos definir a civilização humana. Em seguida, realçaremos a família tradicional como a origem e a base desta. Veremos também por que Deus estabeleceu o trabalho.

1. Definindo a civilização. Civilização é a soma das realizações espirituais, morais, sociais, materiais e econômicas, que tornam a vida humana possível num determinado lugar. Foi o que demonstraram Adão e seus descendentes logo após a Queda (Gn 4).

Se Adão não tivesse pecado, haveria civilização? Nessa hipótese, o processo civilizacional seria muito mais brilhante e proveitoso, porque o homem cumpriria, plenamente, a vontade de Deus quanto ao desenvolvimento de nosso planeta (Gn 1.26).

2. O casamento como base da civilização. A civilização humana teve início quando Adão recebeu Eva como esposa (Gn 2.18-25). A partir daí, não somente a família, mas a nação, o povo e o Estado tornaram-se possíveis (Gn 5; 10).

Portanto, sem o casamento, cujo real modelo encontramos na Bíblia Sagrada, a civilização humana seria impossível (Ef 5.22-30). Aliás, até a própria Igreja de Cristo, apresentada como a sociedade perfeita, tem no casamento bíblico a sua base espiritual, moral e emocional.

3. A subsistência da civilização. A Bíblia Sagrada apresenta o trabalho não como um fim em si mesmo, mas como um meio à subsistência humana (Sl 128.2; 2 Ts 3.10). Quer o homem tivesse pecado, quer não, não poderia escapar ao trabalho, pois o próprio Deus é apresentado por Jesus como um exemplo nessa área (Gn 2.1-3; Jo 5.17). Além disso, o Senhor criou Adão para governar o mundo, uma atividade que requer atenção e esforço concentrado (Gn 1.26-28).

Após a Queda, o trabalho humano tornou-se um enfado, devido à enfermidade do planeta (Gn 3.19; Jo 5.7; Rm 8.19-22).

III. Civilização e Conflito

Observemos, agora, como a inveja, o homicídio, a poligamia e a desordem social marcaram a civilização humana desde o início.

1. Caim e Abel. Os primeiros filhos de Adão dedicaram-se à subsistência básica da civilização humana: a agricultura e a pecuária. Caim fez-se lavrador enquanto Abel, seu irmão, dedicou-se ao pastoreio (Gn 4.2). Sem ambas as atividades, a civilização torna-se inviável (Ec 5.9; 2 Cr 26.10).

Foi na confluência de ambas as atividades, que Caim, o agricultor, movido por uma inveja maligna, matou Abel, o pecuarista temente a Deus (Gn 4.8).

2. A cidade de Lameque. Enoque (não confundir com o piedoso ancestral de Noé) foi o nome da primeira cidade fundada na terra. Estabelecida por Caim, logo após este haver assassinado Abel, a cidade de Enoque foi marcada pela violência e pela banalidade quanto à vida humana. Tanto é que Lameque, um dos netos de Caim, matou dois homens por motivos fúteis e, em seguida, celebrou o seu duplo homicídio com uma poesia (Gn 4.23,24).

Desde então, a violência vem sendo celebrada em poemas, crônicas, romances e filmes. Mas virá o tempo em que os homens não mais aprenderão a se matar (Is 2.4).

3. A tecnologia. Paralelamente à sua iniquidade, a civilização caimita, instalada na cidade de Enoque, experimentou grande progresso tecnológico, econômico e artístico. Havia, ali, fabricantes de tendas, criadores de gado, metalúrgicos e músicos (Gn 4.20-22).

Do texto bíblico, inferimos que havia mais progresso entre os descendentes de Caim do que entre os de Sete. Por esse motivo, estes, seduzidos pela civilização daqueles, vieram a afastar-se de Deus (Gn 6.1-3). A partir daí, a iniquidade alastrou-se de tal forma na terra, que o Senhor Deus viu-se na contingência de destruir toda aquela civilização.

IV. O Deus que Intervém na Civilização

Criador e Senhor de todas as coisas, Deus tem direito de intervir tanto na biografia de cada um de nós quanto na vida das nações e na própria civilização. Suas intervenções são irresistíveis. Veremos, finalmente, que o Senhor Jesus é a única esperança à civilização humana.

1. A intervenção na biografia de cada homem. Deus interveio diretamente, por exemplo, nas biografias de Adão, Caim e Enoque (Gn 3.9; 4.6; 5.24). Ele assim o faz, não apenas para disciplinar e punir, como também para recompensar aos seus servos (Hb 11.6).

Indiretamente, o Todo-Poderoso intervém através das autoridades por Ele constituídas (Gn 9.6; Rm 13.1-7).

Deus não se limitou a criar o Universo, nem nos abandonou após nos haver formado. Ele continua a observar atenta, justa e amorosamente todas as coisas (Gn 11.5; Sl 50.21; Pv 15.3). E, sempre que necessário, intervém. Se o Senhor assim não agisse, a civilização humana, como a conhecemos, não mais existiria.

2. *A intervenção na história da civilização.* No período da História Sagrada, abrangendo o Antigo e o Novo Testamento, Deus interveio diretamente na civilização por ocasião do Dilúvio e da Torre de Babel (Gn 6.7; 11.5). E, desde então, vem o Senhor intervindo, na História, por intermédio de reinos e impérios, a fim de impor a sua vontade soberana aos rebeldes e apóstatas (Jr 21.7; Is 45.1,13).

Vê-se, pois, que a intervenção divina na civilização é algo constante. De Adão aos nossos dias, o Senhor jamais deixou de intervir. Doutra forma, não haveria sobre a Terra um único homem vivo.

3. *Jesus Cristo, a única esperança para a civilização humana.* Às vezes, somos levados a pensar que o Senhor Jesus veio a este mundo apenas para salvar indivíduos. Todavia, o amor de Deus não se limita às biografias, porque Ele, amando o mundo de tal maneira, enviou o seu Unigênito para salvar a todos, inclusive a civilização e a História (Jo 3.16).

Na Grande Comissão, somos instados a evangelizar até aos confins da Terra, pois o Evangelho de Cristo redime tanto pessoas como povos e civilizações (Mt 28.18-20). Chegará o dia em que toda a Terra encher-se-á do conhecimento do Senhor (Is 11.2).

V. A Civilização da Nova Jerusalém

Neste tópico, apresentar-lhe-emos, querido leitor, uma civilização mais sublime do que a celeste. Uma civilização, aliás, cujos fundamentos vêm sendo preparados bem antes da criação dos Céus e da Terra. Refiro-me à Jerusalém Celeste, arquitetada e construída por Deus, com o intuito de

abrigar o Cordeiro e a sua Noiva. Mas, até que ela seja estabelecida, teremos de peregrinar neste mundo, agindo de forma sábia, cordata e vigilante, para alcançarmos a bem-aventurança máxima: nossa união plena com o Senhor Jesus.

1. O fim da História Universal. No período a que chamamos tempo, que compreende a eternidade que precedeu a criação e a eternidade que sucederá a consumação de todas as coisas, temos alguns eventos marcantes quanto às intervenções de Deus em sua criação: o princípio, o tempo dos gentios, a plenitude dos tempos, o final dos tempos e o início daquilo que podemos chamar de Estado Eterno.

Conforme já dissemos no primeiro capítulo deste livro, o tempo passou a existir quando Deus pôs-se a criar os Céus e a Terra (Gn 1.1). Naquele momento, abria-se um interregno na eternidade, para que o tempo — a sucessão de horas, dias e anos — se tornasse possível. A partir daí, Adão e seus descendentes começaram a fazer e a escrever a História, que, em sua essência, é o registro da intervenção do Todo-Poderoso na biografia de cada homem, em particular, e nas crônicas das nações, de forma coletiva.

A fim de compreendermos, devidamente, a instalação da Jerusalém Celeste, é necessário definirmos o que o Senhor Jesus, em seu Sermão Profético, cognominou de tempo dos gentios. Referindo-se às desditas prestes a se abaterem sobre a Cidade Santa, Ele declarou: “Até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles” (Lc 21.24, ARA). Atentos ao discurso do Mestre Divino, temos duas perguntas a formular: “Quando teve início o tempo ou tempos dos gentios, e quando este há de completar-se?”.

Em termos escatológicos, o tempo dos gentios teve início com a destruição de Jerusalém, pelos babilônios, em 586 a.C. (2 Rs 25.8-22; Ez 30.3). Desde então, o povo de Israel perdeu a sua autonomia, foi disperso pelo mundo e muito sofreu sob nações e impérios gentios. O auge de seu

infortúnio deu-se no período da Segunda Guerra Mundial, quando a Alemanha de Hitler assassinou seis milhões de judeus.

Infere-se claramente, tendo como ponto de partida a criação do Estado de Israel, em 14 de maio de 1948, que o tempo dos gentios já se encaminha ao seu inevitável término. Desde essa data, vêm sucedendo-se alguns eventos que, profeticamente, nos deixam alertas: Jesus Cristo está às portas. Antes de tudo, cabe-nos destacar a retomada de Jerusalém Oriental, pelas Forças de Defesa de Israel, em junho de 1967, durante a Guerra dos Seis Dias. E, mais recentemente, estamos a presenciar alguns ensaios, em Israel e fora de Israel, concernentes à reconstrução do Santo Templo. Ainda que o santuário canônico dos hebreus não seja reerguido antes do Arrebatamento da Igreja, de uma coisa não temos dúvida: o tempo dos gentios está em seus estertores.

A plenitude dos tempos foi a ocasião propícia que Deus, em sua presciente sabedoria, preparou, a fim de que o seu Filho viesse a este mundo, conforme escreve Paulo aos irmãos da Galácia (Gl 4.4,5.)

Já escrevendo a Timóteo, o apóstolo mostra como se deu a manifestação do Unigênito do Pai Celeste: “E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: Deus se manifestou em carne, foi justificado no Espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, recebido acima na glória” (1 Tm 3.16, ACF).

Com o nascimento de Nosso Senhor, o mundo aproxima-se ainda mais do Reino dos Céus, ainda que a Terra, como um todo, não o perceba. Ao exercer o seu ministério terreno, como Verdadeiro Homem e Verdadeiro Deus, finca entre nós um padrão de posse indelével e inapagável: “Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre” (Ap 11.15).

A morte e a ressurreição de Jesus Cristo, como o Salvador do mundo, deflagraram aquilo que, biblicamente, veio a ser conhecido como “os últimos dias” (Dn 2.28; At 2.17). Profeticamente, esses dias começaram a

ser computados há quase dois mil anos. Apesar de esse período parecer demasiadamente longo, é o tempo de que Deus precisa, a fim de cumprir todo o seu programa escatológico e apocalíptico.

Se levarmos em conta que o povo de Israel veio a florescer, como a figueira escatológica, somente em 1948, esses dois mil anos parecem apenas dois dias. Quanto a Jerusalém, continua a ser pisoteada pelos gentios que, até este momento, ainda não reconheceram a soberania israelita sobre a Cidade Santa. Temos ainda a mencionar, como etapa a ser cumprida, o Santo Templo. Para quem acha que o Senhor retarda as suas promessas, deixamos esta advertência do apóstolo Pedro (2 Pe 3.8-13).

2. O início da História da Jerusalém Celeste. A trombeta do arcanjo não proclamará apenas o arrebatamento da Igreja de Cristo, mas igualmente o início da História da Jerusalém Celeste. Naquele instante, o programa de Deus entrará no período apocalíptico, encaminhando-se celeremente à consumação de todas as coisas e à inauguração da morada eterna dos santos.

A instalação da Jerusalém Celeste, entre os Novos Céus e a Nova Terra, será precedida por estes eventos: o arrebatamento da Igreja, a Grande Tribulação, o Milênio e o Juízo Final (1 Ts 4.13-18; Ap 5-19; 20.1-6; 11-15). E, agora, que todas as coisas já estão consumadas, os santos de todas as épocas e lugares serão reunidos por Jesus Cristo, na Jerusalém Celeste.

3. Em Cristo, todos os redimidos somos um. Em minha viagem por Israel, tive o privilégio de reunir-me, diversas vezes, com servos de Deus das mais longínquas procedências. Era comum encontrar, num restaurante de hotel, irmãos da África, das Américas, da Ásia, da Europa e da Oceania. Embora nem sempre a nossa comunicação fosse possível, a nossa comunhão era plena no Filho de Deus. Mesmo estando alguns daqueles países, ali representados pelos peregrinos, em conflito, a paz entre nós era perfeita. Naquelas congregações informais, nossas diferenças

idiomáticas, culturais e geográficas caíam por terra. No Espírito Santo, todos éramos (e somos) um.

Naqueles momentos, ficava a imaginar a Jerusalém Celeste, uma civilização superior à dos primeiros Céus, na qual, não somente os vivos, mas também os mortos já ressuscitados, formaremos uma só grei em Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus.

A perfeição da civilização da Jerusalém Celeste é assim descrita pelo Evangelista (Ap 21.1-8).

Conclusão

A única esperança para a civilização humana é o Evangelho de Cristo. Por essa razão, proclamemos a Palavra de Deus a tempo e a fora de tempo, para que não venhamos a ser destruídos. Além do mais, o Senhor Jesus constrange-nos a salgar e a iluminar a nossa geração por intermédio de um testemunho eficaz: somente a Igreja de Cristo tem as propriedades do sal e da luz.

Que o nome de Cristo seja exaltado. Em breve, estaremos na Jerusalém Celeste, onde ficaremos para sempre com o Senhor Jesus. Ali, experimentaremos a civilização perfeita, na qual Cristo será tudo em todos.

Capítulo 9

O Primeiro Projeto de Globalismo

Se não lermos atentamente a História Universal, viremos a pensar que o globalismo é um fenômeno exclusivamente pós-moderno; algo gerado por esses dias trabalhosos e difíceis. Todavia, quando nos voltamos à Bíblia Sagrada e, depois, à historiografia profana, convencemo-nos de que o globalismo é tão velho quanto à antiga serpente, que, desde o Éden, vem esforçando-se por congregar toda a humanidade em torno de si — ela, a deusa, e os homens, seus cegos e ignóbeis adoradores.

Na verdade, a proposta que Satanás apresentou a Eva, no paraíso, foi essencial e malignamente globalista, embora houvesse, naquele vergel, apenas dois habitantes. Aliás, ele intentara o mesmo ao rebelar-se contra o Senhor no Éden Celeste (Ez 28). Mas o seu intento redundou na própria desdita; rebaixado a Diabo, passou a ser conhecido por estes dois emblemáticos apelidos: serpente e dragão. Para quem se achava tão alto, agora era comparado a répteis.

Salomão estava certo ao dizer que, sob o sol, nada existe de novo. Tudo é tão velho hoje quanto ontem. Somente a Palavra de Deus não envelhece. Neste capítulo, veremos qual a real intenção que subjaz ao globalismo; não obstante suas aparentes benesses, é um ataque declarado e impiedoso aos planos divinos quanto à povoação e ao governo da Terra. Conquanto apresente-se acima das religiões, não passa de um projeto religioso, que envida todos os recursos para colocar-se acima de todos; ignorando a Deus, faz-se divindade. Inicialmente, estudaremos a primeira iniciativa de se globalizar a Terra. Tal apostasia teve lugar em Sinear, na Mesopotâmia. Ali, homens ímpios e dissolutos incitaram a descendência de Noé a aglomerar-se num só lugar, sob um único governante. Foi assim

que nasceu o globalismo: uma doutrina contrária ao propósito divino quanto à povoação e ao governo da Terra.

Em seguida, veremos como se deu a intervenção do Senhor naquele projeto insano. Num único ato, Deus confundiu a língua dos filhos de Noé e os espalhou pelos mais remotos continentes, e ilhas. Finalmente, veremos como o Senhor deu início à linhagem piedosa de Israel, chamando o patriarca Abraão a viver pela fé.

Que Deus nos ajude a compreender mais esse precioso tema extraído de sua maravilhosa e insondável Palavra. Seja-lhe tributada toda a glória. Amém!

I. Velha Rebelião com Novo Nome

Não é tarefa fácil definir ou identificar o globalismo, porque, apesar de ser movido por um único espírito — o do Anticristo —, este projeto apresenta-se com múltiplos tentáculos, alguns dos quais antagônicos entre si. Suas vertentes também são múltiplas: econômicas, religiosas, científicas e políticas. Mas, pelo que observamos, quem está no comando desse empreendimento não se preocupa com as divergências havidas entre seus tentáculos e vertentes, porque sabe muito bem como orquestrar toda essa dialética até que uma síntese se torne possível. Todavia, na condição de servos de Deus, obrigamo-nos a definir e a identificar o globalismo, a fim de não tomarmos parte nas obras infrutuosas das trevas, pois um dos objetivos desse projeto, claramente satânico, é apropriar-se também da Igreja de Cristo.

1. Definindo o globalismo. O globalismo não é uma mera globalização, porque esta é tão inevitável hoje quanto o foi outrora; é impossível impedir os seres humanos de interagirem-se entre si. Relacionamento diplomáticos, comerciais e religiosos sempre existiram desde os impérios dos rios Tigre e Eufrates até as potências do Volga e do Potomac. Logo, a globalização é necessária para o desenvolvimento do ser humano, pois

ajuda a povoar e a integrar o planeta. Aliás, a Grande Comissão é, em sua premissa básica, uma ordenança global, pois o Senhor Jesus nos ordena a evangelizar de Jerusalém aos confins da Terra (At 1.8).

O globalismo, entretanto, é uma doutrina que, contrapondo-se à vinda do Reino de Deus à Terra, busca arregimentar todas as instituições humanas, desde as políticas às religiosas, sob um único governo: o do Anticristo, conforme escreve Paulo aos irmãos de Tessalônica (2 Ts 2.1-12).

Logo, não podemos empregar o termo “globalismo” como sinônimo da palavra “globalização”, porque, no contexto que ora analisamos, não há sinonímia alguma entre ambos. Por esse motivo, defini-lo-emos como a doutrina que, apesar de possuir variadas matrizes, tem como objetivo dominar todas as instituições humanas e, em seguida, congregar toda a humanidade em torno de um governante mundial: o Anticristo. Tal plano, como veremos mais adiante, acha-se revelado claramente no Apocalipse de Jesus.

2. Seus objetivos básicos. No tópico anterior, conseguimos definir razoavelmente o globalismo e revelar o seu principal objetivo. Agora, busquemos especificar quais as verdadeiras metas desse projeto que, conforme já dissemos, tem pelo menos seis mil anos de história. Portanto, os súditos do príncipe deste mundo contam com experiências e ensaios acumulados em vários milênios de rebeliões contra o Senhor. Não lhes falta nem teologia, nem teoria política; sua expertise é formidável.

Nas entrelinhas dos últimos acontecimentos, inferimos que o globalismo vem trabalhando, sutil e habilmente, a política, a religião, a economia e a cultura, visando dominá-las a fim de apressar a ascensão do personagem que, na Bíblia, aparece como o homem do pecado (2 Ts 2.3). Em que pesem os aparentes confrontos entre o Oriente e o Ocidente e entre o Norte e o Sul, as nações vêm sendo orquestradas, para que aceitem, sem contestação alguma, a ascensão de um potentado mundial.

Na realidade, os governos perceberam que os seus modelos políticos, quer de direita, quer de esquerda, já não funcionam como no princípio; fracassaram na essência e na forma. Tal mandatário, portanto, estaria acima dos órgãos mais poderosos como as Nações Unidas e a União Europeia. Vê-se, pois, que o príncipe deste mundo, ora agindo como Diabo, jogando uma nação contra outra, ora agindo como Satanás, confrontando a todas, cria uma dialética, que, no final, resultará numa síntese já revelada na Bíblia: o governo do Anticristo.

O Anticristo precisará, a fim de lhe sustentar o governo, de uma assessoria religiosa, visando a construção de uma mística em torno de sua pessoa. Já cercado de mitologia, não lhe será difícil impor as políticas mais iníquas, absurdas e genocidas. Eis porque, desde já, busca ele unificar todas as religiões, por mais antagônicas e irreconciliáveis, para que o seu globalismo seja bem-sucedido. Não vamos, por ora, entrar em mais detalhes a esse respeito, porque ainda voltaremos a falar no assunto. Por enquanto, basta sabermos que os globalistas estão interessados em todas as instituições humanas, principalmente as religiosas. Em todas as eras, a economia sempre exerceu forte pressão nas decisões humanas. Haja vista o que aconteceu na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial. A inflação, naquele país, a partir de 1918, tornou-se de tal forma incontrolável, que o operário precisava de uma sacola de dinheiro para comprar um naco de pão. Aqui, meu querido leitor, não vai hipérbole alguma. Nesse clima de desespero, não foi difícil a Adolf Hitler roubar o coração da culta e inquiridora nação germânica. E, ali, entre cientistas, filósofos e teólogos, instaurou o seu nacional socialismo que, redundando na Segunda Guerra Mundial, causaria a morte de 60 milhões de pessoas. Os ideólogos do globalismo sabem que, pelo estômago, poderão dominar o mundo. Aliás, o controle da economia é um dos objetivos da Besta, conforme lemos no capítulo 13 de Apocalipse. Hoje, ensaia-se a união de

todas as empresas numa imensa e formidável corporação, que, aliada à política e à religião globais, darão todo o suporte ao governante mundial.

Ora, com o domínio da política, da religião e da economia, não será difícil ao globalismo uniformizar todas as culturas do mundo numa monolítico-cultural. E, depois, já com uma cultura unificada, tentarão seus ideólogos impor à humanidade um único idioma, forçando-a a retroceder à Torre de Babel. A fim de alcançar seus intentos, vandalizam impiedosamente todas as instituições já consagradas. Quer na literatura, quer na música, seja nas artes, seja no mais humilde artesanato, a desconstrução de identidades nacionais vem acelerando-se em prol de uma cultura satânica, deformada e anticristã. Mas, como já dissemos, o globalismo não é um fenômeno novo; é algo tão velho quanto a antiga serpente, segundo no-lo mostra a História Sagrada e a profana.

II. Resumo Histórico do Globalismo

Neste tópico, acompanharemos os principais avanços do globalismo através da história. Inicialmente, identificá-lo-emos em três períodos bíblicos: no mundo pré-diluviano, na construção da Torre de Babel e no Império Romano nos dias do Novo Testamento. Em seguida, destacaremos alguns de seus principais ideólogos e promotores: Carlos Magno, Napoleão Bonaparte e Adolf Hitler, que, a partir da Europa, intentaram globalizar o mundo e submetê-lo aos seus caprichos.

1. O mundo antediluviano. Os defensores do globalismo deveriam ler atentamente os 11 primeiros capítulos da Bíblia Sagrada, a fim de se conscientizarem de quão nociva tem sido a sua doutrina ao ser humano. No período que antecedeu o Dilúvio, toda a humanidade achava-se concentrada num só lugar, falava um único idioma e, provavelmente, era governada por um único homem: o globalismo era absoluto. Mas este ensaio acabou por levar a raça humana à sua quase extinção (Gn 6–8). Daquele singular cataclismo, somente Noé e sua família lograram escapar.

2. A Torre de Babel. Apesar das experiências que os descendentes de Noé trouxeram da era pré-diluviana, tornaram eles a se agruparem em torno de um único líder mundial — provavelmente Ninrode, o poderoso caçador (Gn 10.9). Habitando todos eles, num só lugar, começaram a pecar e a corromper-se como uma só pessoa. Conforme veremos mais adiante, esse experimento avançado de globalismo terminou por separar definitivamente a humanidade em milhares de línguas e dialetos.

3. O Império Romano. O Senhor Jesus nasceu, de acordo com Paulo, na plenitude dos tempos: uma globalização que, apesar das aparências, foi conduzida pelo próprio Deus, a fim de preparar o mundo para a vinda de seu Filho (Gl 4.4,5). E, para tanto, dispôs de três grandes povos e culturas: os hebreus, com a divulgação da Lei e dos Profetas em suas sinagogas espalhadas pelo mundo; os gregos, com o seu idioma, para facilitar a proclamação universal do Evangelho; e, finalmente, os romanos que, por meio de seu sistema judiciário, administrativo e benfeitorias públicas, facultaram o trânsito dos apóstolos em todo o império. O mundo todo, nessa época, achava-se perfeitamente sincronizado sob as ordens do Deus de Israel. Apesar de suas diferenças e antagonismos, hebreus, gregos e romanos cooperaram, entre si, para que o Evangelho de Cristo chegasse aos confins da Terra sem impedimento algum (At 28.30). É bem provável que os povos mencionados não estivessem cientes do papel que, naquele momento, desempenhavam. Mas, cientes ou não, cumpriam eles plenamente a vontade divina. Incluamos, nessa lista, o Egito que, apesar de já não representar muito, em termos políticos, fora preparado, a fim de abrigar e proteger o Infante Jesus. Aliás, até os Reis Magos foram inseridos na globalização salvadora que, não obstante as oposições do Inimigo, ia divulgando, em toda a Terra, a chegada do Reino dos Céus.

4. Carlos Magno, o rei dos francos e senhor da Europa. Desde a ruína do Império Romano, em 476 d.C., a Europa entrou numa fase de confusão política e incertezas quanto ao futuro. A situação só não ficou

pior, em virtude da Igreja Cristã, que, já espalhada por todo aquele continente, pôs-se a evangelizar até mesmo os que levaram Roma à destruição. Infelizmente, a cristandade visível fez-se vistosa e começou a perder as excelências, e propriedades da Igreja Invisível. Não obstante, os fiéis que perseveravam na doutrina dos apóstolos agiam como luz numa era que parecia condenada às trevas. Ao contrário do que muitos historiadores sustentam, a Idade Média trouxe progressos notáveis, criando e fomentando instituições que perduram até os dias hoje. Haja vista os hospitais e universidades. O sonho de uma Europa unificada que, à semelhança do Império Romano, viesse a globalizar novamente o mundo, não morrera com a queda de Roma. De vez em quando, um potentado erguia-se disposto a reunir as tribos, nações e reinos europeus sob um mesmo estandarte. E, dessa forma, enfrentar as ameaças vindas ora do Norte ora do Oriente. Um desses sonhadores foi Carlos Magno. Nascido em Aachen no ano 742, o rei dos francos, devido à sua genialidade político-militar, tornou-se o primeiro mandatário do Sacro Império Romano. A nova entidade era assim denominada por unir, sob um mesmo cetro, os poderes seculares e eclesiásticos: o trono franco e a sede papal. Na verdade, era a espada imperial quem ditava as ordens; o báculo do pontífice dependia da proteção de Carlos. Seja como for, de conquista em conquista, o novo imperador definiu aquilo que hoje conhecemos como Europa. Sob o seu poder, floresceram as artes, as letras e as ciências. Apesar de analfabeto, sabia que nenhuma civilização, por mais aguerrida e conquistadora, é capaz de sobreviver na ignorância. Por isso, impulsionou a criação das universidades. Todavia, se o Evangelho de Cristo não for proclamado, como poderá um reino subsistir?

Visto no auge de seu poder, tinha-se a impressão de que Carlos Magno não demoraria em reunificar a Europa. O que lhe faltava agora? Retomar o globalismo férreo do Império Romano. Mas, com a sua morte, no ano

800, ambos os projetos caem por terra. Conforte profetizara Daniel, o barro jamais unir-se-á ao ferro; entre ambos a liga é impossível (Dn 2.43).

5. *Napoleão Bonaparte, o imperador dos franceses que os outros europeus rejeitaram.* Mesmo sabendo que o ferro e o barro são elementos incompatíveis, Napoleão Bonaparte (1769-1821), um pouco italiano, outro tanto francês, mas completamente europeu, seguiu os passos de Carlos Magno. Mas, na verdade, não passava de uma caricatura romântica de Adolf Hitler. Apesar da mitologia que o cercava e da aura poética que o envolvia, foi tão perverso quanto o seria o ditador alemão 120 anos depois. Nos 12 anos que duraram as suas guerras, de 1803 a 1815, mais de dois milhões de pessoas vieram a perecer em combate ou foram dadas como desaparecidas. Napoleão Bonaparte foi um dos subprodutos de uma excrecência até hoje celebrada por gente de todos os matizes políticos: a Revolução Francesa (1789-1799). Arquetizada para combater um rei taxado de tirano, acabou por criar um ditador sanguinário, insensível e que só pensava em conquistar e destruir. Além disso, movia-o também um sonho globalista. Homens como esse são instrumentalizados por Satanás. Como o Adversário desconhece o calendário divino, vai treinando seus prepostos quer no mundo da política, quer no universo da religião; não são poucos os que se deixam cooptar por ele. Para quem fantasiava a reunificação da Europa e a globalização do mundo, veio ele, o outrora glorioso Napoleão, a morrer inglória e solitariamente na ilha de Santa Helena, no meio do Atlântico Sul.

6. *Adolf Hitler, o austríaco que se apossou da Alemanha para conquistar o mundo.* Desde Carlos Magno até Hitler, observa-se algo sutilmente profético: os homens que intentam unificar a Europa, para globalizar o mundo, são movidos por uma ética cada vez mais decadente e perversa. Tornam-se, a cada tentativa, mais parecidos com o homem do pecado (2 Ts 2.1-12). Senão, vejamos o caráter dos três personagens objetos de nosso estudo.

Carlos Magno, apesar de suas brutais campanhas militares, imortalizou-se como o organizador da Europa Ocidental. Entre batalhas e combates, criou e fomentou instituições como as universidades e os hospitais. Hoje, tais realizações, embora tenham a Europa como berço, beneficiam a todos os povos.

Napoleão Bonaparte, em que pese a importância de seu código civil, promulgado em 21 de março de 1804, agiu como se não houvesse código algum. Quando nos aprofundamos em sua biografia, concluimos que, guardadas as devidas proporções, em nada diferia ele de Hitler; foram ambos visceralmente malignos e sanguinários. Mesmo assim, cerca-o ainda certo romantismo; algo impróprio para um homem mau e perverso.

Quanto a Adolf Hitler (1889-1945), o que posso dizer? Embora não tivesse a visão de Carlos Magno e o tirocínio de Napoleão, também intentou um projeto globalista. E, para tanto, tomou de assalto a Alemanha, servindo-se das vias democráticas, rapinou partes da Tchecoslováquia, anexou a Áustria, invadiu a Polônia e, nos meses seguintes, dominou os restantes de seus vizinhos até subjugar a poderosa França. Quem o visse naqueles dias de glória e ufanismo, entre 1939 e 1941, concluiria imediatamente que estava ali, em sua augusta pessoa ariana, uma perfeita junção de Carlos Magno e Napoleão Bonaparte, pronta a reunificar a Europa e a globalizar o mundo. Terminada a Segunda Guerra Mundial, porém, já não havia nem Europa reunificada nem mundo globalizado, mas destruição e ruína. Sob os continentes em guerra, 60 milhões de cadáveres; deste formidável número, 10% eram de judeus. Nunca se matou tanta gente em tão pouco tempo. Napoleão precisou de 12 anos para arrastar, às sepulturas da Europa, dois milhões de pessoas. Hitler, em menos da metade desse período, torna-se responsável por uma cifra trinta vezes maior. Terminada a Segunda Guerra Mundial, tem início a Guerra Fria. Hoje, o projeto globalista

voltou a ganhar forças em todos os setores da vida humana, notadamente na política e na religião. Todavia, quando nos voltamos às profecias bíblicas, descobrimos que a humanidade encaminha-se à Grande Tribulação. Somente o Rei dos reis e o Senhor dos senhores poderá agregar, em torno de seu Reino, todos os descendentes de Adão e Eva. Para compreendermos a mecânica do projeto globalista, intentado diversas vezes por homens malignos, precisamos estudar, com atenção e cuidado, o episódio da torre de Babel.

III. A Segunda Civilização Humana

Neste tópico, veremos que, após o Dilúvio, o Senhor firmou uma nova aliança com Noé. E, assim, o patriarca deu início à segunda civilização humana. Todavia, o seu filho mais novo, rebelando-se, inaugurou outro período de decadência e menosprezo para com os mandamentos divinos.

1. *A apostasia de Cam e de Canaã.* O episódio da vinha de Noé acabou por revelar a irreverência de Cam, o seu filho caçula, e a maldade de seu neto, Canaã (Gn 9.20-29). Tinha início, ali, uma apostasia que, por pouco, não leva toda aquela geração a uma nova catástrofe universal semelhante ao Dilúvio (Gn 6.1-3).

Assim como a cultura caimita induzira os filhos de Sete ao pecado, o modo de vida de Cam e de seu filho, Canaã, pôs-se a influenciar a descendência de Sem e de Jafé ao pecado e à iniquidade (1 Co 15.33).

2. *O enfraquecimento da doutrina de Noé.* Com a multiplicação de seus filhos, Noé começa a perder o controle espiritual e moral sobre estes; sua doutrina já não era seguida como antes. Haja vista que, Canaã, seu neto, já não lhe tributava as honras devidas; eis por que teve de amaldiçoá-lo (Gn 9.25). Sim, faltou muito pouco para que esta nova civilização tivesse o mesmo destino da anterior. Além do mais, o piedoso e íntegro Noé não estaria para sempre com os seus descendentes, a fim de refrear-lhes os excessos e desatinos (Gn 9.29).

3. O descaso para com o mandamento divino. Apesar de sua prodigiosa multiplicação, os filhos de Noé ignoraram a ordem divina quanto à povoação da Terra (Gn 9.7). Ao invés de se espalharem, aglomeraram-se perigosa e irresponsavelmente num só lugar.

IV. O Globalismo de Babel

Naquele estágio, a civilização iniciada por Noé dispunha de todos os fatores para criar uma sociedade ímpia e globalista: uma só língua, um só povo e uma só cultura. Levemos em conta, igualmente, a ascensão de Ninrode e a tecnologia já acumulada para se construir a cidade e a torre de Babel.

1. Uma só língua e um só povo. Até aquele momento, como já vimos, a humanidade falava um só idioma e constituía-se num único povo (Gn 11.1). Pelo que inferimos do texto sagrado, não havia sequer dialetos ou sotaques; a unidade linguística era absoluta. Aliás, o mesmo se pode dizer de sua teologia e cultura.

O problema não era a unidade, mas a unificação que se estava formando. Certamente, o Anticristo aproveitar-se-á de uma situação semelhante a fim de implantar o seu reino logo após o arrebatamento da Igreja (Ap 13.8). A ordem de Jesus é que o Evangelho não se concentre em Jerusalém, mas que alcance os confins da Terra (At 1.8).

2. A ascensão de Ninrode. Num ambiente propício à apostasia, eis que surge o primeiro herói pós-diluviano: Ninrod, filho de Cuxe e neto de Cam (Gn 10.6-9). Ele é descrito como “poderoso caçador diante do Senhor”. À primeira vista, imaginamos um homem piedoso. Mas, levando-se em conta a sua ascendência nada recomendável — Cam —, concluimos tratar-se não de um herói da fé, mas de alguém que, devido à sua força, veio a afrontar o próprio Deus (Gn 9.22-25). Se ele fosse piedoso, estaria na galeria dos Heróis da Fé de Hebreus, capítulo 11.

Ninrode era um tipo de Anticristo, assim como o foram Caim e Lameque (Gn 4.19-23).

3. A construção de Babel. Os filhos de Noé não eram ignorantes nem careciam de tecnologia, pois haviam sido capazes de executar o projeto da Arca (Gn 6.14-16). E, de tal forma a construíram, que o grande barco resistiu aos ímpetos do Dilúvio. Por conseguinte, a construção de uma cidade, em cujo epicentro havia um arranha-céu, era apenas uma questão de tempo. Aquela civilização, aliás, estava disposta a ir além da torre de Babel (Gn 11.6).

V. A Intervenção de Deus em Babel

Para salvar a humanidade de si mesma, Deus interveio, confundindo-lhe a língua. Em seguida, dispersou os descendentes de Noé, para que povoassem as mais distantes ilhas e continentes. Finalmente, o Senhor chamou Abraão para ser o pai, na fé, de todas as famílias da Terra.

1. A confusão das línguas. Visando colocar um ponto final naquele projeto insano, o Senhor Deus desce à Terra, e, ali, em Sinear, confunde a língua daquela civilização (Gn 11.5-7). Desentendendo-se, os filhos de Noé reagrupam-se de acordo com sua nova realidade linguística, e espalham-se por toda a terra.

A rebelião daqueles homens fora realmente grande. Mas como Deus havia prometido não mais destruir a humanidade, decide espalhá-la para que os homens, separados uns dos outros, tivessem mais oportunidade de sobreviver numa terra já contaminada pela apostasia (Gn 9.11).

2. O efetivo povoamento da Terra. Não sabemos como os descendentes de Noé chegaram ao Brasil, à Austrália, ao Japão e às mais remotas ilhas. O que sabemos é que Deus forçou-os aos confins do mundo (Gn 11.9). Caso isso não tivesse acontecido, aquela geração teria o mesmo destino dos pré-diluvianos.

Assim como aquela geração chegou aos confins do mundo, o Senhor Jesus ordena-nos a levar o Evangelho até que todos os povos e nações venham a ouvir as Boas Novas (Mt 28.18-20). Quando isso acontecer, então virá o fim (Mt 24.14).

3. *A eleição de Sem.* A história de Abraão começa logo após a dispersão de Babel (Gn 11.26-30). Com a eleição de Sem, delineia-se mais claramente o período messiânico, que haveria de culminar em Jesus Cristo, o Filho de Deus (Gn 9.26; Lc 3.23-38).

Em sua infinita sabedoria, fez o Senhor duas coisas por ocasião da Torre de Babel: dispersou os filhos de Noé e, em seguida, chamou Abraão, para dar continuidade à linhagem messiânica, da qual sairia Jesus, o Cristo, Verdadeiro Homem e Verdadeiro Deus.

Conclusão

A fim de preservar a sua obra, o Senhor Deus promulgou duas ordenanças quanto à sua criação. Em primeiro lugar, a povoação de toda a Terra (Gn 9.7). E, por último, a Grande Comissão, por intermédio de Jesus Cristo (Mt 28.18-20). Contra o globalismo, cuja missão é submeter o mundo aos caprichos de Satanás, só mesmo a obediência aos termos da Grande Comissão. Evangelização e missões, já. Maranata! Ora, vem, Senhor Jesus!

Capítulo 10

Só o Evangelho Muda a Cultura Humana

De vez em quando, volto à cidade onde fui criado. E, ali, na bela e ainda aprazível São Bernardo do Campo, revejo amigos e coopero com a igreja de minha infância. Mas, desde que me transferi para o Rio de Janeiro, em 1984, para trabalhar na Casa Publicadora das Assembleias de Deus, muita coisa mudou tanto lá quanto aqui. Ao transitar por aquela cidade do ABC paulista, deparo-me com um município já desfigurado pelo desordenamento urbano. Em suas ruas e praças, dantes tão bonitas e tão bem cuidadas, percebo, aqui e ali, as marcas da incivilidade.

Não faz muito tempo, vi, bem no centro dessa cidade, um edifício clássico impiedosamente pichado; de alto a baixo, todo sujo de rabiscos, frases desconexas e marcas indecifráveis. Lamentavelmente, toda essa sujidade é classificada de cultura urbana por muitos “formadores de opinião”. Se tal coisa é cultura, o que está acontecendo à civilização brasileira?

Antes de respondermos a essa pergunta, estudaremos a cultura humana por meio do prisma da Bíblia Sagrada. Nosso intento é mostrar que nenhuma cultura pode ser tida como neutra, ou inofensiva, porque todas elas acham-se contaminadas pela apostasia de Adão.

Em seguida, veremos a cultura humana como o abrigo do homicídio, do sexo depravado, da usura e da rebelião contra Deus. Mas a boa notícia é que o Evangelho de Cristo é capaz de transformar qualquer cultura ou civilização.

Quanto a nós, Igreja de Cristo, não nos conformemos com este mundo a exemplo do que fizeram Israel e Judá. Ambos os reinos, por assimilarem as impurezas de culturas pagãs, foram desarraigados de sua herança e

dispersos entre as nações. Mantenhamos, então, nossas propriedades como povo de Deus. Sejam santos até mesmo em nossas manifestações culturais. Doutra forma, jamais veremos o Senhor.

Que o Espírito Santo nos ilumine no estudo deste tema tão imprescindível aos nossos dias.

I. O que É a Cultura

A partir da definição de cultura, veremos que o ser humano foi criado para produzir cultura, a partir da criação divina. Neste contexto, veremos, ainda, a diferença entre a cultura dos gentios e a do povo de Deus.

1. Definição de cultura. No princípio, a cultura tinha a ver apenas com o cultivo da terra, visando tão somente a produção de alimentos (Gn 4.2). Depois, passou a ser vista como a soma de todas as realizações humanas: espirituais, intelectuais, materiais, etc. Semelhante tarefa foi considerada enfadonha por Salomão (Ec 1.1-13).

A cultura pode ser definida, outrossim, como a visão de mundo frente às reivindicações divinas (Lv 20.23).

As primeiras manifestações culturais da humanidade foram a pecuária e a agricultura. O autor sagrado relata que Caim e Abel, seguindo o ordenamento do Senhor, passaram a trabalhar sistematicamente a terra e as suas riquezas (Gn 4.1,2). O primeiro dedicou-se à agricultura. Quanto ao segundo, afez-se aos gados. E, a partir de ambas as atividades, a cultura humana começou a desenvolver-se, pois tais atividades requerem arte, método, ciência e tecnologias. Dessa forma, um ofício passou a requerer outro ofício e uma profissão a demandar outra profissão, até que toda a cadeia produtiva veio a completar-se.

Não demorou para que, em torno da agricultura e da pecuária, surgissem guildas e associações. E, para que estas fossem mantidas, seus membros criaram tradições orais, compuseram toadas, cantigas e

engenharam muitos “causos” interessantes ao redor das fogueiras. Afinal, careciam de certa mística para assegurar a continuidade de seu ganha pão diário.

Com o passar dos séculos, alguns se fizeram literatos; de suas lidas, forjaram poesias e romances. Outros se tornaram filósofos; quiseram saber por que o homem tem de afadigar-se tanto sob o sol. Quanto aos mais práticos, foram incrementar suas ferramentas e técnicas; fizeram-se cientistas. E, em todo esse azáfama, surgiu a medicina para curar as feridas do corpo e as chagas da alma.

Transcorridos já dois milênios, aquelas atividades-matrizes — a agricultura e a pecuária — geraram centenas de profissões e milhares de atividades econômicas. E, no encalço destas, amadureceram a arte, a literatura, a ciência e as tecnologias atuais. Foi assim que a cultura humana chegou até aos nossos dias: de Adão a Noé, e dos filhos destes aos nossos pais; conhecimentos e práticas transmitidos de geração a geração.

A cultura, em si, querido leitor, não é pecaminosa. Mas o uso que dela fazemos tanto pode glorificar a Deus quanto levar-lhe o nome a mais grosseira blasfêmia. Somos capazes de moldar o bisturi para a cirurgia ou a espada para a guerra fratricida. E, com papel e tinta, compomos um hino de louvor ao Eterno, ou redigimos uma calúnia a fim de arruinar a mais ilibada das biografias. Logo, há uma diferença bem nítida entre a cultura dos filhos de Deus e a dos gentios. O Espírito Santo, em nossas atividades, faz toda a diferença.

2. A cultura dos gentios. Por haverem perdido o verdadeiro conhecimento de Deus, que lhes havia transmitido o patriarca Noé, logo após o Dilúvio, os seres humanos passaram a adorar a criatura em lugar do Criador (Rm 1.18-25). E, a partir daí, puseram-se a imaginar coisas vãs e soberbas (Gn 11.6; Sl 2.1).

Hoje, a antropologia cultural vê, como meros fenômenos sociológicos e culturais, a prostituição, o homicídio, a corrupção e até mesmo o

infanticídio (2 Rs 23.7; Lv 20.1-5; Ed 9.11).

Todas essas iniquidades e pecados vêm lindamente empacotados pela indústria cinematográfica. Para cada faixa etária, um pacote diferente e atrativo. Nessa depredação de valores, as crianças, os adolescentes e os jovens são os mais prejudicados. Às mentes em formação são oferecidos contos de fada aparentemente inofensivos, mas, no cerne dessas produções, acham-se a morte espiritual, a ruína mental e o comprometimento emocional. Cuidemos de nossos pequeninos. Satanás odeia as nossas crianças.

Além dos filmes direcionados ao público infanto-juvenil, há os entretenimentos feitos sob medida para os adultos. Tais atrações, veiculadas em todas as telas, promovem o adultério, a prostituição, os costumes de Sodoma, a corrupção e o homicídio. Embora tais pecados sejam virtuais, suas penalidades, no Juízo Final, serão tão reais como o Lago de Fogo, que o Senhor preparou para o Diabo e os seus anjos (Mt 25.41). A cultura do povo de Deus não se coaduna com tais coisas; nossos valores encontram-se nas Escrituras Sagradas.

Infelizmente, há um segmento da cristandade que apregoa: “Fora da cultura, não há salvação”. Por isso, seus defensores lutam por impedir que o Evangelho de Cristo não chegue aos nossos índios. Mas a ordem de Nosso Senhor é: “Ensinaí todas as nações”. Não somos contra a cultura, em si. Todavia, não podemos idolatrá-la; a ordem de Cristo é soberana. A Mensagem da Cruz transforma a cultura sem destruir-lhe os legítimos valores.

3. *A cultura do povo de Deus.* A visão do povo de Deus, quanto à cultura, tem como fundamento a Bíblia Sagrada, a inspirada, inerrante e completa Palavra de Deus (2 Tm 3.16,17). Por essa razão, tudo quanto fazemos tem como base esta proposição: a Terra é do Senhor (Sl 24.1). Haja vista os filhos de Israel. Eles consagravam a Deus até mesmo suas colheitas (Lv 23.10).

Portanto, tudo quanto fizermos tem de ser aferido por este mandamento apostólico: “Portanto, quer comais, quer bebaís ou façaís outra qualquer coisa, fazei tudo para a glória de Deus” (1 Co 10.31).

Por essa razão, zelemos por todos os aspectos de nossa vida. Na promoção de uma festa, seja em casa seja na empresa, evitemos o uso de bebidas fortes. Embora alguns crentes achem lícito a sua ingestão, é algo inconveniente; pouco a pouco, acabará por nos arruinar o testemunho cristão. Já ouvi falar de um obreiro que, depois de um encontro social regado a álcool, acordou no dia seguinte numa cama, que não era sua, num quarto que lhe era totalmente estranho e ao lado de uma mulher, que não era a sua amada esposa.

Ainda que pareça cultural e até elegante participar de uma rodada de bebidas alcoólicas com os colegas de trabalho, tenhamos, no coração, todas as cláusulas do Salmo Primeiro. Desde já, que este alerta jamais nos deixe a alma e o espírito: não nos convém a roda dos escarnecedores. O Inferno, querido irmão, está cheio de gente requintada e fina que, para agradar aos ímpios, renegou a sua cruz e cometeu torpezas e desatinos. Que o Senhor nos guarde de tais ocasiões.

Senhor, enche-nos do teu Santo Espírito.

II. Uma Cultura Dominada pela Iniquidade

O homem foi posto no Éden, para lavrar a terra e fazer cultura, a partir da criação divina (Gn 1.26; 2.5). Mas, devido ao pecado, toda a cultura humana pôs-se contra Deus.

1. A cultura original. Se a Terra é do Senhor, todos deveriam saber que, neste mundo, não passamos de servos de Deus (Sl 24.1). Logo, tudo quanto produzimos deveria ser um reflexo da glória do Criador.

Se não tivéssemos caído em pecado, nossa cultura seria uma extensão da divina. Mas, por causa da Queda, a humanidade passou a trabalhar contra Deus (Ec 7.29).

Os que se dão às chamadas “belas artes” esquecem-se de algo primacial: toda matéria-prima que utilizam, para dar forma e beleza aos seus trabalhos, foi criada pelo Senhor. Alguns, utilizando-se de uma árvore frondosa, talham uma figura que, depois de ridiculamente acabada, chamam-na de deus e, diante dela, curvam-se, renegando o Deus Único e Verdadeiro. Outros, vasculham a marmoraria à procura de um bloco perfeito. E, depois, manejando martelo e buril, gizam uma silhueta, às vezes, desproporcional e incensam-na como a divindade das divindades. Outros ainda, mais abastados, compram bronze, prata e ouro e, fundindo o primeiro, e batendo ritmadamente o segundo e o terceiro, criam um misto de homem, ave e réptil. E, perante essa abjeção, humilham-se e, num estágio de completa loucura, até seus pequeninos lhe oferecem, a fim de aplacar a ira de um deus que não vê, que não ouve, que não anda e sequer pode castigar seus tolos adoradores.

Com o decorrer do tempo, tais deuses acabam por se perder entre os escombros das civilizações que os criaram. Depois de alguns séculos, aparece um arqueólogo que, na ânsia por estudar o passado, conturba o presente com o achamento dessas abominações. Em seguida, após classificá-las, remete-as para algum espaço de memória como se fossem patrimônio da humanidade. O que muita gente ignora é que os deuses expostos solenemente nos museus, até genocídios inspiraram, porquanto os seus criadores eram violentos e sanguinários.

2. A cultura do homicídio. Como resultado da apostasia de Adão, o homicídio é rapidamente incorporado à cultura humana. Haja vista que Lameque, como já citado, para celebrar a morte de dois homens escreveu um poema (Gn 4.23).

Os heróis daquele tempo eram os vilões que se davam à opressão e à matança (Gn 6.4, 11). Hoje, vemos aqueles dias replicarem-se em todos os segmentos sociais; a cultura da morte não mudou. O que dizer do aborto, da eutanásia e da cruel indiferença ao próximo?

3. *A cultura do erotismo.* O erotismo também impregnou rapidamente a cultura humana; o casamento foi logo banalizado (Mt 24.37-39). A lassidão moral, iniciada pelo homicida Lameque, fez-se cultura. A promiscuidade precisou apenas de um exemplo a fim de espalhar-se. Que Deus tenha misericórdia de nossa geração.

4. *A cultura do consumo irrefreado.* A cultura do mundo pré-diluviano, quanto ao consumo desenfreado, em nada diferia da nossa. Naquele tempo, as pessoas, já tomadas pela apostasia, não faziam outra coisa senão comer e beber (Mt 24.37,38). Hoje, se gasta exageradamente naquilo que não satisfaz; é o consumo pelo consumo (Is 55.2). Eis o resultado de toda essa ganância: famílias endividadas e muita gente à beira da miséria. Sejam providos, e não pródigos.

III. A Cultura Evangélica Atual

Quando meus pais aceitaram Jesus, mal sabiam eles assinar o nome. Mas, como bons crentes, logo passaram a ler a Bíblia Sagrada e a cantar os hinos da Harpa Cristã. Não demorou para que, vencida essa barreira, viessem a ler bulas de remédio, jornais e revistas. A fé evangélica ajudou-os inclusive social e culturalmente. A Palavra de Deus, querido leitor, faz toda a diferença na vida de um ser humano.

Perguntamo-nos, às vezes, por que a civilização norte-americana veio a desenvolver-se mais depressa do que a brasileira. Se lermos a história de ambas, deparar-nos-emos com uma resposta simples, mas desconcertante para os inimigos do Cristianismo. Os Estados Unidos foram estabelecidos, tendo como livro-texto a belíssima Bíblia King James, ou Rei Tiago, ao passo que o Brasil, em que pesem o brilho e as conquistas lusíadas, não tiveram a mesma ventura.

A fé cristã trazida para cá, por Cabral e Martin Afonso de Souza, no princípio do século XVI, não passava de uma extensão armada do expansionismo português; os religiosos que os acompanhavam eram mais soldados do que sacerdotes. Nosso país só viria a conhecer o cristianismo

evangélico, a partir dos idos de 1800, com a chegada dos primeiros missionários protestantes. Apesar de aportarem por aqui, tardiamente, lograram impulsionar não apenas as letras sagradas, mas também as seculares. Suas instituições de ensino subsistem até aos dias de hoje; são um exemplo de excelência e amor pelo saber.

Neste capítulo, faremos uma rápida análise da cultura evangélica atual. Veremos até que ponto nossas letras, música, arquitetura e liturgia foram afetadas pelo deus do presente século.

1. *As letras evangélicas.* Repousa-me no coração um carinho muito grande pelo jornal *Mensageiro da Paz*. Foi neste periódico, querido leitor, que me iniciei nas letras evangélicas. Por isso, de vez em quando, ponho-me a folhear os exemplares antigos do órgão oficial de nossa igreja. Conhecido como o “evangelista silencioso”, esse mensário, que já circulava pelo Brasil por volta de 1930, não demorou a firmar-se como referência jornalística e literária até mesmo entre as igrejas históricas.

Já nas primeiras décadas de sua existência, seus colaboradores faziam questão de primar por uma linguagem correta, bela e que honrasse a língua portuguesa. Eles sabiam que o seu ministério incluía, além do zelo pela sã doutrina, o labor literário; sua preocupação estética já era notória.

Até a década de 1970, o principal articulista do *Mensageiro da Paz* era o jornalista Emílio Conde. Seu estilo, posto que simples, era meigo e profundo. Não sei quantos livros desse querido irmão cheguei a ler. Aliás, quem não conhece a sua *História das Assembleias de Deus no Brasil*? O apóstolo da imprensa evangélica pentecostal abriu generosos caminhos às nossas letras. Nascido na cidade de São Paulo, em 1901, veio a falecer no Rio de Janeiro, em 1971. Esse grande literato é lembrado, hoje, por uma instituição que ainda virá a fazer história entre nós — a Casa de Letras Emílio Conde. Para quem não sabe, o irmão Emílio (carinhosamente falando) foi o primeiro funcionário a ser registrado na Casa Publicadora das Assembleias de Deus no Brasil.

Tendo em vista a importância doutrinal, histórica e literária da CPAD, não cesso de orar para que a nossa querida editora preserve a sua vocação de guardiã da sã doutrina, da linguagem impecável e das belas letras. Mantenhamos a excelência de nossas publicações. Se não o fizermos, perderemos este maravilhoso castiçal que nos entregou o Senhor Jesus, desde que, por aqui, chegaram Daniel Berg e Gunnar Vingren.

Hoje, mercê de Deus, somos conhecidos também como a editora da Escola Dominical.

As Assembleias de Deus no Brasil têm sido um exemplo para as letras evangélicas. De nossa Casa Publicadora, saíram muitos literatos, que, cruzando as fronteiras denominacionais, vieram a honrar-nos grandemente. Lembro, aqui, o poeta Joanyr de Oliveira e o romancista João Pereira de Andrade e Silva. Repousando ambos, agora, nos braços do Pai Celeste, deixaram um grande legado à nossa literatura.

Os crentes de minha geração lembram-se, ainda, dos concursos de poesia das décadas de 1970 e 1980; um concurso, aliás, que envolveu também os vates portugueses. Outrossim, deixo, neste pequeno espaço de recordações, a minha homenagem ao pastor Antonio Gilberto. Nosso amado teólogo e mestre foi usado extraordinariamente por Deus a fim de divulgar o valor, o alcance e a urgência da Educação Cristã. Além de ser um doutor na Palavra de Deus, era um ensinador de comprovada excelência.

Aos que labutam nas letras evangélicas, deixo, aqui, o meu humilde e despretensioso conselho. Não almejem as glórias mundanas. Em seus livros e tratados, escrevam apenas o que convém à sã doutrina. Jamais deixem de honrar àquEle que inspirou a Bíblia Sagrada — o Livro dos livros. Conquanto seja glorioso fazer parte de uma instituição, como a Academia Brasileira de Letras, não se esqueça de que a nossa real academia é a congregação de nossos leitores e dos que, dia e noite, intercedem por nós, encorajando-nos a cumprir, de forma cabal e santa, o

ministério que nos confiou o Senhor Jesus Cristo. E, à semelhança do salmista, que este seja o nosso compromisso como operários das letras evangélicas: “De boas palavras transborda o meu coração. Ao Rei consagro o que compus; a minha língua é como a pena de habilidoso escritor” (Sl 45.1, ARA).

Se formos zelosos e fiéis ao ministério da página impressa, conforme o Senhor Jesus o requer, a nossa literatura continuará a ser bem melhor do que a secular. Além do mais, temos a Bíblia Sagrada como modelo de perfeição espiritual e beleza literária; ela é a inspirada, a inerrante, a infalível, a absoluta e completa Palavra de Deus. E, assim, o Espírito Santo não nos faltará com a sua iluminação.

2. *A música sacra.* Fui criado numa igreja que mantinha um excelente ministério de música. Ali, na Assembleia de Deus em São Bernardo do Campo, no ABC paulista, a boa música sacra fazia parte de nosso cotidiano litúrgico. O evangelista Walter de Moraes regia a banda. E o presbítero Brás (querido amigo!) encarregava-se do coral. Ambos já estão com o Senhor Jesus. Até os nossos corinhos e cânticos avulsos tinham qualidade, beleza e um forte conteúdo bíblico.

Dois belos hinários marcaram-me a infância, a adolescência e a juventude. O primeiro era a *Harpa Cristã*. Enquanto a banda tocava os hinos de nosso saltério oficial, abriam-se os Céus e o Pentecostes replicava-se, ali, naquele santuário ainda pequeno e simples, com batismos no Espírito Santo, línguas estranhas, curas divinas e dons espirituais. O hino 224 fazia-me chorar, porque, ao ouvi-lo, sentia o chamado divino ao Santo Ministério.

O segundo hinário, igualmente belo e tocante, eram os *Coros Sacros* de Arthur Lakschevitz. Se você, querido leitor, pertence à minha faixa etária, certamente lembrar-se-á de hinos como “Se mais eu pudesse, meu Deus, te louvar” e “O novo Céu”. Essas joias da música sacra fazem parte do repertório desse maravilhoso hinário, que os nossos corais entoavam em

quase todos os cultos. A propósito, onde andam os *Coros Sacros*? Nos sebos, ainda é possível achar algum exemplar surrado, cheio de história e pleno de galardões.

Com o decorrer dos tempos, os saltérios oficiais foram sendo pendurados nos salgueiros da modernidade. E, hoje, em muitas igrejas não se cantam mais a *Harpa Cristã*, o *Cantor Cristão* e os *Salmos Hinos*. Ao mesmo tempo, assistimos a uma invasão de “louvores” vazios da Bíblia e cheios de modernices e tralhas pós-modernas, cujo objetivo é esvaziar o culto cristão de seu real significado: exaltar a Deus, e não ao homem. Às vezes, esses “momentos de adoração” são tão extensos, que chegam a engolir o tempo da mensagem. É uma repetição tão monótona que, em nada, difere dos mantras orientais.

Alguém já disse que os louvores modernos, que nos vêm invadindo as igrejas desde as décadas de 1980, fazem parte de uma estratégia globalista, objetivando enfraquecer a proclamação da genuína fé evangélica. Eu não sei até que ponto tal informação corresponde à verdade. De uma coisa, porém, não tenho dúvida: a igreja evangélica continua a perder os seus atributos como a comunidade adoradora por excelência. Para revertermos tal situação, é urgente tomarmos algumas iniciativas.

Antes de tudo, é imperioso voltarmos à forma de adoração prescrita na Bíblia Sagrada. Em sua carta aos efésios, o apóstolo ordena-nos a adotar este modelo de culto (Ef 5.15-21, ARA).

Voltemo-nos à *Harpa Cristã* e aos *Coros Sacros*. Tiremos nossos saltérios dos salgueiros. Libertemo-nos desse cativeiro pós-moderno, que, sob a aparência de piedade, intenta escravizar todo o nosso patrimônio espiritual — do genuíno sermão evangélico ao autêntico louvor pentecostal. Invistamos na boa música. Mantenhamos nossas orquestras. Fundemos conservatórios musicais. Consertemos os instrumentos quebrados. E, finalmente, chamemos de volta os fiéis e sinceros servos da

música que, inspirada na Palavra de Deus, sempre haverá de enaltecer o Deus da Palavra.

Louvo a Deus pelas igrejas que, ainda, cultivam a bela música sacra; esta, além de cantar nossas doutrinas, enleva-nos a alma ao trono da graça. Infelizmente, outras igrejas, deixando-se enfeitiçar pelo culto de Balaão, transformaram-se em boates e casas noturnas. Suas reuniões, realizadas às escuras e embaladas por danças sensuais, lançam adolescentes e jovens no Lago de Fogo. Que os idosos também se cuidem, pois o pecado não escolhe faixa etária.

Chega! Não nos conformemos com a cultura deste mundo. Antes, transformemo-la pelo poder irresistível do Evangelho de Cristo.

3. A liturgia decente. Se a música não for boa, a liturgia do culto será péssima. Por esse motivo, os reis Davi e Salomão organizaram meticulosamente os levitas, visando a solenidade, espiritualidade e decência do culto ao Senhor. O zelo de ambos os monarcas foi tão grande pelas coisas de Deus, que, quando Salomão presidiu a inauguração do Santo Templo, a glória divina manifestou-se de tal forma, naquele santuário, que os sacerdotes mal podiam sustentar-se de pé (1 Rs 8.11).

Aqui, cabe uma pergunta: “Será que, hoje, podemos ter um culto semelhante ao que Salomão prestou ao Senhor?”. É possível, é desejável e é necessário. Eu mesmo já participei de reuniões, nas quais os Céus precipitavam-se à Terra. Aliás, hoje, na atual dispensação, podemos e devemos ter cultos ainda mais avivados, porque o Senhor acha-se a derramar do seu Espírito Santo sobre toda a carne, conforme profetizou Joel (Jl 2.28-31). Mas, para que isso ocorra, temos de apresentar-lhe um culto vivo, solene e decente, e que não ofenda ao seu Espírito. E que o Consolador tenha liberdade para agir como bem lhe aprouver. Cuidado com bizarrices que, a pretexto de manifestações pentecostais, não passam de espetáculos deprimentes.

O culto, embora não pareça, faz parte de nossa cultura. Eis por que a rainha de Sabá, ao frequentar a Casa do Senhor, em Jerusalém, glorificou a Deus pelo que viu, pelo que ouviu e, principalmente, pelo que sentiu — a presença de Deus.

IV. O Evangelho Transforma a Cultura

Agora, precisamos responder a esta pergunta: “É possível transformar uma cultura dominada pela iniquidade?”.

1. *Jesus nasceu num contexto cultural.* Nenhum homem é capaz de viver à parte de uma cultura; somos seres culturais. Aliás, o próprio Filho de Deus, quando de sua encarnação, foi acolhido numa sociedade dominada por três grandes culturas — a judaica, a grega e a romana (Jo 19.20). Todavia, a sua mensagem transformou milhões de pessoas oriundas de todas as culturas do mundo, conduzindo-as a viver num só corpo (Rm 10.12).

2. *O Evangelho transforma a cultura.* Conquanto não nos seja possível converter toda uma sociedade, podemos influenciá-la com a mensagem do Evangelho. Haja vista o que aconteceu em Éfeso, durante a terceira viagem missionária de Paulo (At 19.19).

Sempre que há um avivamento, prostíbulos e antros são fechados enquanto igrejas são abertas. Se quisermos, de fato, transformar o nosso país, devemos evangelizá-lo de acordo com o modelo de Atos dos Apóstolos (At 1.8).

3. *Corinto, um exemplo de cultura influenciada pelo Evangelho.* Corinto era uma das cidades mais promíscuas no período do Novo Testamento. Não obstante, Paulo, ao levar-lhe o Evangelho, resgatou preciosas almas aprisionadas a um contexto moralmente enfermiço (1 Co 6.9-11).

Apesar de seus graves problemas, a igreja coríntia detinha todos os dons espirituais (1 Co 1.7). O mais importante, porém, é que os seus

membros, dantes escravizados por Satanás, eram agora chamados de santos em Jesus Cristo (1 Co 1.1,2).

Conclusão

A cultura atual em nada difere da pré-diluviana. No entanto, podemos influenciá-la através da pregação do Evangelho de Cristo. Se levarmos a sério a promessa de Atos 1.8, viremos não apenas a influenciá-la, mas igualmente transformá-la. Afinal, somos o sal da terra e a luz do mundo. Somente a Igreja de Cristo reúne essas propriedades tão raras para abalar as estruturas deste mundo que jaz no Maligno.

Sejamos santos. Evangelizemos e façamos missões! É a ordem de Cristo. Nós podemos transformar a cultura da sociedade atual, como fez o apóstolo Paulo em Tessalônica: “Porque eles mesmos anunciam de nós qual a entrada que tivemos para convosco, e como dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir ao Deus vivo e verdadeiro” (1 Ts 1.9). Os irmãos tessalonicenses, que dantes eram escravos de uma cultura idólatra e pecaminosa, esperavam, agora, ansiosos e firmes, a vinda do Senhor Jesus.

É chegada a hora de voltarmos a influenciar a cultura do Brasil. De que forma? Evangelizando e fazendo missões.

Capítulo 11

O Homem do Pecado

A primeira tentativa de globalização absoluta da Terra deu-se, conforme já vimos, no episódio da malfadada Torre de Babel. Na verdade, o que houve ali, na planície de Sinear, não foi apenas um mero ensaio globalista, mas uma tentativa indisfarçável de Satanás em substituir o Reino de Deus pelo império do mal. Aliás, se formos rigorosos quanto à cronologia da História Sagrada, passaremos a ver Babel como o segundo empreendimento do Adversário para impor o seu governo sobre os filhos de Adão e Eva; o primeiro dera-se na época pré-diluviana.

Em ambos os episódios, Satanás já havia preparado vários indivíduos para representarem-no, eficazmente, caso seus intentos não tivessem sido malogrados pelo Senhor. No primeiro caso, teria ele como prepostos a Caim e a Lameque, pois tanto o avô quanto o neto haviam se colocado ao seu inteiro dispor. Já no segundo caso, havia um personagem que, cercado por uma mística quase divina, vinha pouco a pouco levando a descendência de Noé à apostasia: Ninrode, o poderoso caçador. Neste capítulo, por conseguinte, estudaremos um dos aspectos mais sombrios da doutrina bíblica do homem: a ascensão do Anticristo. Conhecido também como o Homem do Pecado, esse sinistro personagem aparece, na Bíblia Sagrada, como o representante mais autorizado e pleno de Satanás. Não há como ignorá-lo; temos de conhecer-lhe o caráter, a missão e o destino final. Que este estudo nos ajude a precaver-nos contra as investidas do Anticristo. A cada dia, torna-se ele mais astuto, sutil e ousado. Estejamos alertas. Todavia, não percamos o ânimo, pois o que está conosco, e em nós, é infinitamente mais poderoso. Aleluia!

I. O Homem do Pecado

Historicamente, os prepostos de Satanás apresentam-se com os títulos mais circunstanciais e pomposos. Carlos Magno ainda é louvado como o construtor da Europa; Napoleão jamais deixou de ser enaltecido como o romântico e culto guerreiro; Hitler, apesar de todas as suas maldades, é fervorosamente cultuado, nalguns segmentos extremistas, como o eterno führer; já o ditador comunista Joseph Stalin, em que pesem os milhões de soviéticos que friamente assassinou, continua a ser incensado, por consideráveis setores da esquerda, como “o pai do povo”.

Apesar dessas “gloriosas” designações, tais déspotas serão julgados não como líderes políticos, mas como lacaios de Satanás. E, nessa miserável condição, antes mesmo do Juízo Final, hão de ser arremessados no Lago de Fogo, para onde também será lançado o querubim caído, que, durante a sua longa trajetória, veio a angariar emblemáticas alcunhas — antiga serpente, Satanás, Diabo e, finalmente, dragão (Ap 19.20; 20.10).

Neste tópico, enfocaremos a origem, os títulos e a natureza do Homem do Pecado, que, como já vimos, vem sendo precedido por indivíduos malignos e sanguinários, desde o homicida Caim; essa cadeia do mal terá, como ápice, a ascensão do Anticristo — o opositor-mor do Cordeiro de Deus.

1. Origem do Homem do Pecado. Caim e Lameque, prefigurando o Anticristo, opuseram-se sistematicamente a Deus (Gn 4.1-10, 23,24). Ambos agiram como o Homem do Pecado, que há de aparecer tão logo a Igreja seja arrebatada (2 Ts 2.6,7). Nesse mesmo grupo, arrolaremos o Faraó do Êxodo, o perverso Hamã e o sanguinário Herodes (Êx 1.8-16; Et 3.1-6; Mt 2.13).

Desde os tempos bíblicos, muitos se fizeram anticristos e dispuseram-se a perseguir a Israel e a Igreja de Deus. Destes, viremos a destacar apenas Carlos Magno, Napoleão e Hitler, pois a lista é longa e enojadiça.

Apesar de toda a sua hermenêutica, o Diabo não sabe quando os crentes serão arrebatados. Por isso, mantém alguns homens de prontidão,

para usá-los imediatamente após o rapto da Igreja (1 Jo 2.18). Embora seja temerário dizer quem, hoje, seria o Homem do Pecado, podemos identificá-lo por seus frutos (Mt 7.16). Eis porque é imperioso escolhermos muito bem nossos candidatos no momento das eleições, para não elegermos servos e servas de Satanás. Conheçamos, pois, suas agendas éticas, educacionais e econômicas, pois o Diabo que, a essas alturas, já é o Dragão do Apocalipse, vem apoderando-se de todas as instituições humanas, visando o estabelecimento de seu governo visível.

2. *Títulos do Homem do Pecado.* O título principal deste personagem é “Anticristo” (1 Jo 2.18). O apóstolo, sempre atento aos sinais dos tempos, soube como desmascarar os predecessores do Homem do Pecado; em seus dias, já não eram poucos.

O Homem do Pecado, no Apocalipse, é descrito como a besta que sobe da terra (Ap 13.1). Se retroagirmos a Daniel, constataremos que o Anticristo é apresentado como o príncipe que há de vir (Dn 9.26). O Senhor Jesus, por sua vez, mostra-o como aquele que, desprezando o Pai e o Filho, aparece mentindo e enganando os incautos (Jo 5.43). No final dos tempos, quando Satanás apresentar os seus dois prepostos à humanidade incrédula, para estabelecer o seu império visível no mundo, estará ele em sua máxima degradação espiritual, teológica e moral. Enganam-se, pois, os universalistas que, inocente e tolamente, ensinam que, na consumação de todas as coisas, Deus levará todos à conversão, inclusive o próprio Diabo. O que esses senhores desconhecem é que, a cada dia que passa, torna-se o Adversário mais virulento e inimigo do bem. Tanto é que, no período apocalíptico, o Inimigo estará tão incontrolável, que precisará ser amarrado por mil anos, até que o tempo de sua ruína definitiva (Ap 12.12; 20.2,10). Se o Diabo vem degradando-se desde que foi expulso dos Céus, o mesmo acontece com os seus seguidores, conforme alerta-nos Paulo: “Mas os homens maus e enganadores irão de mal para pior, enganando e sendo enganados” (2 Tm

3.13, ARA). A profecia do apóstolo cumpre-se rigorosamente em nossos dias. Nesse ritmo de depravação total e absoluta, a deterioração dos incrédulos chegará a tal ponto que, dentre eles, não será difícil para Satanás “ungir” seus dois prepostos como as bestas descritas pelo evangelista.

Cabe aqui, uma pergunta intrigante. Por que ambos os lugares-tenentes de Satanás, no Apocalipse, recebem o apodo de “besta”? Examinemos esses personagens e vejamos como se dará o seu aparecimento.

Um deles surgirá do mar, e o outro, da terra. O primeiro virá como líder político. Já o segundo, em sua condição de guia religioso incontestado, dará todo suporte místico àquele, visando blindá-lo de qualquer oposição. Assim descritos, representam eles a síntese dos instintos animais que moviam os impérios mundiais, que, desde a Babilônia de Nabucodonosor, vêm maltratando Israel e perseguindo a Igreja de Cristo. Do reino babilônico, trazem o orgulho do leão: a soberba que causou a desgraça do querubim ungido; do reino persa, terão a voracidade do urso: espezinharão e despedaçarão seus opositores; e, do império grego, sob Alexandre, o Grande, terão a velocidade do leopardo: suas conquistas serão mais rápidas do que as da Alemanha Nazista no início de suas campanhas. E, sintetizando, todas essas características, resultarão ambos nas bestas descritas por João (Ap 13.1,2). Eles dirigirão o reino visto por Daniel representado pelo animal terrível e indescritível (Dn 7.7).

Um império mundial, com tais características, só pode ser dirigido por governantes com os instintos das bestas descritas por João.

Todavia, por que esses prepostos de Satanás são vistos como as bestas que sobem do mar e da terra? Antes de tudo, não devemos vê-los como demônios. Mas, conquanto homens, far-se-ão piores do que os mais incontroláveis anjos do mal, devido aos imensos poderes que receberão de Satanás (2 Ts 2.9). Mais vorazes do que as bestas-feras, despojar-se-ão de

todos os seus atributos humanos, a fim de tornarem-se imagem e semelhança de Satanás.

O termo grego usado para descrevê-los — *thērion* — significa, entre outras coisas, animal selvagem, brutal e feroz. Assim será o interior de ambos os prepostos de Satanás; certamente, os piores seres humanos a pisar sobre a face da terra. Em sua alma, já iludidos e cegados pelo Diabo, acreditarão que, de fato, terão condições de derrotar o próprio Deus. Aliás, assim também imagina o Maligno, que, já como Dragão, e mais bestificado que nunca, mantém a ilusão que o levou a revoltar-se contra o Todo-Poderoso: vencer o Criador e Mantenedor de todas as coisas. Se ele assim não lucubrasse, não teria caído na apostasia, quando ainda era querubim e ungido.

Quem lê a história da Segunda Guerra Mundial, admira-se de quão bestiais tornaram-se os nazistas. Mesmo sabendo que os russos invadiam Berlin, pelo Leste, e que os americanos, britânicos e franceses chegavam, pelo Oeste, ainda alimentavam a ilusão de que os aliados seriam, finalmente, derrotados antes de chegarem ao *bunker* onde Adolf Hitler escondia-se. Assim funciona a alma dos que aborrecem a Deus; acreditam que, apesar dos decretos divinos, sempre haverá uma brecha judicial para escaparem do Juízo Final.

3. A natureza do Homem do Pecado. O Homem do Pecado será de tal forma usado por Satanás que chegará a ser confundido com este (2 Ts 2.9). Ele aparecerá como uma espécie de “ungido” do Diabo. E, na força do Maligno, realizará grandes sinais e prodígios, induzindo a humanidade a recepcioná-lo como se fosse o próprio Deus (2 Ts 2.4). Os que não tomarem parte no arrebatamento da Igreja serão obrigados a prestar-lhe honras e adoração (Ap 13.4). Nele, a possessão satânica será plena e incontrollável, superando inclusive a situação do gadareno oprimido por aquela legião de demônios (Lc 8.30). No terceiro capítulo das profecias de Daniel, lemos a história da formidável estátua que Nabucodonosor

mandara erguer, a fim de eternizar-lhe o nome e o império. Estrugidas as trombetas, todos os que se achavam congregados, no campo de Dura, curvaram-se, atemorizados, perante aquela blasfêmia e abominação, exceto os três jovens santos: Sadraque, Mesaque e Abdnego (Dn 3.12). Observe, querido leitor, que o imponente momento, embora inanimado, forçou a todos os presentes — grandes e pequenos — a dobrarem-se ante o paganismo estatal. Se a situação descrita parece aterrorizante, o que não será o reinado do Anticristo? Nessa ocasião, o Falso Profeta, mais convincente do que os mágicos egípcios e caldeus, fará construir uma imagem da primeira besta que, aparentemente, será ferida de morte. E, diante de todos, levará a estátua a abrir a boca e a falar. O resultado dessa façanha pode ser visto na descrição do evangelista (Ap 13.13-15).

Em vista das artimanhas do Adversário, estejamos precavidos acerca daqueles que, aqui e ali, realizam façanhas e maravilhas. Ouçamos a advertência do Senhor Jesus: “Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas e farão tão grandes sinais e prodígios, que, se possível fora, enganariam até os escolhidos” (Mt 24.24).

A fé cristã não é movida nem alimentada por milagres e portentos, mas pela confiança que depositamos em Cristo, o Filho de Deus. Isso não significa que rejeitemos tais ocorrências; acreditamos piamente no Deus, que, ab-rogando as leis naturais e ordinárias, opera o sobrenatural e o extraordinário, para realçar a sua glória e império sobre todas as coisas. Aliás, como pentecostais, não podemos rejeitar o inexplicável. Mas, por meio do dom de discernir, saibamos de onde procedem os espíritos, pois já vivemos na fronteira dos eventos apocalípticos (1 Jo 4.1).

II. A Missão do Homem do Pecado

A missão do Homem do Pecado será quádrupla: opor-se metodicamente a Deus, a Israel, a Cristo e a Igreja.

1. *Opor-se a Deus.* Inimigo declarado do Todo-Poderoso, Satanás volta-se contra todas as obras divinas. Sua principal missão, hoje, é impedir o Evangelho de Cristo de alcançar os confins do mundo. E, ferozmente, opõe-se aos santos anjos, à Igreja, a Israel e aos redimidos do Cordeiro (Dn 10.13-21; 1 Ts 2.18; Ap 12.10,11,13-17).

Será que alguém, em sã consciência, imagina que, de alguma forma, virá a derrotar o Deus Todo-Poderoso? Antes de tudo, nem todos os seres morais acham-se em sã consciência. Quer no mundo espiritual, quer no universo material, há anjos e homens que acreditam que podem destruir a Palavra de Deus e o Deus da Palavra.

Joseph Stalin (1878-1953), o insano ditador da ex-União Soviética, era alguém que, encarnando a imagem e a semelhança de Satanás, supunha ser possível derrotar o próprio Deus. Caso contrário, não teria perseguido tão covarde e sistematicamente a Igreja de Cristo. Até hoje não sabemos quantos cristãos ele matou. Já ouvi dizer que o abominável tirano veio a assassinar mais russos do que próprio exército nazista. Seja como for, entre os milhões de suas vítimas, havia não poucos homens, mulheres e até crianças, que morreram por não haver negado a sua fé em nosso Senhor.

Homens como Stalin e Hitler eram ateus genuínos, não porque descresem na existência do Criador dos Céus e da Terra, mas por serem inimigos declarados e pragmáticos do Deus Único e Verdadeiro. O tirano soviético, por exemplo, proviera de um seminário cristão em Tbilisi, na Geórgica; não ignorava a Bíblia Sagrada. Mas, seduzido pelo marxismo, tornou-se logo inimigo da fé cristã; fez-se tão satânico quanto Karl Marx (1818-1883). Quanto a Adolf Hitler (1889-1945), o que falar? Se o déspota nazista não acreditasse em Deus, por que haveria de empreender a extinção dos judeus e dos discípulos de Cristo? Ambos, eivados do espírito do Homem do Pecado, moveram, num primeiro momento, uma guerra sistemática contra o Eterno, e, logo em seguida, puseram-se a

destruir os que guardavam a santíssima fé apregoada pelos santos profetas e apóstolos.

Tais ditadores agiram dessa forma, porque se tornaram habitação de Satanás. Não foi o que aconteceu a Judas Iscariotes na noite em que traiu o Senhor Jesus? Após o bocado do pão que, naquele momento, já simbolizava o corpo de Cristo, entrou-lhe o Adversário pelo coração adentro, tornando-o seu templo (Jo 13.27). Quando isso ocorre com um ser humano, opõe-se este de tal forma ao Espírito Santo, que o Divino Consolador já não tem condições de levá-lo ao arrependimento. Temos, então, um caso de blasfêmia pragmática a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. É um pecado que, devido à sua extrema gravidade, em nada difere da transgressão dos filhos de Eli, conforme observa o velho sacerdote de Israel: “Pecando o homem contra o próximo, Deus lhe será o árbitro; pecando, porém, contra o Senhor, quem intercederá por ele?” (1 Sm 2.25, ARA).

Portanto, enganam-se os universalistas aos ensinarem que, na consumação dos séculos, o próprio Satanás virá a arrepender-se de seus atos e rebeliões, vindo a ser reconsagrado, pelo Senhor, à grei divina. Isso jamais acontecerá, pois todas as palavras e atos do Maligno são blasfêmias verbais e práticas contra o Pai, contra o Filho, contra o Espírito Santo e contra os redimidos. Sua intenção é derrotar o Todo-Poderoso; em seu espírito, acha ele que tal coisa é viável. Nisso, não se encontra só. Há milhões de lacaios seus que assim pensam e assim agem, conforme muito bem descreve Salomão o íntimo do tolo: “Porque, como imagina em sua alma, assim ele é; ele te diz: Come e bebe; mas o seu coração não está contigo” (Pv 23.7, ARA). Conquanto ofereça-nos o mundo e toda a sua glória, só uma coisa deseja ele de nós: instrumentalizar-nos para o mal. E, se o seguirmos, seremos lançados, juntamente com ele, no Lago de Fogo (Mt 26.41). Oremos e Vigiemos. A promessa divina não falhará: “E o

Deus de paz esmagará em breve Satanás debaixo dos vossos pés. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco. Amém!” (Rm 16.20).

2. Opor-se a Israel. Por intermédio de seus anticristos, o Diabo vem reunificando todos os seus recursos e esforços para destruir Israel física, moral e espiritualmente (Êx 1.8-22; Ap 2.14). O que dizer do genocídio judaico durante a Segunda Guerra Mundial? Nesse período, mais de seis milhões de hebreus foram brutal e covardemente assassinados.

Na Grande Tribulação, o Homem do Pecado perseguirá implacavelmente os judeus, para aniquilá-los de uma vez por todas (Ap 12.17). Mas, na consumação dos séculos, todo o Israel será redimido.

Já imaginou, querido leitor, se Hamã, o perverso, tivesse conseguido o seu intentado — a destruição total dos filhos de Israel espalhados pelo Império Persa? (Et 3.6). A consequência mais trágica para a humanidade seria a impossibilidade da encarnação do Filho de Deus, pois o Senhor Jesus proveio, de fato, de uma família judaica (Jo 4.24). Satanás, devido à sua familiaridade com as Escrituras Sagradas, sabe que Israel é a segunda coluna mais importante das profecias bíblicas (a primeira é o Senhor Jesus Cristo). Por essa razão, quando da 70ª Semana, intentará, agora de maneira definitiva, extinguir Israel (Dn 9.24-27; 12.1; Ap 12.17). Todavia, o Senhor Jesus sairá em defesa dos judeus, levando-os à conversão.

O povo de Israel, apesar de sua incredulidade presente, não será esquecido no futuro, pois o Deus de Abraão sempre há de lembrar-se das alianças passadas. E, na consumação de todas as coisas, cumprir-se-á o que escreveu Paulo em sua carta aos romanos: “E, assim, todo o Israel será salvo, como está escrito: Virá de Sião o Libertador e ele apartará de Jacó as impiedades” (Rm 11.26, ARA).

3. Opor-se a Jesus Cristo. No que concerne ao Filho de Deus, a missão do Homem do Pecado é dupla: opor-se a Cristo e colocar-se no lugar de Cristo, como se ele (o Anticristo) fosse o verdadeiro messias e

salvador do mundo (Mt 24.5,23,24). Leia com atenção o capítulo 13 de Apocalipse. No início, tentou matar fisicamente o Filho de Deus (Mt 2.13). Depois, procurou enredá-lo na tentação do deserto (Mt 4.1). E, finalmente, reuniu todos os seus recursos “teológicos” para destruir a genuína cristologia — o estudo da vida e da obra de Cristo (1 Jo 4.2,3).

O Homem do Pecado nega tanto a humanidade como a divindade de Nosso Senhor. Quanto a nós, professaremos audaciosamente que Jesus Cristo é Verdadeiro Homem e Verdadeiro Deus. Aleluia!

Como Satanás não logrou destruir o Cristo de Deus vem ele intentando, desde a ressurreição do Senhor, arruinar a genuína cristologia bíblica. Seus ataques a essa doutrina, que é a coluna mestra e a área mais nobre da teologia cristã, levaram os teólogos cristãos a trabalhar incansavelmente até que, em 451, na cidade de Calcedônia, atual Turquia, lavrassem um documento belíssimo tanto em termos teológicos quanto literários. Hoje, a legítima cristologia bíblica voltou a ser atacada com uma virulência maior do que à dos primeiros séculos. Antes de tudo, mencionemos a famigerada teologia da demitologização de Rudolf Bultmann (1884-1976) que, fumarando o seu inseparável cachimbo, pôs-se a demolir a história do Novo Testamento como se esta não passasse de uma narrativa fantasiosa e tola. Se nos afinarmos por esse teólogo, concluiremos que o Senhor Jesus nem é verdadeiro Deus nem verdadeiro homem, mas alguém duplamente mentiroso. Ora, querido irmão, se Jesus de Nazaré não realizou nenhum dos milagres registrados nos evangelhos, não é o Filho de Deus; e, se não é o Filho de Deus, mas tão somente homem, como poderá Ele salvar-nos de nossos pecados? Jesus Cristo, de fato, ressuscitou corporal e espiritualmente. E, por esse motivo, encontra-se, agora, à destra do Pai. Quanto aos seus milagres, sinais e maravilhas, não ficaram circunscritos ao passado. Ainda, hoje, por meio do Divino Consolador, continua a salvar, a batizar no Espírito Santo, a curar os

enfermos e a desnudar o seu braço, a fim de operar o impossível no meio de seus santos.

Há uma disciplina que, sorrateira, mas perigosamente, vem nos invadindo os seminários e institutos bíblicos. Refiro-me às ciências das religiões, ou simplesmente, ciência da religião. Inicialmente, quando nem disciplina era, limitava-se a estudar “cientificamente” a história do Cristianismo. Depois, já com uma epistemologia própria, pôs-se a comparar a religião cristã ao Judaísmo e ao Islamismo. E, já concluída a comparação entre as três fés monoteístas, começou a confrontar a nossa crença com as demais manifestações religiosas.

Tal disciplina, exibindo agora todos os *status* de uma academia, já não tem o Cristianismo como a religião referencial. Seus ideólogos rebaixaram a religião cristã ao animismo mais abjeto. Quanto ao Senhor Jesus, nivelaram-no aos xamãs uralo-altaicos e aos pajés ameríndios. Os acadêmicos dessa ciência, até mesmo os cristãos sinceros e convictos, são direcionados a igualar a santíssima fé e o Cordeiro de Deus às mais abjetas manifestações religiosas, que em nada diferem do culto a Baal, ou a Moloque, cujos rituais incluíam o oferecimento de crianças. A fim de que ninguém alegue que exagero em minha análise, darei, a seguir, uma definição da ciência da religião, que venho preparando, junto com a minha filha Karen de Andrade Bandeira, para um futuro trabalho:

A ciência da religião é um ramo de estudos que se propõe a listar e a comparar os fatos relativos às diversas religiões (suas origens, práticas, crenças, etc.). Seu principal teórico é o linguista alemão Friedrich Max Müller. Os adeptos de tais estudos alegam ser necessário distanciar-se do objeto estudado para, então, ser possível notar, entre as diferentes religiões, quais elementos são comuns a todas. O produto de tal comparação são as seguintes ideias falsas, amplamente difundidas hoje: 1) não existe uma religião certa ou errada; 2) é preciso haver uma plasticidade que permita, a determinada religião, assumir características de outras; 3) é preciso haver um livre trânsito dos fiéis, que lhes possibilite migrar, conforme desejarem, entre esta ou aquela crença; ou 4) a idealização de uma religião única e universal. Atualmente, os teóricos da Ciência da Religião esforçam-se para traçar, de forma bastante nítida, a fronteira que separa o objeto de estudo da Ciência da Religião, e o objeto de estudo da Teologia.

Responda-me, agora, querido e atento leitor, você acha que tal ciência é favorável à nossa santíssima fé? Para essa gente, o Senhor Jesus não passa de um mero fundador de religião; igualam-no a Maomé e a Buda. Deixo, aqui, o alerta do apóstolo Paulo aos jovens obreiros que, na ânsia por conhecimento, enviesam-se por esses caminhos sem volta: “Ó Timóteo, guarda o depósito que te foi confiado, tendo horror aos clamores vãos e profanos e às oposições da falsamente chamada ciência, a qual professando-a alguns, se desviaram da fé. A graça seja contigo. Amém!” (1 Tm 6.20,21).

4. *Opor-se à Igreja.* O Homem do Pecado opõe-se impiedosamente aos discípulos de Jesus Cristo (Jo 15.18,19). Ele sabe como usar o sistema mundano contra a Igreja. Mas, consolemo-nos, pois o que está em nós é mais poderoso do que o Maligno (1 Jo 4.4). Não temamos, pois, o que nos pode matar o corpo, mas nada pode fazer quanto à nossa alma (Mt 10.28). Querido pastor, mantenha a sua Igreja na Palavra de Deus. Ensine-lhe as verdades pentecostais. Ore para que o Senhor Jesus continue a batizar no Espírito Santo, a distribuir os dons espirituais, a curar os enfermos e a operar sinais, e maravilhas. Leve suas crianças, adolescentes e jovens a buscar o poder do alto. Caso contrário, ninguém poderá subsistir nestes dias maus e selvagens. Agindo dessa forma, poderemos chegar à Jerusalém Celeste, onde estaremos para sempre com o Senhor. Amém! Não busque alternativas mundanas para o crescimento de sua Igreja. O ensino da Bíblia Sagrada é mais do que suficiente para levar o seu rebanho, ainda que humilde e pobre, aos confins do mundo. Evangelize e faça missões.

III. A Destruição do Homem do Pecado

Vejam, agora, a ascensão, o auge e a ruína do Homem do Pecado. Ao contrário do Reino de Jesus Cristo, o império de Satanás não é eterno, mas temporal e efêmero.

1. *A ascensão de seu império.* Tão logo a Igreja seja arrebatada, Deus permitirá que Satanás, através de seus dois prepostos — a Besta e o Falso Profeta —, reine absolutamente por três anos e meio (Ap 13.5). O primeiro será um agente político; o segundo, conforme já vimos, um delegado religioso.

2. *O auge de seu império.* O Homem do Pecado, no auge de seu poder, dominará tanto a economia quanto a religiosidade humana, agrupando todas as coisas sob o seu comando (Ap 13.7,8, 16-18). O seu governo, a princípio, será aceito por todos sem qualquer contestação (Ap 13.4).

3. *A ruína de seu império.* Passados os três primeiros anos e meio de seu governo, o Anticristo começará a experimentar a ira do Cordeiro de Deus. Sua ruína ocorrerá no auge de sua administração (1 Ts 5.3). E, depois que todas as pragas se abaterem sobre o seu reino, será ele, juntamente com o Falso Profeta, lançado no Lago de Fogo, para onde será jogado também, após o Milênio, o arqui-inimigo de Deus — Satanás (Ap 19.20; 20.10).

Conclusão

O Homem do Pecado será o ser humano mais iníquo, mau e blasfemo de todos os tempos. Em termos de maldade, quer essencial, quer formal, será ele superado apenas por Satanás. Aparelhado pelo Diabo, há de se levantar contra a criação e contra o próprio Criador.

No entanto, ele não irá adiante, pois o Senhor Jesus Cristo o destruirá com o sopro de sua boca (2 Ts 2.8). Ninguém pode resistir ao Cordeiro de Deus, porque Ele é o Leão da Tribo de Judá — o Rei dos reis e Senhor dos Senhores. Glória a Jesus!

Jesus em breve virá! Ora vem, Senhor Jesus.

Capítulo 12

Jesus, o Homem Perfeito

Em maio de 2019, durante a minha estadia em Israel, estive no Jardim do Santo Sepulcro. E, ali, na companhia de minha esposa e de alguns queridos irmãos, entrei na tumba que, segundo a tradição protestante, abrigara, durante três dias, o corpo do Senhor Jesus Cristo. Alguns peregrinos, lembrando a morte do Filho de Deus, choravam; outros, celebrando-lhe a ressurreição, cantavam jubilosos: “Ressuscitou, ressuscitou”. Quanto a mim, observava tudo atentamente, com uma pergunta que, certamente, já fora externada por milhares de viajores cristãos: “Será esta, realmente, a sepultura do meu Senhor?”.

Acredito que jamais viremos a saber se aquele é, de fato, o jazigo sagrado, porquanto, desde que o Senhor Jesus foi assunto ao Céu, a Terra Santa foi submetida a diversas transformações. Se a escavarmos metodicamente, veremos, em suas várias estratificações superpostas, um perfeito compêndio da História Universal. Nessa camada, encontramos os assírios; naquela, os babilônios; naquela outra, os medos-persas e os gregos. E, mais além, selecionando cacos e pincelando lascas de cerâmicas, identificamos os domínios romano e turco. Logo, como identificar, nesse refugio de culturas e domínios, o lugar exato onde o Salvador do mundo foi inumado?

Seja como for, não preciso da localização exata do Santo Sepulcro, para fundamentar a minha fé na ressurreição de nosso Senhor. Para mim, o relato canônico é mais do que suficiente; os autores sagrados garantem-me que Ele ressuscitou, foi assunto aos Céus, acha-se à destra do Pai, e, em breve, há de retornar para buscar a sua Noiva — a Igreja.

Prossigamos, querido leitor, em nosso estudo. Ainda temos muito a aprender com os santos profetas e apóstolos do Senhor.

Se, no capítulo anterior, estudamos a parte mais sombria da doutrina bíblica do homem — a ascensão do Anticristo —, enfocaremos, hoje, o seu ponto mais glorioso: a encarnação do Filho de Deus como o Filho do Homem. Apresentaremos o Senhor Jesus Cristo como o ser humano perfeito.

Já de início, deixamos bem claro que a humanidade de Jesus não era aparente, mas real. Em tudo era igual a nós, exceto quanto ao pecado. Frisamos, outrossim, que as duas naturezas de Cristo — a divina e a humana — não são conflitantes, mas perfeitíssimas e harmônicas; uma jamais eliminou a outra. É por esse motivo, que somente Ele pode salvar o pobre e miserável pecador.

Que o Espírito Santo nos ajude a compreender essa maravilhosa e imprescindível doutrina da Bíblia Sagrada.

I. Jesus, Verdadeiro Deus

Professamos que o Senhor Jesus era, e é perfeitamente humano e perfeitamente divino. Ele não era meio homem, nem meio deus; era e é totalmente Homem e totalmente Deus. Neste tópico, enfocaremos a sua divindade.

1. Sua eternidade com o Pai. Como Filho do Homem, Jesus foi gerado, pelo Pai, na plenitude do tempo, através do Espírito Santo, no ventre virginal de Maria (Sl 2.7; Lc 2.1-12; Gl 4.4,5). Todavia, como Filho de Deus, Ele é eterno, sem início nem fim (Cl 1.15-17). Aliás, o Senhor Jesus não é somente eterno; Ele é o Pai da Eternidade (Is 9.6). Jesus Cristo, como Filho de Deus, é eternamente gerado, porquanto é tão eterno quanto o Pai.

Antes de sua encarnação, Ele estava no Pai e, no Pai, criou todas as coisas (Jo 1.3). Suas atividades eternas são lindamente descritas no

capítulo oito de Provérbios.

Os poetas gregos não tinham uma clara noção de eternidade. Apesar de serem celebrados, também, como teólogos, descreveram seus deuses como entes temporais; sujeitos aos caprichos do tempo. Haja vista a fantasia que cerca a origem de Zeus, o pai de todas as divindades do Olimpo. Segundo a mitologia, era ele filho de Reia e de Cronos. Temendo este que um de seus filhos viesse a destroná-lo, pôs-se a devorá-los tão logo nascessem. Para que isso não ocorresse com Zeus, o sexto filho, a prudente Reia, escondendo-o astutamente, livrou-o da voragem de Cronos.

A gênese de Cronos, o pai de Zeus, também é confusa. O titã que, implacavelmente, comandava o tempo, era temido por todos os gregos, porque ninguém escapava de suas voragens. Ele envelhecia os jovens e lançava o presente num arquivo morto. No entanto, nem o próprio Cronos, o deus do tempo, era eterno, pois ele mesmo tivera um pai — Urano. Pelo menos é o que ensinava o poeta Hesíodo (750-650 a.C.).

Ora, se Urano é mais poderoso do que Cronos e Zeus, respectivamente seu filho e neto, tinha ele o atributo da eternidade? Apesar de personificar o Céu, era tão temporal quanto as outras divindades. E, segundo essa confusa e grosseira mitologia, ele nascera igualmente de uma divindade anterior — Gaia, a deusa Terra, que, por sua vez, havia provindo do inexplicável Caos, o deus que surgira antes de todos. Nessa cadeia infindável de deuses, quem dentre eles detinha a perenidade? A resposta a essa pergunta, que nem chega a ser complexa e intrigante, é simples: como os deuses gregos (e também os romanos) eram uma extensão do ser humano caído e mortal, eram eles também caídos, apesar de sua pretensa imortalidade.

Mais tarde, os filósofos puseram-se, timidamente, a questionar a existência e a moral dos deuses. Mesmo assim, Sócrates (469-399 a.C.), “o mais sábio dos gregos”, nunca deixou de tributar suas honras a Apolo,

de quem, segundo ele, recebera a missão de educar a Grécia. Na verdade, nenhum daqueles pensadores logrou escapar às cadeias da idolatria. Quando da visita de Paulo a Atenas, tanto o povo quanto seus filósofos persistiam em honrar a criatura e a desonrar o Criador, embora prestassem tributos ao Deus Desconhecido (At 17.16-31).

Como se vê, querido leitor, os poetas gregos, conquanto ainda honrados como teólogos, não tinham uma noção clara de eternidade. Não obstante, acreditavam eles em várias matérias-primas eternas, por intermédio das quais vieram a existir tudo quanto vemos. Tendo em vista tais incongruências da civilização pagã, agarro-me cada vez mais à Bíblia Sagrada — a inspirada, inerrante e completa Palavra de Deus.

Se a Bíblia é tão lógica e racional, por que alguns teólogos ainda teimam em jungir o criacionismo divino ao evolucionismo profano e mentiroso de Charles Darwin? Enquanto os incrédulos embaralham-se nessa pergunta, voltemo-nos ao Senhor Jesus Cristo.

Nosso Senhor jamais esteve sujeito ao tempo — o terrível *chrónos* dos gregos. Isaías descreve-o como superior à própria eternidade (Is 9.6). Ao lado do Pai Celeste, já participava ativamente das obras divinas mais remotas: a eternidade, o tempo, os Céus e, finalmente, a Terra. Ele é o Filho Eterno do Pai Eterno. Não teve início de dias nem experimentará qualquer fim, conforme profetizou Miqueias: “E tu, Belém-Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade” (Mq 5.2, ARA).

As divindades gregas, segundo já observamos, possuíam uma árvore genealógica cheia de nódulos, galhos tortos e desfolhada: Gaia gerou Urano que gerou Cronos e que, finalmente, gerou Zeus — o ser mais imoral da Grécia. Quanto ao Senhor Jesus, embora, como Filho do Homem, tenha uma genealogia, na condição de Filho de Deus, não possui nenhum registro genealógico, porquanto é eterno, conforme

declara o apóstolo na Epístola aos Hebreus, ao descrever o Senhor Jesus Cristo, tendo por modelo o venerando Melquisedeque, sacerdote e rei de Salém (Hb 7.1-3).

2. Seus atributos, grandezas e perfeições. Jesus Cristo é a fonte da vida (Jo 1.4). Logo, Ele tem vida em si mesmo (Jo 5.16; Hb 7.16). Sendo Deus de Deus, é imutável (Hb 13.8). Ele é onipresente (Mt 28,20; Ef 1.22,23). Onisciente, sabe todas as coisas (Mt 9.4,5; Jo 2.24,25; At 1.24.25; Cl 2.3). Sua onipotência não pode ser ignorada, porque todo o poder, nos Céus e na Terra, acha-se em suas mãos (Mt 28.18; Ap 1.8).

Caso não houvesse o Novo Testamento, seria possível descobrir o Senhor Jesus no Antigo? Ora, se este está revelado naquele, sem dúvida haveríamos de encontrar, iluminados pelo Espírito Santo, o Messias de Israel e Salvador do mundo, desde o Gênesis a Malaquias. Isso porque, todos os autores sagrados, do Velho Pacto, foram não apenas inspirados a escrever sobre Jesus, mas igualmente iluminados a reconhecerem-no mesmo sem tê-lo visto (1 Pe 1.11).

Todavia, por que os judeus, atualmente, mesmo os mais eruditos e versados no Antigo Testamento, não logram encontrar o Senhor Jesus Cristo na Lei, nos Profetas e nos Escritos? A resposta vem-nos de Paulo que, ao discorrer sobre a necrose espiritual de Israel, lamenta a incredulidade de seu povo (2 Co 3.12-18).

É claro que, individualmente, não são poucos os israelitas que, ao lerem com atenção e temor o Antigo Testamento, vêm a encontrar, quer na Lei, quer nos Profetas, ou nos Escritos, o Cordeiro de Deus que tira o pecado mundo: Jesus de Nazaré. Observemos que, tanto o próprio Cristo quanto os seus discípulos, utilizaram as Escrituras da Velha Aliança, a fim de provar, por intermédio destas, que Jesus é, de fato, o Filho de Deus (Lc 24.25,26; At 8.35).

Quando de minha visita ao Muro das Lamentações, deparei-me com dezenas de judeus, vindos de todo o mundo, lendo, ali, aos pés daquele

venerando monumento, as Escrituras do Antigo Testamento. Muitos liam-na mecanicamente; outros, recordando as tragédias antigas e recentes de Israel, derramavam lágrimas contidas e reverentes. Todavia, senti, em meio aqueles homens ilustres e piedosos, um incômodo vazio espiritual. Vi-me, de repente, em pleno vale de ossos secos, a esperar pelo sopro do Espírito Santo sobre a descendência de Abraão. Aliás, isso há de acontecer, pois assim profetizou Ezequiel (Ez 37.11-14).

Essa profecia, querido e atento leitor, cumpre-se perante nossos olhos. Israel já nasceu como nação soberana. Em breve, há de renascer, também, como povo sacerdotal, profético e real. Voltemo-nos, pois, à nossa pergunta inicial: “É possível descobrir o Senhor Jesus no Antigo Testamento?”. Sim, Ele está, ali, com todas as suas perfeições, grandezas e atributos divinos.

3. *Esvaziou-se de sua glória, mas não de sua divindade.* Quando de sua encarnação, no ventre da virgem Maria, o Filho de Deus não se esvaziou de sua divindade, mas de sua glória (Fp 2.5-11). Conforme podemos atestar pelos versículos já mencionados, o Senhor Jesus, em seu ministério terreno, fazia uso de seus atributos divinos sempre que necessário.

Em sua oração sacerdotal, Ele reivindica, junto ao Pai, não a sua divindade, mas a glória que, desde a mais remota eternidade, desfrutara no perfeitíssimo e infinito círculo da Santíssima Trindade. Seus discípulos sabiam que Ele era e é Deus (Mt 14.33; Jo 1.49; 20.28).

II. Jesus, Verdadeiro Homem

A concepção, a encarnação e o nascimento do Filho de Deus não pegaram Israel de surpresa, pois os judeus sabiam, pelas Escrituras do Antigo Testamento, que o Messias em breve chegaria. Aliás, até mesmo o mundo gentílico alimentava essa expectativa. Infelizmente, os judeus, apesar de todas as evidências bíblicas, vieram a rejeitá-lo.

1. *Jesus estava no seio do Pai.* Antes de sua encarnação, o Senhor Jesus achava-se no seio do Pai (Jo 1.18). Mas não devemos supor que Ele estivesse inativo; pelo contrário. Sendo Ele o Pai da Eternidade, participou ativamente da criação do tempo, dos Céus e da Terra (Jo 1.3). Ele é o Verbo de Deus; todas as coisas vieram a existir por intermédio dEle (Jo 1.1-3). Sem Jesus Cristo, nada do que existe, existiria.

2. *Profetizado no Antigo Testamento.* A vinda do Senhor Jesus é profetizada em todo o Antigo Testamento. No Gênesis, Ele é a Semente da mulher; e, em Malaquias, o Sol da Justiça (Gn 3.15; Ml 4.2). Entre ambos os livros, há outras profecias carregadas de significados tanto para Israel como para os gentios.

Jesus é o tema das duas principais alianças da História Sagrada — a de Abraão e a de Davi (Gn 12.1-3; 2 Sm 7.16; Mt 1.1).

Fulton John Sheen (1895-1979), em sua obra *Vida de Cristo*, destaca um fato singularíssimo em relação a Jesus de Nazaré. Dos fundadores de religião, apenas Nosso Senhor teve a sua vinda anunciada por arcanos e profecias. Os outros, como Buda e Maomé, por exemplo, não; o aparecimento desses homens, como guias espirituais, foi meramente circunstancial.

Mas foi o Senhor Jesus, de fato, um fundador de religião? Se honramos a Bíblia, como a Palavra de Deus, colocá-lo-emos acima da religião; Ele é a própria religião, pois somente Jesus pode religar o ser humano caído ao Pai Celeste (Jo 14.6). Quanto aos outros, em que pesem as suas eventuais e duvidosas boas intenções, não foram capazes de providenciar salvação nem para si mesmos. Jesus Cristo é a única solução.

A Ciência da Religião persiste em igualar não somente o Cristianismo às demais religiões, como, blasfemamente, vem nivelando o Cristo de Deus a Buda, a Maomé e a Joseph Smith. Cuidado! Jesus Cristo é o único Senhor! Tratemo-lo com reverências e louvores, para que Ele não se ire (Sl 2.12).

3. *Encarnado no Novo Testamento.* O Filho de Deus tornou-se, de fato, carne (Jo 1.14). Sua humanidade, volto a repetir, não era ilusória; é real. Embora concebido sobrenaturalmente, o seu nascimento foi tão natural quanto o nosso (Lc 2.1-7). Sentiu nossas dores e incômodos; teve fome e sede (Mt 4.2; Jo 19.28). No jardim da agonia, experimentou profunda tristeza (Mt 26.38). À nossa semelhança, a humanidade de Jesus era completa; ele tinha corpo, alma e espírito (Mt 27.50, 58; Mc 14.34).

Concluindo, afirmamos que a humanidade de Jesus era perfeita; em nada diferia da nossa, exceto quanto ao pecado; Ele não estava sujeito quer ao pecado original quer ao experimental.

4. *Jesus nasceu na plenitude dos tempos.* Ao escrever aos gálatas, afirmou Paulo que “vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos” (Gl 4.4,5, ARA).

Em sua presciência, Deus levantou três significativos povos e culturas, a fim de preparar o mundo para recepcionar o seu Filho, e para cooperar na divulgação universal do Evangelho: Israel, por meio das sinagogas espalhadas por todas as nações (At 13,5, 18.4, 19.8); Grécia, por intermédio de seu idioma e filosofia — o exame natural das coisas pela luz natural da razão (At 11.20, 21.37; Rm 2.14-16); e, finalmente, Roma, por meio de suas leis, governo e estradas de excelente qualidade (At 25.10-12; 16.1-10).

A expectativa messiânica não se limitava à comunidade de Israel; a chegada do Filho de Deus era aguardada por nações distantes como Roma e China.

5. *Em Israel, Jesus é apresentado ao mundo.* O Filho de Deus que, segundo a carne, é também filho de Davi e de Abraão nasceu em Israel sob a Lei de Moisés e a de Roma (Mt 1.1, 2.1; Gl 4.4; Lc 2.1-5). Tendo Ele uma educação harmônica e perfeita, tanto diante de Deus quanto dos homens, iniciou o seu ministério aos 30 anos de idade (Lc 3.51,52; 3.23).

E, conforme veremos no próximo tópico, o Senhor Jesus foi, em todas as coisas, o mais perfeito dos homens.

III. Jesus, o Homem Perfeito

Afinal, o Senhor Jesus era, ou não, um ser humano semelhante a nós? Sim, era igual a nós, porém infinitamente melhor do que todos nós, pois não estava sujeito quer ao pecado original quer ao experimental.

1. A humanidade de Jesus. A humanidade de Jesus Cristo não era aparente; era tão real quanto a nossa. Em momento algum, Ele usou a sua divindade para suprir suas carências humanas. Não transformou pedras em pães nem fez brotar água da rocha, para aliviar a sua fome e sede (Mt 4.4; Jo 4.7-10). Todo milagre que realizou foi em favor dos que o procuravam (Mc 1.34; Lc 7.21). Nem as suas próprias enfermidades curou, pois, como o Cordeiro de Deus, ali estava para padecer todas as nossas dores.

2. Jesus, o Último Adão. O primeiro Adão fracassou no Éden; o Último Adão triunfou no deserto e no Calvário (Gn 3.6,23,24; Mt 4.1-11; 28.6,7). Embora divino, Jesus não era menos humano do que Adão; na plenitude de sua humanidade, venceu todas as tentações por nós, para que, nEle, fôssemos vivificados (1 Co 15.45).

Quando olhamos para o Senhor Jesus Cristo, concluímos que a humanidade não foi um fracasso, porque nEle e apenas nEle, somos plenamente redimidos (Hb 12.2).

3. A perfeição espiritual e moral de Jesus. Como já frisamos, o Senhor Jesus, embora dotado de uma natureza humana igual à nossa, jamais esteve sujeito quer ao pecado original, quer o pecado experimental. Eis o que escreveu o autor da epístola aos Hebreus: “Porque nos convinha tal sumo sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e feito mais sublime do que os céus” (Hb 7.26).

Tanto no falar quanto no agir, Jesus era perfeito. Nenhum dolo ou engano achava-se em seus lábios (1 Pe 2.21-24). Ele era perfeitíssimo em todas as coisas. Ele é o nosso excelso modelo (Ef 4.13).

O estudo de Cristo, conhecido em Teologia Sistemática, como Cristologia, é um consolo às nossas almas; leva-nos a glorificar a Deus por tão grande e inexplicável salvação. Todavia, precisamos viver a autêntica Cristologia bíblica. Atentemos ao próximo tópico.

IV. O Cuidado na Escolha do Texto Sagrado no Estudo da Cristologia Bíblica

Não tenho dúvidas de que o Espírito Santo, além de inspirar inerrante e completamente a escrituração da Palavra de Deus, supervisionou também os tradutores que se colocaram à disposição do Deus da Palavra. Todavia, temos de estar atentos a algo gravíssimo: o espírito pós-moderno vem influenciando, diabolicamente, algumas traduções da Bíblia Sagrada, levando-a a perder a sua eficácia na salvação da humanidade. Por esse motivo, temos de ser bastante seletivos no que concerne à escolha da tradução do texto canônico.

1. O melhor texto bíblico. Durante a redação deste tópico, assisti a uma conferência, pela internet, do Dr. Wilbur Pickering acerca do texto do Novo Testamento. Entre outras coisas, todas úteis e bem alicerçadas, o irmão Pickering denunciou a forma parcial com que os críticos textuais vêm tratando a Palavra de Deus conforme no-la transmitiram os autores sagrados.

Os tais críticos, desde o achamento do Codex Sinaiticus, no século XIX, puseram-se a decompor insolentemente o texto do Novo Testamento, que a Igreja Cristã vinha usando desde a era apostólica. E, para justificar sua predação, alegam a antiguidade daquele estranhíssimo documento encontrado por Constantin von Tischendorf, em 1859, no mosteiro de Santa Catarina, bem no sopé do monte Sinai. Afinal, que

outro manuscrito é mais antigo do que o Sinaiticus? Se é antigo, sua autoridade sobre os demais é inquestionável; grande engano.

Quanto aos pergaminhos que serviram de base ao texto do Novo Testamento que usamos — *Textus Receptus* — desgastaram-se com o seu uso continuado; o mesmo raciocínio aplica-se ao Texto Massorético do Antigo Testamento. Todavia, Deus usou Erasmo de Roterdã (1466-1536), a fim de analisar criteriosamente os manuscritos gregos do Novo Testamento, utilizados em sua época e procedentes da Igreja Bizantina, mais confiável do que a católica nesse sentido, para compor um magnífico documento conhecido como *Texto Recebido*. Se não fosse o trabalho desse homem, é bem provável que, hoje, não tivéssemos um trabalho digno de confiança e íntegro das escrituras apostólicas. Foi esse o texto que os reformadores usaram para traduzir a Bíblia Sagrada aos seus idiomas pátrios. Entre estes, podemos citar Martinho Lutero; sua Bíblia serviu de base para a criação da moderna língua alemã.

Para os críticos pós-modernos, antiguidade é tudo. Se o vinho é velho, por que não desqualificar o novo? Entretanto, a prudência recomenda-nos a desconfiar de certas paleologias. Nem todo vinho velho é bom. Alguns envelheceram porque não prestavam; ninguém os queria. O que diremos de Satanás? No Apocalipse, é identificado como a antiga serpente (Ap 12.9). E, por ser o Maligno bem mais antigo do que nós, iremos ouvi-lo? O mesmo raciocínio deve ser aplicado a esses códices divinizados por sua velhice.

Redigido em Alexandria, no Egito, por volta do IV século, o Codex Sinaiticus traz várias partes do Antigo Testamento e quase todo o Novo Testamento. Até apócrifos, traz. Não fosse a omissão intencional dos últimos 12 versículos do Evangelho de Marcos, o tal códice estaria completo; recomendável, jamais. Os erros, afirma o Dr. Pickering, são contradições em suas páginas; apesar das sutilezas de alguns desses erros e vacâncias, são fatais à sã doutrina.

Conforme o irmão Wilbur mostrou, no lugar em que deveriam estar os versos restantes de Marcos, há uma lacuna. Aliás, segundo o respeitadíssimo estudioso, o mesmo ocorre com o Codex Vaticano. Se você tiver a oportunidade de examiná-lo, constatará que é a única omissão de grande monta existente em todo o material; as demais falhas são menos gritantes, mas igualmente deletérias. O que teria acontecido? Que o texto foi escrito, não há dúvida. E que o mesmo texto, posteriormente, foi raspado, também não há dúvida. Mas por que foi apagada, do referido documento, justamente uma passagem pentecostal clássica? Por que o Diabo odeia tanto o Movimento Pentecostal?

Um tanto ressabiado, resolvi conferir a informação de Pickering. Fui ao fac-símile¹ do tal códice que temos na biblioteca da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. E, ali, entre o final de Marcos e o início de Lucas, deparei-me com a estranha lacuna. Para mim, alguém maldosa, ou acidentalmente, raspou aqueles doze versículos. Por essa razão, acredito eu, o responsável por aquela oficina de escribas achou por bem arquivar todo o material. Em casos semelhantes, aconselha-se a destruição do material defeituoso, prevenindo-se contra mal-entendidos posteriores. Se você quiser conferir essa informação, examine o aludido material na internet; a imagem já está disponível.

Mas os problemas com esses “antigos e infalíveis” códices não se limitam a essa omissão. Aqui e ali, suas falhas erguem-se contra a genuína Cristologia do Novo Testamento. Vejamos 1 Timóteo 3.16.

Na tradução de João Ferreira de Almeida Corrigida e Revisada Fiel ao Texto Original, lemos: “E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: Deus se manifestou em carne, foi justificado no Espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, recebido acima na glória”. Se nos voltarmos, agora, à versão Almeida Revista e Atualizada no Brasil, deparar-nos-emos com uma modificação seriamente preocupante: “Evidentemente, grande é o mistério da piedade: Aquele

que foi manifestado na carne foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória”.

Na primeira versão, os tradutores usaram o *Texto Recebido*. Texto esse, aliás, utilizado também pelos reformadores e pelos eruditos do James I, da Inglaterra. Quanto aos tradutores da segunda versão, lançaram mão certamente do Codex Sinaiticus. A essas alturas, poderá você perguntar-me: “No segundo texto, a presença da segunda Pessoa da Santíssima Trindade já não está subentendida?”.

Você não precisa ser doutor em hermenêutica, para saber que essa mudança, aparentemente pequena e até sutil, traz sérias implicações ao texto sagrado. Em primeiro lugar, quem se manifestou em carne? O Filho de Deus ou um ser humano qualquer? Isso porque, todos nós, filhos de Adão e Eva, entramos neste mundo manifestados em carne. Ademais, essa alteração transformou um texto que, no original, era uma Cristologia descendente e dedutiva, numa Cristologia indutiva e ascendente. Ou seja: da belíssima passagem de Paulo foi extirpado todo o significado original. Agora, ela pode ser aplicada a qualquer líder religioso como Buda e Maomé, ou Joseph Smith. Para nós, acostumados ao texto sagrado, não há problema, pois, do contexto, inferimos logo o significado do escrito. Todavia, os que não estão afeitos à Cristologia bíblica, poderão chegar a conclusões perigosas.

Se você, querido leitor, perguntar-me que tradução da Bíblia Sagrada recomendo, citarei estas três, na seguinte ordem: Almeida Corrigida Fiel, Almeida Revista e Corrigida e Almeida Revista e Atualizada. Quanto a esta última, tenho uma ressalva a fazer: ela seria muito boa caso não viesse com os aparatos críticos; estes podem ser úteis aos especialistas, mas desnecessários ao crente que, em sua busca pelo Senhor, querem tão somente ouvir a voz de Deus.

2. Livros, apostilas e tratados. Na redação de um trabalho como este, sei que não devo limitar-me ao texto bíblico. Constantemente, sou

obrigado a recorrer aos teólogos que, desde os dias apostólicos, vêm santificando-se por entender a Pessoa e a Obra de Nosso Senhor. Somente assim, terei condições de aferir a minha teologia com a dos que me precederam e com a dos que, juntamente comigo, consagram-se no estudo da sã doutrina. Nessas pesquisas, porém, obrigo-me a ser cuidadoso, prudente e seletivo.

Há livros que são confiáveis do início ao fim. Há outros que, astutamente, buscam desconstruir o edifício da teologia cristã. Não podemos esquecer-nos dos que, aberta e claramente, declaram-se contrários ao espírito doutrinário da santíssima fé. Haja vista Rudolf Bultmann e a Albert Schweitzer. Se o primeiro foi ao encalço do Jesus demitologizado; o segundo, desprezando o Cristo da fé, achou-se perdido tentando encontrar o Cristo Histórico.

Não posso ignorar os posicionamentos de Bultmann e Schweitzer. Mas, na prática, que edificação proporcionarei aos meus leitores divulgando tais absurdos? Por essa razão, sejamos criteriosos em nossas bibliografias, pois o tempo é mais curto do que supomos; é preciso remi-lo. Não há teólogo capaz de entender perfeitamente, em sua essência, a Cristologia. Somente o Pai para conhecer o Filho, e somente o Filho para conhecer o Pai. Todavia, há teólogos que, não obstante suas limitações, esforçaram-se por compreender a Santíssima Trindade como Atanásio e os três grandes capadócijs. E, para tanto, não recorreram à filosofia, mas foram às Escrituras Sagradas e aos doutores piedosos da Igreja Cristã. Obtiveram êxito, não porque fossem superiores a nós, mas porque mantinham uma estreita comunhão com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo. Que Deus nos ajude a conhecer a sua Palavra.

Conclusão

Olhando firmemente para Jesus, o autor e consumidor de nossa fé, chegaremos à estatura de varão perfeito — homens e mulheres moldados pelo Espírito de Cristo. Ele é o nosso consumado exemplo em todas as

coisas. E, por Ele, ansiamos. Quando do arrebatamento da Igreja, estaremos para sempre com o nosso Amado Salvador — Jesus Cristo, Verdadeiro Homem e Verdadeiro Deus. Amém. Louvado seja o Cordeiro.

Ao estudarmos o Senhor Jesus Cristo, como o Homem Perfeito, deparamo-nos com uma sublime matéria teológica — a Cristologia —, que, se estudada com devoção e piedade, levar-nos-á mais perto do Salvador Amado. Hoje, ainda não podemos conhecê-lo em sua plenitude, mas, quando estivermos na Jerusalém Celeste, cumprir-se-á o que escreveu o Evangelista:

Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é. E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro. (1 Jo 3.2, ARA)

¹ **N. do E.:** Fac-símile é uma reprodução exata de um escrito, assinatura, imagem. Uma cópia idêntica ao original.

Capítulo 13

O Novo Homem em Jesus Cristo

A Revolução Francesa (1789-1799), uma das maiores excrescências da História, tinha como proposta a criação de um novo homem. Profanando os valores cristãos, abandonou a semana de sete dias e criou uma que, segundo seus mentores, levaria a França a um progresso jamais imaginado. Nessa toada de iniquidades, o matemático Gilbert Romme (1750-1795), visando levar os franceses a esquecer dos feriados cristãos, inventou a semana de 10 dias. Dessa forma, os que teimavam em lembrar a ressurreição de Jesus, ficariam desprovidos de seus domingos. Ainda não satisfeitos, elaboraram a hora de 100 minutos e o minuto de 100 segundos; uma descabida violência às ciências exatas e fisiológicas.

De início, parecia que tudo ia funcionar melhor do que antes. Mas, com o decorrer do tempo, as leis naturais, instituídas pelo Deus da Bíblia Sagrada, começaram a requerer os seus tributos. Os trabalhadores, por já não terem o sétimo dia para descansar, caíam de exaustão. Nas oficinas, ateliês e fábricas, os acidentes cresciam exponencialmente; a produção, enquanto isso, decrescia a olhos vistos. No campo, o agricultor e o boieiro já não tinham forças para levar avante suas lidas e obrigações, causando o desabastecimento do país.

Passados aqueles dez anos de trevas, ignorância e brutalidade, o único homem novo que a Revolução Francesa logrou apresentar ao mundo foi Napoleão Bonaparte (1769-1821), um dos tiranos mais cruéis e sanguinários de todos os tempos. Sobre o seu lindo sarcófago, exposto no Hôtel National des Invalides, pesa a morte de dois milhões e trezentas mil pessoas.

Nesse mesmo raciocínio, podemos tratar as “revoluções” comunista e nazista. A primeira gerou Joseph Stalin (1878-1953), um assassino frio e impiedoso, responsável direto pelo assassinato de, pelo menos, 20 milhões de russos. Quanto à segunda, produziu um genocida calculista e soberbo, que, formado na escola de Stalin, forçou o mundo a uma guerra, que levaria mais de 60 milhões de pessoas à morte. Hitler, tão antisemita quanto o seu homônimo soviético, exterminou seis milhões de judeus.

Esses são os “homens novos” concebidos pelos movimentos que, engendrados no coração de Satanás, ignoram a Palavra de Deus e blasfemam do Deus da Palavra. Todavia, quando nos voltamos às Sagradas Escrituras, deparamo-nos com o único poder capaz de transformar o homem arruinado pela iniquidade em uma nova criatura: o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Mas, a essas alturas, alguém, tomado pelo ceticismo, talvez me inquirir: “É possível ao ser humano alcançar a perfeição espiritual nesta vida?”. Do ponto de vista meramente antropológico, não. Todavia, quando abrimos a Bíblia Sagrada, querido leitor, constatamos que tal perfeição não somente é possível, como desejável e requerida de todo aquele que professa o nome de Deus.

Se nos valermos de nossas forças, jamais a experimentaremos. Em Jesus Cristo, porém, a nossa velha natureza renasce para a vida eterna. E, assim, o ideal que Deus estabelecera para o primeiro Adão torna-se possível, em seu Filho, o Último Adão.

Neste capítulo final, estudaremos a regeneração, a justificação, a santificação e a glorificação do novo homem em Cristo.

Que o Espírito Santo nos ilumine nesta aula. Senhor, tenha misericórdia de nós.

I. O Nascimento do Novo Homem

Nicodemos era um clássico rabino judeu da época do Novo Testamento. Embora versado na Lei, nos Profetas e nos Escritos, jamais tivera, até a sua

entrevista com o Senhor Jesus, um encontro real e experimental com Deus. Mas, ao procurar o Mestre Divino, o afamado teólogo vê-se face a face com a Teologia; Jesus é a fonte de todo o saber, quer divino, quer terreno (Cl 2.3). E, já assentado aos pés do meigo Nazareno, cumpre-se na vida do humilde e piedoso fariseu o que havia profetizado Jeremias: “Invoca-me, e te responderei; anunciar-te-ei coisas grandes e ocultas, que não sabes” (Jr 33.3, ARA). Que coisas grandes e ocultas ignorava Nicodemos? Uma delas, segundo veremos mais adiante, era o nascer de novo; a nova criatura não é gerada nem da carne, nem do sangue, mas de Deus, da água e do Espírito.

1. *Nascido não do sangue nem da carne.* No prólogo de seu evangelho, o apóstolo João afiança que o novo homem, em Cristo, é, antes de tudo, uma criação espiritual; não é gerado nem do sangue, nem da carne, mas de Deus (Jo 1.12,13). Apesar do pecado do primeiro Adão, nós podemos renascer para Deus, por meio dos méritos de Jesus, o Último Adão.

A atuação do Espírito Santo, no interior do ser humano, é o milagre mais expressivo que Deus pode operar em nossa vida. Ao nascer de novo, o homem experimenta um novo gênesis — a comunhão plena com o Pai Celeste (Rm 8.16). Nem o próprio Adão usufruiu de um relacionamento tão íntimo com o Senhor.

Um dos exemplos mais emblemáticos do novo nascimento, na História Sagrada, é o de Saulo de Tarso. Embora irrepreensível quanto à guarda da Lei de Moisés, ainda não compreendia o espírito das ordenanças e mandamentos divinos. Foi-lhe imprescindível o confronto no caminho, em direção a Damasco, para que o iracundo fariseu entendesse que o fim da Lei é Cristo (Rm 10.4). A partir daquele instante, eis que o irascível Saulo é transformado em Paulo — o apóstolo e doutor dos gentios (2 Tm 1.11).

2. *Nascido de Deus.* O nascimento do novo homem é descrito, pelo evangelista, como o ato de nascer de Deus (Jo 1.12). Isso implica na

aceitação, pela fé, do plano de Salvação que o Pai Celeste elaborou bem antes da fundação do mundo (Ap 13.8). Tornar-se nova criatura, em Cristo, é o auge da bem-aventurança humana (2 Co 5.17; Gl 6.15). Logo, nascer de Deus é tornar-se filho de Deus pela fé.

Quando o pecador, após ouvir o evangelho, converte-se a Jesus Cristo, dá-se, em sua vida, um nascimento sobrenatural, que, operado pelo Espírito Santo, transforma-o em uma nova criatura (1 Jo 5.1). A partir desse instante, ele começa a participar da natureza divina, conforme explica o irmão Pedro: “Pelas quais ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que por elas fiquéis participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção, que pela concupiscência há no mundo” (2 Pe 1.4).

Tornar-se partícipe da natureza de Deus não implica na divinização do pecador arrependido, mas em sua imediata adoção como filho desse mesmo Deus amoroso e bom (Gl 4.6). Por esse motivo, não podemos concordar com a teologia ortodoxa oriental, que, fugindo ao espírito do Novo Testamento, ensina que a pessoa, já no ato de sua conversão, é submetida a um processo de divinização — *theosis*, em grego. De acordo com as Escrituras, estar unido a Deus não faz do homem um deus nem um meio-deus, mas leva-o a identificar-se como discípulo de Jesus Cristo.

3. *Nascido da água.* O batismo em águas só tem efeito salvador, quando recebido pela fé (Mc 16.16). Se devidamente observado, simboliza não apenas a morte e a ressurreição de Cristo, como também o renascimento espiritual daquele que o recebe como Salvador e Senhor (Rm 6.1-12). Dessa forma, cumpre-se o que Paulo escreveu, asseverando que Jesus nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo (Tt 3.5). Dessa experiência, ressurge o novo homem em Jesus Cristo.

O batismo, ordenado por nosso Senhor, constitui-se num sermão dramático e vividamente teológico. Tendo as águas por cenário, quer corrente, quer paradas, o oficiante e o batizando encenam, por intermédio de atos e palavras, todo o drama do Calvário: a morte e a ressurreição de Jesus. Naquele momento, o pecador arrependido assume pela fé, nos méritos do Cordeiro de Deus, toda a sua condição de mártir — testemunha plena de Cristo (Lc 24.48). Ele confessa ao mundo acreditar no sacrifício redimidor do Filho de Deus e, por esse sacrifício, está pronto a oferecer a sua vida.

Ao descermos às águas batismais, comprometemo-nos, junto à Santíssima Trindade, a ser e a agir como mártires de Jesus Cristo. O mártir não é apenas o que morre por sua fé em Cristo. Mas aquele que, por amor a Deus, se oferece todos os dias em holocausto suave ao Pai Celeste. Nesse sentido, o batismo é uma das evidências da salvação; é um credo em forma de drama.

4. *Nascido do Espírito Santo.* A regeneração só é possível por intermédio da atuação do Espírito Santo na vida do pecador arrependido; é Ele quem opera o novo nascimento (Jo 3.6). Esse ato regenerador não pode ser explicado em linguagem humana (Jo 3.8). Somente a partir dessa ação sobrenatural, em nossa alma, é que o novo homem, em Cristo, torna-se possível (Gl 6.15). Temos, aí, a genuína conversão.

O nascer do Espírito Santo implica numa rendição total ao Senhor Jesus. Essa entrega, querido leitor, põe todo o nosso ser à sua inteira disposição: corpo, alma e espírito. E, dessa forma, a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade começa a operar em nós, desde o nosso espírito, a parte mais recôndita e íntima do nosso ser, passando pela alma, que nos coloca em contato com o mundo físico, finalizando a sua operação regeneradora e santificadora em nosso corpo — a parte de nosso ser mais afetada pelo pecado. A partir daí, tornamo-nos templos do Espírito Santo (1 Co 6.19). Concluindo, o nascimento que o Divino Consolador opera

em nosso âmago é algo que vem de dentro para fora; começa em nosso espírito até alcançar todo o nosso ser. Nesse ponto, já estamos no usufruto pleno da natureza de Deus, conforme escreve o apóstolo Pedro (2 Pe 3.1-7).

II. A Justificação do Novo Homem

O novo homem nasce, por meio da fé em Jesus Cristo, num contexto de injustiça e pecado. Por isso, precisa de um novo *status* diante do tribunal de Deus — a justificação pela fé.

1. A inutilidade da justiça humana. Nossas obras, ainda que boas e aparentemente meritórias, não nos salvam nem nos justificam diante de Deus (Ef 2.8,9). Aliás, são elas consideradas trapos de imundície (Is 64.6). Só existe um meio de obtermos a salvação e de nos justificarmos perante o Justo Juiz: a fé nos méritos perfeitíssimos de Jesus Cristo (Rm 5.1).

A partir deste processo, o novo homem passa a ter um novo *status* jurídico perante Deus (Rm 5.9).

2. A maravilhosa doutrina da justificação. Ao pecador que, pela fé, recebe a Jesus, Deus lhe concede mais do que um mero perdão e muito mais do que uma anistia; concede-lhe o *status* de justo. A anistia e o perdão não mudam a posição jurídica de um réu, mas a justiça de Cristo, sim (1 Co 6.11).

3. O novo homem é justo. A partir de sua conversão, o pecador passa a ser visto por Deus como se jamais tivesse cometido qualquer injustiça; doravante, é um justo aos olhos de Deus (1 Jo 3.7). Haja vista o que houve com o ladrão que, na cruz, creu no sacrifício de Jesus Cristo (Lc 23.42,43).

Na redenção do pecador, operam conjunta e harmonicamente estes inexplicáveis atributos divinos: o amor e a justiça. Não há dúvida de que Deus ama a todos com um amor eterno e inexcedível. O amor divino, porém, fugindo aos rompantes do romantismo irresponsável e trágico,

tem um caráter pactual: exige do pecador uma fé salvadora genuína e um arrependimento sincero. Não basta ao homem um mero assentimento intelectual quanto à eficácia do sacrifício de Cristo no Calvário, nem um mero remorso concernente ao seu passado nada recomendável. É imperioso que a pessoa, já cônica das reivindicações do evangelho, curve-se incondicionalmente aos pés da cruz.

Quando o pecador, reconhecendo o seu *status* de réu diante de Deus, busca em Cristo o seu único e suficiente mediador, opera-se de imediato, junto ao trono do Justo Juiz, um procedimento jurídico denominado biblicamente de justificação. Nesse momento, sem qualquer burocracia ou decorrências, o *status* desse pecador muda radicalmente: de réu condenado ao Lago de Fogo, passa ser visto, por Deus, como justo, porque doravante estará comprometido com a justiça divina e a praticará por toda a sua vida (1 Jo 2.29).

III. A Santificação do Novo Homem

Ao contrário da regeneração, que é um ato instantâneo, a santificação é um processo que demanda toda a nossa vida até alcançarmos a estatura de varões perfeitos.

1. A santificação como posicionamento. No exato instante de sua conversão, o pecador arrependido passa a ser visto não apenas como justo, mas também como santo por Deus e pela Igreja (1 Co 1.2). Já separado do mundo, torna-se propriedade exclusiva do Senhor (Êx 19.5; 1 Pe 2.9). Posicionalmente é santo, embora esteja ainda em processo de santificação.

2. A santificação como processo. O novo homem, em Cristo, ainda que seja visto como santo, e realmente o é, terá de submeter-se a um longo e disciplinado processo de santificação, até que venha a alcançar a estatura do Filho de Deus (Pv 4.18; Ef 4.13).

Na santificação do novo homem, a Palavra de Deus é imprescindível, pois nos conduz ao ideal cristão: perfeição e santidade, para que em tudo

sejamos imagem e semelhança de Deus (Gn 17.1; Mt 5.48; 1 Pe 1.16).

3. *A santificação é a vontade de Deus no novo homem.* É impossível que haja um novo homem sem o processo de santificação (Hb 12.14). Quanto mais nos santificamos, mais parecidos nos tornamos com o Senhor Jesus; somos seus imitadores (1 Co 11.1). Logo, devemos ver a santificação como a vontade suprema de Deus para a nossa vida (1 Ts 4.3). Mas, se acidentalmente pecarmos, o sangue de Jesus Cristo nos purifica de toda a injustiça e impureza (Jo 1.7). Cuidado, querido leitor, com os pecados cometidos de forma consciente e premeditada, pois, no âmago dessas práticas, há uma blasfêmia velada contra o Espírito Santo, conforme nos adverte o apóstolo (Hb 10.26-31).

4. *Nosso compromisso com a santificação.* Que a Igreja de Cristo volte a pregar, com mais instância e urgência, a doutrina da santificação, pois nenhum impuro ou profano entrará na Jerusalém Celeste (Ap 21.8).

Organizemos, a partir de agora, congressos, fóruns e conferências sobre esse tema. Resgatemo-lo! Nas últimas décadas, essa tão necessária e urgente doutrina vem sendo esquecida em não poucos púlpitos e cátedras. Ao invés dessa temática, que permeia toda a Bíblia Sagrada, observamos alarmados e, às vezes, impotentes, uma enxurrada de modismos e tralhas, rotuladas de teologias, nos invadirem as igrejas. Além das velhas, más e perversas: prosperidade e confissão positiva; temos, agora, a grotesca teologia do *coaching*. Tais coisas, querido leitor, jamais nos levarão às moradas divinas.

Preguemos a santificação, a pureza e os bons costumes. Se não o fizermos, veremos nossas crianças arruinadas numa sociedade que jaz sepultada no Maligno. Resgatemos, pois, a nossa identidade pentecostal. Cuidemos da sã doutrina. Zelemos pelos dons espirituais. Ensinemos os meninos, os adolescentes, os jovens e os novos crentes a buscar o batismo no Espírito Santo. Se não o fizermos, a próxima geração de crentes de nossa querida Igreja ignorará por completo as verdades pentecostais; não

saberá sequer que o derramamento do Espírito Santo ainda é para os nossos dias.

Conclusão

Querido leitor, se você ainda não recebeu Jesus como o seu Salvador e Senhor, faça-o agora mesmo. Não retarde mais esta tão importante decisão. Este é o momento da oportunidade.

E, quando do arrebatamento da Igreja, você será semelhante ao Senhor Jesus, porque esta é a promessa que Ele nos fez por intermédio do apóstolo João: “Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos” (1 Jo 3.2).

Sim, nós os redimidos do Cordeiro, seremos glorificados. E, nessa bem-aventurança, estaremos para sempre com o Senhor.

Como vimos, no decorrer deste livro, o ser humano, ainda que destituído da glória de Deus, pode ser resgatado, salvo e transformado numa nova criatura. Enfim, o novo homem só é possível por intermédio do Evangelho de Cristo. Revolução alguma, quer de esquerda, quer de direita, será capaz de levar-nos a viver uma nova realidade espiritual. A mensagem da cruz, sim. É o que vimos testemunhando em nossas igrejas e congregações. Portanto, querido amigo, não perca mais tempo, aceite, agora mesmo, o Senhor Jesus como o seu único e suficiente Salvador. Cristo é a única esperança.

Que o Cordeiro de Deus seja eternamente louvado!



O GOVERNO DIVINO EM MÃOS HUMANAS

*Liderança do Povo de Deus
em 1º e 2º Samuel*



Osiel Gomes

O Governo divino em mãos humanas

Gomes, Osiel

9788526319073

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

A liderança de Davi e de Salomão, como descrito em 1 e 2 Samuel contrasta com a conflituosa e instável vivência no livro de Juízes e ressalta a significância de bons e verdadeiros líderes, que tenham compromisso com Deus e queiram, de fato, fazer a Sua vontade. Nesta obra, faremos um passeio pelos livros de 1 e 2 Samuel que compreendem 130 ou 140 anos, envolvendo os seguintes personagens: Samuel, Saul e Davi, cada um apresentando algo positivo e algo negativo.

[Compre agora e leia](#)



Elinaldo Renovato

TEMPO, BENS E TALENTOS

*Sendo mordomo fiel e prudente
com as coisas que Deus nos tem dado*



Tempo, Bens e Talentos

de Lima, Elinaldo Renovato

9788526319127

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Livro de apoio à revista Lições Bíblicas de Adultos do 3º trimestre de 2019 da Escola Dominical. Quando nós aceitamos Jesus e nos convertemos, nos tornamos servos de Deus, logo, nos submetemos à vontade dEle em todas as áreas da nossa vida. Esta obra trata de assuntos que são recorrentes no dia a dia do cristão. Elinaldo fala sobre a mordomia cristã no sentido de administração dos bens espirituais e materiais que o próprio Deus nos concede.

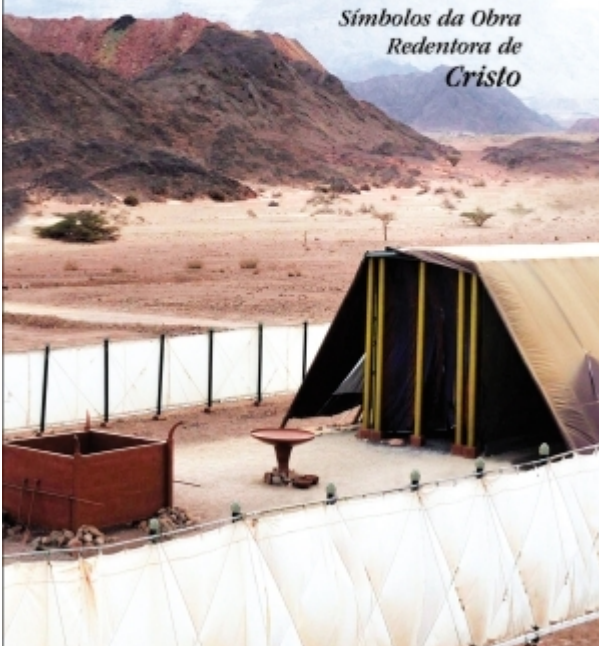
[Compre agora e leia](#)



Elienai Cabral

O TABERNÁCULO

*Símbolos da Obra
Redentora de
Cristo*



O Tabernáculo

Cabral, Elienai

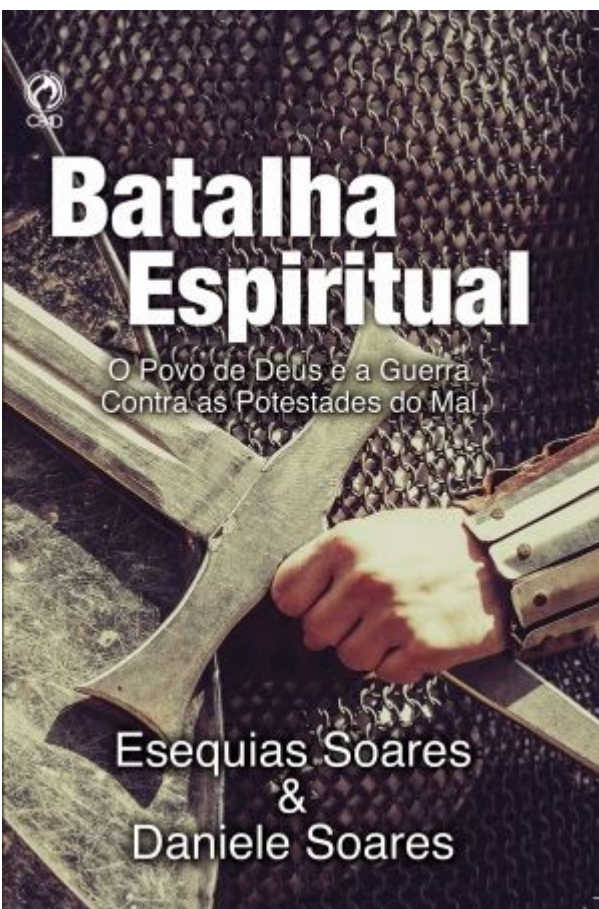
9788526318687

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Estudar o Tabernáculo leva a um profundo conhecimento bíblico que revela verdades espirituais para a vida e a uma reflexão sobre o tipo de relacionamento que Deus sempre procurou com Seu povo. E ainda hoje Ele busca habitar em nosso meio, rompendo as barreiras do pecado que insistem em nos separar. O Tabernáculo era a presença física de Deus na terra para que os homens pudessem ver a manifestação da presença divina através de objetos que foram cuidadosamente escolhidos por Deus, entre eles a Arca da Aliança. Nesta obra estudaremos sobre o Tabernáculo e entenderemos que ele era um tipo perfeito de Jesus Cristo, pois Ele também foi a manifestação visível de Deus e habitou no meio do povo. Livro escrito como texto de apoio à revista Lições Bíblicas de Adultos do 2º trimestre de 2019 da Escola Dominical, comentadas também pelo autor do livro, pastor Elienai Cabral.

[Compre agora e leia](#)



Batalha espiritual

Soares, Daniele

9788526318649

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Esta necessária obra mostra e explica com base bíblica e histórica a realidade da batalha espiritual nos seus vários aspectos a fim de que o cristão possa, de fato, se preparar adequadamente para enfrentar esta importante realidade espiritual. O conceito de batalha espiritual na Bíblia afirma "que todo o mundo está no maligno" (1 Jo 5.19). Existem seres malignos e espirituais que desde o princípio conspiram contra Deus e contra os seres humanos para a destruição e o caos no mundo. Os cristãos se opõem a essas forças malignas pela pregação do evangelho, pela oração e pelo poder da Palavra de Deus. Os demônios existem; eles são reais e manifestam-se de várias maneiras, principalmente nas pessoas possuídas, e tais espíritos precisam ser expulsos. A essa oposição dos crentes chamamos "batalha espiritual", assunto que todos devemos tratar com seriedade e muita responsabilidade.

[Compre agora e leia](#)



As Parábolas de JESUS

As verdades e princípios divinos
para uma vida abundante

WAGNER TADEU GABY E
ELIEL DOS SANTOS GABY

As parábolas de Jesus

Gaby, Wagner Tadeu dos Santos

9788526318045

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

A maneira predileta de Jesus ensinar era pelo uso de parábolas. No Novo Testamento, Jesus utilizou as parábolas como recurso na transmissão de sua mensagem com o objetivo de compartilhar uma verdade espiritual de modo que fosse compreendida de maneira simples, e para isso, usou exemplos do cotidiano de quem o ouvia. Ao ler esta obra, você entenderá o que são parábolas, como interpretá-las e estudará as principais parábolas de Jesus extraindo delas suas verdades espirituais escondidas.

[Compre agora e leia](#)